3 1761 07045011 9

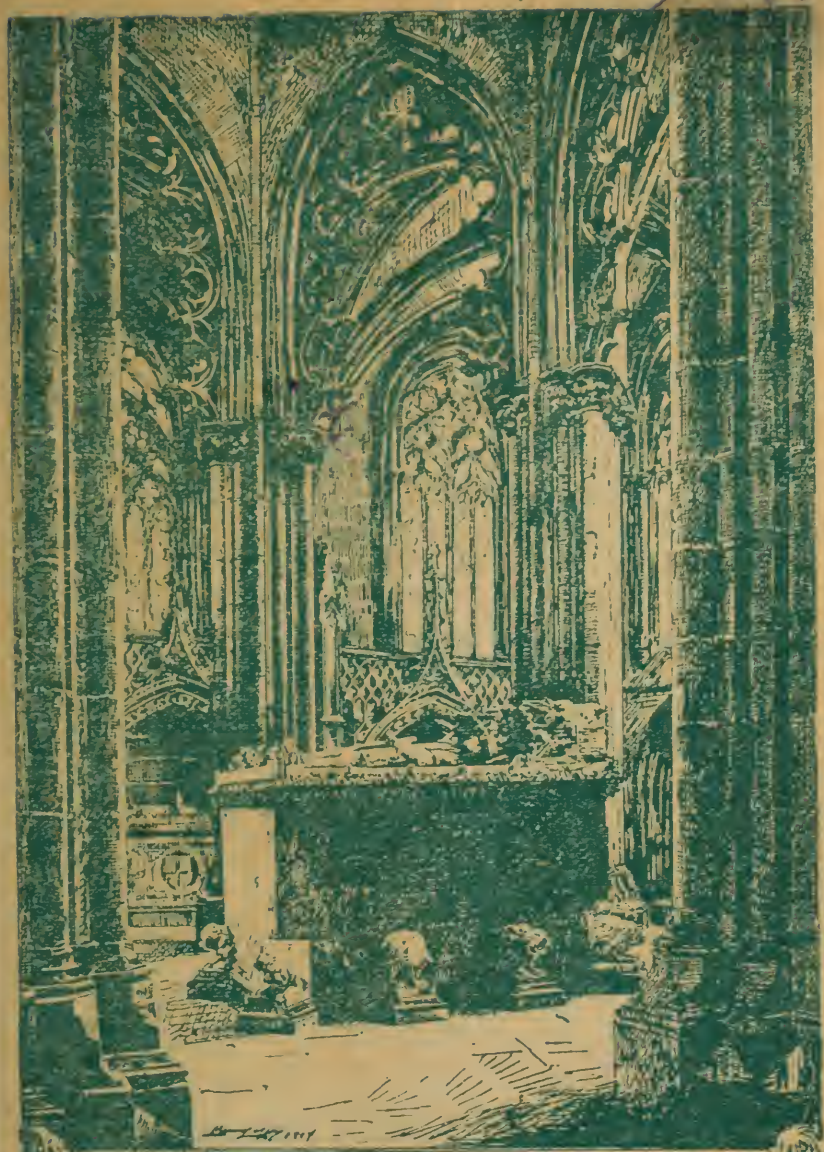
CAMILO

MOSAICO

PQ
9261
C3A16
18--

22

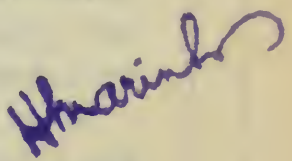
E.ª de S.ta Cruz COIMBRA



Capela do Fundador — na egreja da Batalha

COLECÇÃO LUSITÂNIA

CAMILLO CASTELLO BRANCO



MOSAICO E SILVA

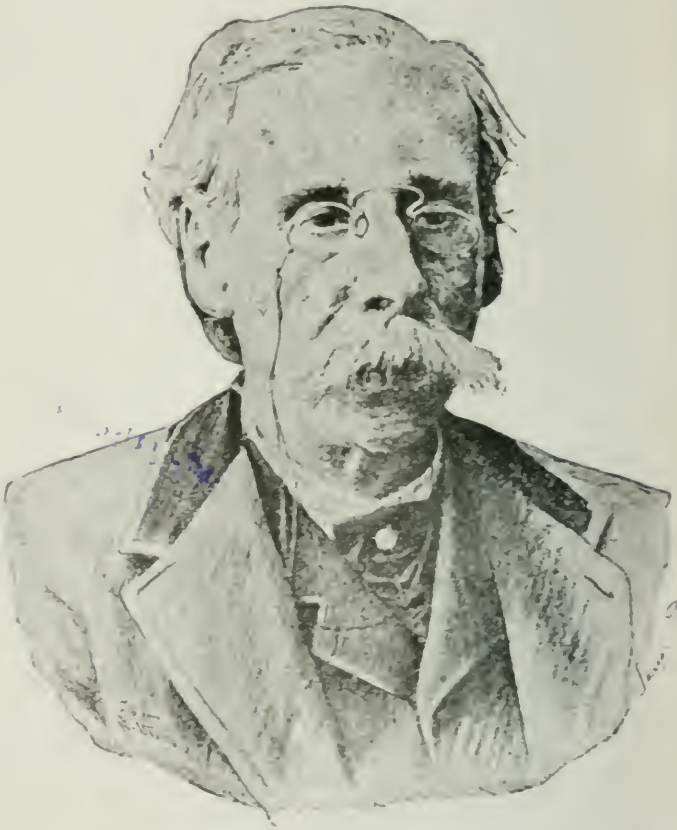
Colecção Lusitánia

Esta colecção, de que já estão publicados 50 volumes, é a mais selecta, económica e elegante de quantas se têem editado em português, e destina-se a vulgarizar, não só as obras primas da literatura pátria, como também, em cuidadas traduções, as melhores da literatura estrangeira.

Possuir a Colecção Lusitánia completa o mesmo é que possuir uma pequena biblioteca.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mosaicoesilvadec00cast



CAMILO C. BRANCO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

MOSAICO E SILVA

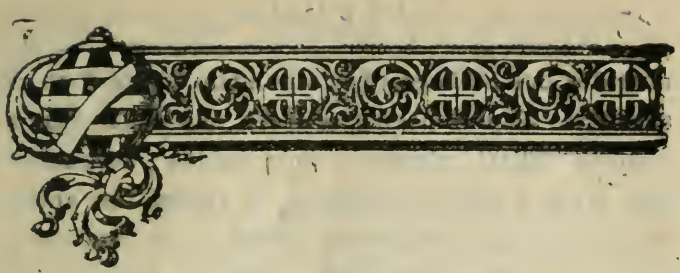
— DE —

CURIOSIDADES HISTORICAS, LITTERARIAS
E BIOGRAPHICAS

LIVRARIA CHARDRON, de Lélo & Irmão,
L.da, edit. — Rua das Carmelitas, 144 — Pôrto

LIBRARY
DEC 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

Pôrto — Artes Gráficas



DO EDITOR

A fórma d'este livro é inteiramente nova entres nós. No mesmo gosto, em França, já Ludovic Lalanne, o bibliophilo Jacob e Victor Fournel tinham emprehendido varias collecções de estudos litterarios, archeologicos, historicos e biographicos a que puzeram o titulo de *Curiosidades*, formando assim a rica *Bibliothèque de Poche*. O snr. Camillo Castello Branco, respigando as nossas antigualhas por esfarrapadas chronicas e vetustos cartapacios, não como philologo mas como humorista, formou o bello ramilhete que apresentámos hoje ao publico apreciador ; é no mesmo gosto da collecção intitulada *Cavar em ruinas*, mas aqui o trabalho da erudição justifica o titulo de *Mosaico* que escolhemos para a obra. Os traços biographicos, inteiramente desco-

nhecidos dos bibliographos, abundam n'este livro ; as anecdotas de personagens celebres, que se não lêem na historia official, surgem a cada pagina ; as tradições dos sitios e dos monumentos, a critica dos antigos escandalos, pelos poetastros coevos, os documentos inéditos, e as allusões frequentes, tornarão o livro appetecido e procurado. O snr. Camillo Castello Branco, sentindo esterilizar-se-lhe as faculdades inventivas, vai insensivelmente substituindo o romance pela erudição.

Por este livro se verá o que um espirito distincto póde forragear ainda em um campo safaro e sem verdura.

A innocencia das aldeias

Meus amigos, não procurem nas aldeias do Minho as alegrias da innocencia, as candidas pastoras e os puros amores do camponez que ama e canta, casa e reproduz-se, envelhece e morre sempre á sombra das suas arvores em cujas ramarias as gerações dos pintasilgos lhe cantaram o nascer e o amar, parecendo choral-o no morrer.

Ai, meus amigos, as aldeias do Minho ! como aquillo é torpe e melancolico ! como tudo alli degenerou para nôjos e tristezas !

A mim me tinham dito poetas umas coisas que não acreditei. Sá de Miranda, e Bernardes ; Lobo, e Fernão Alvares ; Camões, e Braz Garcia ; Sá de Miranda e Quita, os quatro pontos cardiaes tomados de poetas que melodiavam bucolicas, louvores da santa vida pastoril, virtudes de zagalas que faziam córar as rosas de

puro envergonhadas! Eu não acreditava isto, embora o attrito de dois seculos embaciasse o lustro dos corações antigos, e complanasse os caminhos fragosos por onde os vicios não tinham podido trepar ás montanhas da minha patria.

Que farte sabia eu que de ha muito não se comia bolota nos arcadicos remansos do sertão, nem as justiças dos Affonsos tinham pouco que testilhar com os salteadores nocturnos que envergavam de dia o surrão e cantarolavam innocentes endeixas ás pastorinhas tão gatunas como elles.

Não obstante a minha descrença, o juizo que eu formava das nossas aldeias do Minho, graças á proverbial estupidez nativa d'aquelle gentio, era assim mesmo de tal tolice que dir-se-ia ser eu de lá.

Vivi anno e meio n'um ponto do Minho onde a bestidade é culminante. Cuidei que a simpleza devia parelhar com a innocencia. Que as mulheres trescalando rapozinho e surro revelhecido teriam as almas limpas. Que os homens, amando bestialmente quanto ao espirito, soffreariam os impetos do sangue, rebatidos pelo exemplo de seus maiores, pelo medo da deshonra, ou pelo terror do inferno. Presuppunha que as lides campestres eram revezadas de alegrias inoffensivas. Que os obreiros na volta da lavoira cantavam as velhas trovas de seus avós. Que as raparigas d'um campo competiam no afinado das vozes com as do outro. Que o dormir fatigado d'aquelles estomagos frugaes e d'aquellas cabeças cheias de cerebro quieto como se fôsse de gréda, tinha um alvorecer de luz interior, de consciencia desafogada.

Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!

Passei á orla das cortinhas onde moirejavam as moças da aldeia, e ouvi-as cantar ladainhas, e versos de S. Gregorio. Quedaram de cantar, e romperam n'um murmurio monotono : rezavam a corôa.

Procurei-as nos dias santificados á tarde, entre as carvalheiras da suave sombra, no recôsto dos vallados, ou nas escadas do cruzeiro, conversando os innocentes requebros dos seus affectos, já de antemão legitimados pela pureza da intenção.

Não as vi.

Estavam no templo rezando o terço em altos brados, alternadamente com o vozear cavo d'um homem de batina, pastor d'aquelle rebanho triste e sujo por penitencia.

Depois, vi-as sahir da igreja, com os olhos em terra e as mãos cruzadas sobre os seios tumidos.

Aqui ha virtude, disse eu entre mim. O padre matou o contentamento d'esta mocidade, bafejou halito do inferno ao coração d'estas raparigas e queimou-lhes as flôres, sobrepoz-lhes á carga do trabalho incessante um demonio que as cavalga, metteu-as á via dolorosa e escura do temor do diabo, figurou-lhes Deus propriamente peor do que o seu inimigo, envelheceu estas mulheres aos quinze annos ; mas, se ellas se conformaram, se renunciaram, se conhecem o valor da renuncia, vão bem, vão impreterivelmente ao céo. Certo é que Deus não queria tanto d'estas pobrezinhas que tão suado comem o seu pão. Deus que veste as arvores, e avelluda as flôres, e loireja as seáras consentiria que ellas, uma vez por outra, folgassem, volteando as suas sarabandas e cantando as harmoniosas cantilenas que já foram o contentamento das serras. Deus não impediria, que, ao domingo, em vez de rezarem o terço n'uma ermida

que trescala á podridão dos cadaveres, estivessem ao ar livre das devesas plancando com os seus amigos da infancia o futuro dos filhos do seu amor abençoado pelo cura affavel, que, ao perpassar por elles, diria entre grave e risonho alguma palavra docemente reprehensiva. Emfim, estas raparigas podiam salvar-se, por mais desempecido caminho. Vida tão sem luz, sem coração, sem riso, valia bem a pena melhoral-a ainda á custa de alguns annos de purgatorio, por causa dos peccados veniaes, se não ha livrar-se d'elles quem sente o gozo de viver alternando canceira e repouso de corpo e alma.

Disse isto de mim para mim e agora o digo aos leitores com grande vergonha da minha cara e muitas lagrimas n'estes olhos que a terra ha-de comer.

Fui ter-me com os anciãos da aldeia. Contei-lhes a minha edificação ; e elles, os velhacos, riram-se como cynicos.

Por que riam os anciãos, cujas netas cantavam a ladainha nas varzeas e o terço na igreja ?

Entendi que a velhice estava cancerada até á medulla dos ossos, quando um lavrador de cabellos brancos me disse : — « Isto do beaterio é uma desgraça. Os missionarios vem aqui prégar e confessar. Do pulpito abaixo, é inferno para aqui, diabos para acolá, tormentos sem fim, almas que vieram do outro mundo por que não rezavam o terço, outras por que morreram sem a venera e os livrinhos que elles vendem. Dizem ás raparigas que, se querem salvar-se, deixem os pais, e mães, os maridos e os filhos.

« E vai as raparigas pegam a ir todos os dias para o confesso, não põem mão em trabalho nenhum, cortam os cabellos, atam cordas á cinta, e ficam tristes

como a noite. Quando os missionarios abalam para outra freguezia, ellas ahi vão atraz d'elles sózinhas por essas serras fóra, carregadas de comestiveis, e por lá dormem por casa dos lavradores, e Deus sabe por onde.

« Quando tornam para casa, vem tolhidinhas; e arrumam-se alli para um canto com o rosario, e pegam a jejuar e a seccar-se até que, á certa confita, mudam de rumo.

— Mudam de rumo ? ! — atalhei eu — então ellas não levam ao fim a vida virtuosa ? !

— « Tó carocha ! — respondeu o velhaco, fechando o olho direito e arregaçando o beiço de esguêlha. — Aquillo passa-lhes, consoante ellas são de sua natureza. Umas ainda se ficam confessando com o vigario todos os oito dias, e nas idas e voltas lá pelos caminhos, se acertam de encontrar rapazes da sua áquella, lá lhe dizem as arolas do seu systema de vida, e ás duas por tres deixam crescer a carapinha e tornam a comer ás horas. A final casam. Outras . . . valha-me Deus, que não sei como o patife do diabo arma certas desgraças . . . Quando a gente mal se precata . . . sim, um homem que tem filhas como eu, e cuida que as tem seguras, lá com as suas rezas, e vai se não quando, como aconteceu a... »

Aqui, o informador nomeou algumas creaturas que eu não conhecia, e desdobrou umas biographias, á conta das mesmas, muito para lastimas e desenganos da minha boa fé.

Depois é que eu entrei a esgaravatar no lameiro onde os missionarios rebalsam as suas confessadas e companheiras de apostolado.

Nem a virtude do pejo !

N'uma estreita área d'uma legua a devassidão competia com a estatistica de qualquer povoado em que as

almas, sem missionarios conservadores, se contassem aos milhares.

Os mancebos, os Bicitos e Josinos das eclogas enchiam as tavernas por noite morta e jogavam a esquineta e o monte. As velhas, que não podiam aquecer-se ao fogo da mocidade e dos vicios d'essa sazão, eram ladras. O ovelheiro d'este rebanho tinhoso, o vigario, com uma cauda de beatas, que lhe queriam como aos seus olhos, ia tomar chá com ellas, em secreto ágape, e sahia da catacumba com o rosto beatifico a resplandecer santidade. Os meninos beijavam-lhe as mãos, que nunca se abriram com uma esmola para os necessitados. As moças das nalgas anchas e caras escarlates beijavam-lhe a fimbria da batina. E elle, com quarenta sadios annos de idade, inclinava-se ás suas filhas espirituaes e dizia-lhes: «Andae, andae, minhas filhas. Coroae-vos de flôres ámanhã, na volta das ceifas, e ide assim passar á porta dos impios para vos distinguirdes d'elles.»

Ora aconteceu que os impios era eu e a minha familia. E as operarias da casa do vigario coroavam-se de flôres e passavam á minha porta cantando o *Bemdito e louvado seja*.

O pastor, comensal do lissom e da manteiga das minhas seraphicas vizinhas, odiava os meus pequeninos e os meus criados, por que elles cantavam as coplas do *Alfageme* de Garrett, que diziam assim:

Viva o nosso padre, padre capellão
Que é o nosso santo de mais devoção
Que me ha-de casar. E a mim porque não?
A todas, a todas, quer queira quer não.

O padre cuidou que eu inventara as trovas para ultraje do sacerdocio, e levou a minha vituperosa invenção rhythmica até á presença do arcebispo primaz. Salvou-se a minha orthodoxia n'este lance; mas quem sabe o que a posteridade dirá de mim quando o *Alfageme* de Garrett estiver esquecido, e viverem ainda na memoria das gerações porvir as minhas desavenças heresiarchas com um vigario do Minho!

*

No centro d'uma provincia em que a desmoralisação compete com a ignorancia, perguntava eu á minha pachorrenta philosophia como era que a freguezia onde eu demorei anno e meio sobrepuja ás outras em vicios de todas as naturezas? Era porque o pastor d'aquella rez gafada, sentado na cathedra da doutrina, nunca disse aos seus freguezes: «Não roubeis, não calumnieis, nem hombrieis com Deus no juizo das consciencias alheias. Amae-vos uns aos outros.»

*

Ai, meus amigos, se fordes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sorvos aquelle ar balsamico, vêde-me que céo aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor! Não vades ás aldeias que alvejam por entre o cerrado das florestas; que ahi, tirante aigum lombo de porco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.

O castello de S. João da Foz

Nas salas da pacífica fortaleza da cidade do Porto, ha quatorze annos que fugiam as noites e alvoreciam as manhãs, esmaiando, sem poder quebrantar, a formosura das graciosas damas que dispartiam á volta d'ellas o excedente da sua felicidade. Em noites calmas e alumiadas da lua era bello vêl-as, as gentis senhoras que alli moravam, por sobre os baluartes e revelim, vestidas de branco, ora quietas e contemplativas voltadas ao mar, ora correndo ao longo dos terraços, como creanças para quem o crepusculo da manhã da vida havia de esvair-se nos alvores do dia eterno.

Ah! assim foi! Ambas já morreram. Uma com muitas saudades do mundo; a outra com muitas saudades do esposo, que primeiro lhe ensinara o caminho do céo.

E, quando assim vemos fenecer, ainda toucadas das

flôres da mocidade, senhoras que tinham direito a ser felizes e afortunarem almas que tão suas eram, por que não havemos de crêr que ha anjos ? Onde iriam aquelles dôces espiritos senão onde o creador lhes dê melhor vida que esta, amor mais digno d'ellas, e incentivo para adorações melhor recompensadas ?

Se haverá dos que viram o Porto de ha quatorze annos quem não tenha saudades das noites do Castello da Foz ! Eu de mim não sei o que hoje lá passa ; mas ouvi dizer que as brisas baloiçam as solitarias hervas dos baluartes e o vento silva nos vigamentos das salas onde estrondeavam as musicas.

Agora é já para mim tempo de renunciar os amargos prazeres da memoria, submetter a alma a umas operações consoantes com a minha idade, e conversar com os velhos do meu tempo, ácerca do Castello da Foz, n'uma linguagem conveniente e apropositada aos nossos annos.

Conversemos pois da origem e antiguidade do Castello, não por que elle seja nosso contemporaneo, mas por que os nossos filhos e netos nos estão pedindo e aconselhando que, em vez de lamuriarmos o desfazimento d'outros castellos aereos que lá formamos, lhes contemos quando e como foi feito aquelle.

Ahi vai o que pude averiguar :

Ha 298 annos que a rainha regente D. Catharina mandou ao Porto João Gomes da Silva com a missão de fortalezar as costas maritimas d'esta cidade. O documento d'esta mensagem está no archivo municipal, a f. 142 do *Livro 1.º das Chapas*.

Começou João Gomes da Silva a fortaleza de S. João da Foz. Parece que o Porto, mais commercial que bellicoso, não se prestou voluntariamente ás des-

pezas da edificação. O enviado não era homem de contemplações : embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e o rendimento das imposições. O senado reagiu requerendo, e vingou que, no anno seguinte de 1571, fôsse levantado o sequestro, e desembargado o remanescente dos impostos, obrigando-se a pagar 120$000 réis cada anno para mantimento do capitão, bombardeiro e homens de armas da nova fortaleza. (1)

Aquelles 120$000 réis eram pagos pelo rendimento do imposto do sal de 3 réis em raza, com resalva de que se pagariam por outras imposições, havendo quebras nas sizas. (2)

Eu não sei que imposto paga presentemente o sal.

É preciso que o governo desconheça isto. O discreto leitor saiba e guarde segredo.

Obrigou-se mais a cidade a mandar concertar os telhados da fortaleza, isentando-se de pagar 10$000 réis ao capitão e aos soldados. Ora, como o povo se torcesse de pagar os 3 réis em raza de sal, encostando-se ao sophisma de não haver provisão de tal medida, foi mister, em 1601, decorridos já trinta annos de contendas entre o governo e o senado, que o rei intruso rubricasse um alvará em que manda pagar sem excepção de pessoa. (3)

A camara, já forçada pela pressão dos castelhanos, obtemperou a todas as leis conducentes á morosa edificação do Castello, como se infere do documento que

---

(1) Livro 1.º das Chapas, fl. 145.
(2) Id., fl. 148.
(3) Livro 2.º das Chapas, fl. 253.

auctorisa o governador a gizar as obras e a camara a pagal-as. (1)

Não obstante, o Porto, sempre em rebellião com os cobradores do imposto, passou pelo dissabor de soffrer um embargo na renda das Alças, por ordem do governador das justiças e armas. (2)

Não cuide alguem que estas Alças são os suspensorios. Havia n'aquelle tempo duas coisas diversas com aquelle nome. *Alça* era o que hoje dizemos *recurso, appellação e aggravo. Alçava-se* a pessoa que appellava. Mas é outra a interpretação que devemos dar ás *alças* sobre cujos rendimentos o governador fez o embargo. Viterbo define-as assim no *Elucidario:* «Gastos contingentes e incertos, mas que são indispensaveis, perdas, damnos que ordinariamente se experimentam.»

Mas como combinar *perdas* que tinham *rendimentos?* Não ha governo por mais lido e sabido nos methodos de desbalisar os contribuintes que pudesse hoje em dia auferir *rendimentos de perdas.* Que eu saiba, semelhantes alças não andam falladas na moderna sciencia de administrar. Se o seculo XVI não fazia milagres d'este cunho «financeiro», é preciso entender por outra maneira o que eram *alças.*

Os lexicographos dizem que *alça*, além de significar muitas cousas, desde o canhão da bota até á aza dos saquiteis das balas em terminologia dos artilheiros, póde tambem significar «o dinheiro que se dá a mais do que é devido» ou «a fiança de seguro». Ha-de ser uma d'estas, se o leitor não quizer que sejam as outras.

---

(1) Id., fl. 46, v.°
(2) Id., fl. 125.

A meu juízo, o dinheiro depositado em caução de contractos com a camara era posto a juro, e sobre este juro é que o governador da justiça e armas cahiu com uma energia digna da inveja dos modernos ministros da fazenda. (1)

Todavia, a cidade para se furtar ao pagamento, estava sempre levantando duvidas. A fl. 150 v. do *Livro 2.º das Chapas* vê-se que a camara duvidava pagar aos soldados com dinheiro do cofre das sete chaves que estava em S. Francisco. Logo adiante, a pag. 154, é obrigada a cidade a pagar ; porém, como os soldados se atiravam ao pagador e lhe tiravam violentamente o dinheiro, o governo mandava devassar dos salteadores, corroborando, não obstante, a continuação do tributo. (2)

Com referencia á administração do Castello da Foz póde o leitor curioso examinar os seguintes documentos, que lhe indicamos no precioso archivo da C. Municipal. Esta noticia talvez não seja enfadosa para alguem que folga de esgaravatar velharias.

Estes são os unicos apontamentos de achegas elementares para a historia d'aquelle Castello :

Em que sua magestade manda ao juiz do cofre da cidade e officiaes da camara paguem ao alferes Manoel Pereira Neves Manhós e a seu filho Simão Pereira Manhós o soldo que a cada um toca por servirem no Castello da Foz, L.º 2, p. 170.

---

(1) A definição mais precisa de « Alças » é : « as rendas das herdades », o « rendimento de cada anno ». Assim as explica um documento antigo do cart. da C. M.

(2) Fl. 166, v.º do Livro 2.º

Que aos soldados de S. João da Foz se faça pagar dentro do mesmo Castello, fl. 172.

Em que se manda tomar conta do dinheiro das fortificações, fl. 175 v.º

Para se concertarem as armas do Castello e se acabarem as obras, fl. 177.

Que se não continue na fortificação da cidade, e o dinheiro applicado para ella se dispenda em fortificar os portos de mar, fl. 183.

Que se pague aos soldados do Castello da Foz da consignação das Alças, fl. 185.

Das rendas applicadas á fortificação da cidade se mandaram levar em conta as despezas que se fizeram nas exequias da rainha, fl. 186.

Para o dinheiro que estava applicado para a cidadella se despender na fortificação de S. João da Foz, fl. 187. (1)

Para Jorge da França tomar contas ás pessoas por cuja mão correu o pagamento da fortaleza de S. João da Foz, e se lhe darem os livros necessarios, fl. 214.

O treslado dos capitulos que deu Martins Gonçalves da Camara, tenente do Castello de S. João da Foz, contra os vereadores, e que estes deram a S. Mag. contra elle e outros procedimentos. L. 2.º das sentenças.

Para se reduzirem os soldos de cada um dos soldados do Castello de S. João da Foz a 50 réis, e para se criarem 14 artilheiros mais, L.º 2.º das Chapas, fl. 218.

Para se fazerem os reparos na artilharia, fl. 228.

---

(1) Esta cidadella fôra mandada construir em 1589 : ignora-se, porém, qual haja sido a localidade, e se foi principiada a fortaleza. Vej. o L.º 1.º das Chapas, fl. 209 v.º É todavia quasi certo que não foi por diante a obra nem o intento, segundo se colhe d'uma carta de fl. 213 do citado L.º 1.º

O que não posso é noticiar as datas d'estes documentos ; mas é facil esclarecer-se quem quizer.

Direi agora do maximo impulso e acabamento que tiveram as obras do Castello, que só chegaram ao estado em que as vemos, no oitavo anno do reinado de D. João IV, volvidos setenta e oito annos sobre os alicerces.

Em 1647 ainda a egreja paroquial de S. João da Foz convizinhava de Castello. D. João IV deu do seu bolsinho para a nova igreja seis mil cruzados, e os frades benedictinos de Santo Thyrso, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas. A igreja velha foi derruida, salvante a capella-mór que sobrecesteve para o culto do presidio.

Entre papeis velhos que foram do cartorio de Tibães encontrei, relativo á demolição da igreja do Castello, a seguinte provisão que não corre impressa :

« D. João por graça de Deus, etc. Faço saber a vós corregedor do crime da Relação e casa do Porto que quanto com ordem minha se derribou a igreja do logar de S. João da Foz que servia de administrar os sacramentos e culto divino aos moradores d'aquelle logar, que era annexa do mosteiro de Santo Thyrso de Riba d'Ave da fortaleza do dito logar ; e ficaram em seu ser as imagens, retabulos, caixões, sinos e o mais que havia na dita igreja ao tempo que foi derribada, que sou informado que tudo está guardado : vos mando que tanto que esta receberes façaes logo entregar ao abbade do dito mosteiro de Santo Thyrso ou aos religiosos que tiverem ordem sua ou do D. Abbade geral para receber as ditas cousas, declarando-lhe que tratem logo de as cobrar com comminação de correr o risco e damno por sua conta, sobre a qual entrega e mais dili-

gencia referida fareis fazer os autos necessarios, que enviareis com toda a brevidade á junta dos tres estados do Reino para me ser presente como n'isto se procede. El-Rei nosso Senhor o mandou pelos bispos eleitos do Porto e de Miranda ambos do seu conselho. Miguel de Azevedo a fez em Lisboa aos 14 de fevereiro de 1648. *Sebastião Cesar de Menezes*, *D. Pedro de Menezes.* »

Se as imagens da velha igreja passaram á nova, como devemos conjecturar, veneranda antiguidade contam aquelles retabulos que não tiveram até agora, nem sei se a merecem, alguma consideração da arte. Bem póde ser que o tempo e o menospreço hajam sido injustos com alguns nomes que ainda alcançassem o reinado dos ultimos monarchas da dynastia de Aviz.

Ahi ficam bosquejadas umas notas subsidiarias para quem mais especialmente quizer historiar a formação do Castello da Foz.

No tocante ao seu governo interior depararam-senos ainda algumas noticias na *Corographia* do padre Carvalho, tom. 1.º pag. 360. Ha 160 annos que o livro foi escripto. N'aquelle tempo os quatro baluartes e o revelim eram artilhados com dezoito peças, doze de bronze e seis de ferro. Além dos artilheiros que venciam a 80 réis por dia, presidiavam-n'a quarenta soldados, commandados por um alferes. Na casa dos condes de Penaguião estava, desde D. João IV, o governo da fortaleza, com treze mil réis de soldo mensal. Os navios estrangeiros pagavam ao governador dous cruzados de sahida e cinco tostões de entrada. Navios portuguezes o minimo que pagavam era dois mil réis. Os barcos de pescaria eram cisados no melhor peixe que trouxessem. As caravellas de sardinha pagavam um

cento do seu pescado á entrada, e um tostão á sahida. Os hiates de sal e cal tributavam para o governador dois alqueires.

N'outro artigo coordenarei as notas que tiver ácerca da importancia guerreira e politica do Castello. A guerreira já de antemão posso asseverar que foi mediana. A politica não tanto assim, consideradas as agonias que gemeram nos calabouços d'aquella casa, onde eu, ha quatorze annos, as imaginei, durante as delicias d'um baile.

Os que alli padeceram nas masmorras e muitos dos que lá vi bebendo a haustos de felicidade o nectar da vida, tudo resvalou no sorvedouro da eternidade ...

Findei tristemente como comecei.

Ácerca dos jesuitas

Não sei o que é moda agora: se ser contra, se a favor da companhia de Jesus. Ha sapientissimos varões que a defendem; outros que, tambem sapientissimos, a culpam. Quem não fôr sapientissimo, que possa justificar o pró e o contra, anda acertadamente não se decidindo ; porque, se a verdade não está na decisão dos sabios contendores, tambem não é crivel que surja baldeada do pôço da minha ignorancia.

Quando o snr. A. Herculano, ha dez annos, escreveu a *Reacção ultramontana*, andei e varios amigos meus em cata d'uns jesuitas que perseguiam tenacissimos e triumphantemente o douto historiador. Não topamos nenhum. Os reaccionarios conhecidos eram tão visiveis e tangiveis com a sua corporatura estupida que não podiam ser jesuitas, mineiros clandestinos e subtis obreiros da demolição do edificio novo. Certo

que não se queixava d'estes o descrido impugnador das côrtes de Almacave e da escangalhação dos cinco reis sarracenos em Ourique. Não eram, com toda a certeza, jesuitas ; porque não se finge facilmente de jesuita quem quer. Vai muito de velhaco a ladino. A bruteza não faz implicancia á primeira d'aquellas coisas : de estupido e mau resulta a velhacaria sorna que logra embahir os mais avisados. Ha tantos d'esses por ahi que se a gente vai a taxal-os de jesuitas cuidaremos que o aguadeiro nos vem á cozinha fazer os exercicios de Santo Ignacio de Loyola ou de Affonso Rodrigues com as criadas.

Ser ladino é outra coisa. A palavra reluz e argue saber, perspicacia, sagacidade, prudencia, ponderação reflexiva, virtudes capciosas, cedencia de beneficios com muitissima abnegação de vantagens proprias, influencia salutar sobre os corações em que pese ás rebeldias do espirito, conjuração benigna de vontades com a mira apontada a remotos futuros. Isto, sim, que é dar visos de jesuitismo, quando não seja bem na sciencia e na consciencia. Conhecemos d'estes de vista e de orelha. Não se nomeiam, por forrar a medos os timoratos. Deixal-os andar incognitos, que por ora não fazem mal ; antes fazem bem. O que elles pregam do pulpito, e segredam no confissionario é bom para os que não sabem extremar o bem do mal, nem tem de seu luz que os encaminhe, nem consciencia que os sobresalte. Não alumiar ignorantes e tirar-lhes o missionario illustrado é entenebrecel-os de todo. Tirem-lhes o padre, e depois façam montaria ás feras.

Vá de hypothese que o snr. padre Rademaker e o snr. padre Rebello (oradores sagrados já de nomeada estrondosa) sejam da companhia de Jesus. Elles não

denegam, e gloriam-se da fama. *Non erubesco* . . . Pois supponhamos que são. Aquelles jesuitas entendo e respeito. Passam e não deixam vestigios desairosos. Doutrinam e exemplificam. Tem a grande virtude da boa fé, tão rara. Ainda quando argumentam mal avisados, tem o desconto do intento e do effeito. Vá de exemplo : o snr. padre Rademaker disse, um dia, n'um pulpito de Braga, que o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres tinha sido bom patriota. Erro historico de envolta com certa imprudencia occasional, porque, n'aquelle dia, conjuravam os sandeus e os hypocritas contra um escriptor concludente em desabono do patriotismo do arcebispo. (1) Foi puro jesuitismo aquillo: mas inculpavel. Era o methodo invariavel em acção, o reconhecimento posthumo do jesuita de hoje em dia ao prelado que quizera fazer reposteiro de D. Sebastião, rei de Portugal, um Simão sapateiro, creatura dos padres de S. Roque. O sapateiro é que não quiz.

Gratidão, em todo o caso ; não importa que seja jesuita.

Seja o que fôr, mas que a historia saia enviezada e torcida ao tôrno da piedade, as resultas são prestantes. O povo não póde fitar a luz que lhe dardejam os sabios sinceros. Falta-lhe tirocinio que o habilite a ser bom com a verdade simples, a crêr que póde um homem ir ao céo sem diploma de bom patriota.

Mas que reacção temivel foi essa que tão alvorotados trouxe os animos ? A meu juizo, andaram a criar avejões para estadearem a valentia com que os afugen-

---

(1) O abalisado professor e orador sagrado Joaquim Alves Matheus, conego da sé primaz.

tavam. Tanto assim, que, a poucas voltas, tudo se calou, excepto os snrs. padres Rademaker e Rebello, e outros que tanto podem ser jesuitas, como franciscanos, como paulistas. Bernardos é que não. Tem grammatica e rhetorica de mais para isso.

Já não conheço quem tenha medo a jesuitas. Póde quem possuir memorias do passado d'elles, se ainda as ha ineditas, trazel-as á praça e offerecel-as aos historiadores e collectores de libellos diffamatorios. Tenho dois papeis velhos que ainda não foram estampados, se me é fiel a memoria. Se isto de jesuitas em 1868 fôsse coisa séria, á fé de que não tirava eu pela estampa um documento que os accusa de assassinos, nada menos que quasi deicidio, visto que o morto era o vigario de Christo. Do outro, que os defende, direi depois.

Vai lêr-se uma carta que de Roma escreveu um personagem da jerarchia ecclesiastica a um prelado religioso de Portugal. Trata da morte de Clemente XIV.

CARTA

« Em fins do anno de 1770, soaram as prophecias d'uma camponeza de Valentano, chamada Bernardina Benzi, relativas a jesuitas, de fóra parte muitas outras propaladas por sujeitos da extincta companhia, com o escopo feito em amedrontar o papa, antes de publicada a extincção.

« A impostora prophetizava que não se havia de acabar a companhia ; que um famigerado jesuita seria promovido ao capello cardinalicio por Clemente XIV,

e que as provincias, d'onde tinham sido expulsos, lhes seriam restituidas, convertido a elles o papa.

« Prophetizou Bernardina a morte do pontifice, predizendo-lh'a para 24 de março de 1771. O papa n'esse dia teve saude e comeu bem.

« Foi a companhia extincta em agosto de 1773. Bernardina continuou a prophetizar que os jesuitas resurgiriam, e o papa e os reis cooperadores na extincção morreriam atormentados.

« Sem embargo, o papa continuou a viver sadio e contente por espaço de oito mezes, bem que desconfiado.

« Clemente XIV era rijo de compleição, todavia atreito a flatos hypocondriacos. Fallava sonoramente. Andava a pé como no vigor dos annos. Muito alegre, e affavel até ao excesso. Dormia cinco horas depois de ter ceado alegremente.

« Ora, em um dia da semana santa d'este anno de 1774, Clemente, depois de jantar, sentiu-se anciado, com grande frio interior. Julgou casual o successo ; e melhorou. Ainda assim, enrouqueceu, perdeu o timbre da voz, e ficou sentindo as guelas inflammadas, grande fastio, e extraordinaria inquietação. Seguiram-se vomitos, fraqueza nas pernas, somno excessivo e dôres no ventre.

« Tamanho era o animo de S. Santidade que procurava dissimular e encobrir estes symptomas, bem que estivesse persuadido que lhe tinham propinado peçonha, por se lhe acharem certas pilulas anti-toxicas, das quaes usou constantemente.

« Assim passou o papa, disfarçando, durante os mezes de maio, junho e julho, e revelando a decadencia de forças e outros accidentes. Isto não impedia o

divulgar-se que S. Santidade havia de morrer cedo, aprazando alguns o dia 16 de julho. (1) E, como este dia passasse, espalharam que o papa morreria em novembro.

« No fim de julho foi Clemente XIV a banhos de que usava annualmente contra humores que padecia de verão. Demorou-se até agosto, sem melhorar da fraqueza, da garganta e abrimentos consecutivos de bocca, e extraordinarios suores, dos quaes se disse que S. Santidade os promovia como auxiliares ao restabelecimento da saude.

« Nos ultimos dias de agosto começou a receber os ministros, não obstante a debilidade e inquietação interior. Seguiu-se o perdimento da alegria e natural mansidão ; agitava-se com facilidade ; sobrevinha, porém, a sua santa indole a contel-o.

« No dia ultimo de agosto sahiu, e viu tres padres, um dos quaes, levantando a mão, e pondo n'elle os olhos, ameaçou-o com ella, sumindo-se logo por entre as turbas. Disfarçou o S.to Padre ; porém n'essa mesma noute, o revelou a pessoa de sua muita confiança.

« N'este tempo, o vigario geral do bispo de Padua escreveu ao secretario da congregação *de rebus jesuitarum*, contando-lhe que certos ex-jesuitas se lhe tinham apresentado, injuriando Clemente XIV, por pensarem que elle vigario era de sua facção, e lhe disseram que o papa havia de morrer em setembro. Simultaneamente espalhou-se uma estampa gravada em Allemanha. Á direita estava a morte com bandeira que tinha

---

(1) A abolição dos jesuitas foi assignada em 21 de julho. *(Nota do editor).*

um Christo ; no centro uma penha em cujo cimo assentava uma especie de tabernaculo dentro do qual se via uma figura ; á parte esquerda, um jesuita com habito clerical, e tinha por cima o distico : I. H. S. *(Jesus salvador dos homens)*. Na orla da estampa liam-se estas palavras : *Sic finis erit.* Logo depois, se liam certos versos em idioma tudesco, nos quaes se declara que os jesuitas eram inalteraveis ; de traça que as maiusculas compunham o seguinte numero romano : MDCCLVVVVIIII, que é o anno 1774 em que morreu Clemente XIV.

« Em seguida, veio a primeira febre ao papa na noite 10 de setembro, com tal desmaio e prostração que o julgaram morto. Tiraram-lhe dez onças de sangue, e não se lhe viu signal de inflammação, nem na respiração ou peito coisa grave. O sangue dava o soro correspondente, posto que os medicos o julgassem dessorado em consequencia dos copiosos suores.

« Na manhã do dia 11 começou o papa a melhorar da febre, e ao parecer dos medicos estava livre ; e tão depressa corriam as melhoras que já sahiu nos dias 14 e 15, e fez-se prestes a ir passar alguma temporada no castello Gondolfo.

« No dia 15, volveu-lhe o quebranto com pesado somno, dia e noite, até ao dia 19 em que lhe sobreveio febre, grande elevação no baixo ventre e retenção de ourinas.

« Sangraram-n'o e ainda o sangue não denotou qualidades inflammatorias. O ventre não respondia dolorosamente á pressão, e as funcções respiratorias continuavam livres.

« Recrudesceu a febre durante a noite ; sangraram-n'o de novo, e voltaram a sangral-o no dia seguinte. O

pulso quebrou por tal maneira, que já os medicos o consideravam muito melhor : mas reaccendeu-se a febre, e tão desanimadora que resolveram ministrar-lhe o viatico. Passou o papa inquieto o restante da noite ; em vista do que, tornaram a sangral-o no dia 21. (1) Continuou a febre, e intumecencia do ventre e retenção de ourinas ; de sorte que, na mesma noite, lhe deram a extrema-uncção ; e, no meio de fervorosos actos de piedade e contrição, verdadeiramente exemplar, rendeu a alma ao Creador ás 3 horas do dia 22 de Setembro de 1774.

« Á mesma hora do dia seguinte foi aberto e embalsamado o cadaver ; mas primeiro se observou que o rosto estava livido, os beiços e unhas estavam negros, a região dorsal tambem ficara denegrida e o abdomen inchado.

« Aberto o cadaver, viu-se o lobulo esquerdo do pulmão adherente á pleura inflammada, e ambos os lobulos regorgitados de sangue crasso. Cortada esta substancia, estilou um puz sanguineo. Aberto o pericardio, achou-se o coração muito reduzido por falta do fluido incluso no pericardio. Debaixo do diaphragma, o ventriculo e intestinos estavam cheios de ar e cancerados.

Fez-se a incisão do esophago, continuando-se até ao ventriculo e pyloro e pequenos intestinos. Viu-se todo o interior do esophago inflammado, e disposto á gangrena, e bem assim a parte superior e inferior do ventrículo ;

---

(1) Depois das quatro sangrias, se o papa morrer, a justificação dos jesuitas deve ser fácil.

(Nota do editor).

e tudo cheio de um fluido que os professores nomearam *atrabilis*. O figado estava pequeno com durezas cirrosas superiormente ; na vesicula do fel superabundava humor, e no baixo ventre lympha. No craneo, a dura-mater estava turgida e um pouco flaccida.

« Introduzidas as entranhas em uma redoma, rebentou a redoma á uma hora da noite, derramando por toda a casa insoffrivel fedor. Não obstante o embalsamarem-n'o poucas horas depois, na manhã seguinte foi preciso chamar um medico, o qual achou o cadaver muito fetido, o rosto denegrido, as mãos negras, e nas costas empolas altas da grossura de dois dedos, cheias de serosidade lixiviosa, como se lh'as tivessem queimado. Além d'isto, viu-se grande quantidade de sôro sanguinolento que escorria pelo leito e arregoava no pavimento, causando grande e phenomenico espanto aos medicos. Quizeram fechar o cadaver ; mas monsenhor mordomo obstou dizendo que isto devia produzir mau effeito no publico. Procuraram-se outras cautelas. Começaram as unhas a cahir-lhe á menor esfregação, e a epiderme a arregaçar-se-lhe das mãos. Notou-se mais que todos os musculos da região dorsal estavam despedaçados e desfeitos, formando os musculos intercostaes uma fenda por onde se viam os balsamos illesos dentro do peito. Cahiu-lhe grande parte dos cabellos. Embalsamado e revestido de novo, foi levado em caixão fechado para S. Pedro.

« Apesar da politica com que se explicou a maior parte dos medicos, divulgou-se logo em Roma o que fica descripto. Escandalisou-se o povo romano, e disse que o papa fôra envenenado com peçonha que se fabrica na Calabria e na Peruggia, de effeito lento. Os espiritos observadores confrontavam as prophecias

que decerto não tinham espirito de Deus, porque a maior parte d'ellas sahiram falsas. Confrontaram tambem as noticias e estampas, as ameaças e a commoção interna de Clemente XIV, a inflammação da garganta, a falta de forças progressivas, o frio, a inchação do ventre, a retenção de ourinas, a perda da voz, os vomitos, a lividez, a negridão das unhas, o despegar dos cabellos, a seccura do coração ; isto tudo combinado deu em resultado que peritos e imperitos dessem como averiguado que Clemente XIV morreu de veneno, e entre os imperitos estou eu, e entre os amigos de v. tambem de quem, com a mais affectiva estimação, sou etc. »

Quem não estava com o sisudo auctor da carta era Cesar Cantu, o rhapsodista mais sem critica e discernimento que ainda alinhavou historia de remendos. Cantu mofa dos credulos no homicidio de Clemente XIV. Quasi o vitupera por ter extinguido a companhia de Jesus, e assevera que « não se liquidou um só jesuita culpado dos crimes attribuidos. » Invectiva contra os estadistas europeus que calumniaram a innocente companhia, e carrega mais a mão sobre o conde de Oeiras a quem elle, para guardar uma veracidade irreprehensivel no todo da sua historia, chama *Joseph de Pombal.* (1)

Quem dilucidou as incertezas e justifica plenamente a carta do portuguez foi Augustin Theiner que, pouco ha, publicou uma *Histoire du Pontifical de Clemente XIV.* Soccorreu-se de documentos ineditos encon-

---

(1) Veja o tômo XVII da versão de Lacombe, ediç. de 1862, pag. 208 e seg.

trados nos archivos secretos do Vaticano, e mostrou hora a hora os effeitos do veneno no pobre ancião de sessenta e nove annos. Era tristemente magestoso ouvil-o, quasi ao vasquejar da vida, discorrer ainda com aquella florecencia e nitidez de que proviera chamarem-lhe o Miguel Angelo dos oradores!

Bem tinha elle interpretado aquellas cinco letras do cartaz pregado em Roma: *I. S. S. S. V. in settembre sarà sede vacante.* Já o veneno lhe lacerava de antemão as entranhas; quando assignada a extincção dos jesuitas, murmurou: «Fiz o que devia; não me arrependo; mas esta suppressão ha-de matar-me». Acceitou com jovial semblante as agonias, sem ao menos se pôr em côbro. A contorcer-se nas dos ultimos dias, recebia os visitantes que o procuravam, e captava-lhes os corações e as lagrimas. Um rico lord que o viu no derradeiro mez de vida sahiu dizendo: «Se este papa pudesse casar, eu dava-lhe a minha filha unica».

Posto isto, resta-me accrescentar que ainda me não decido contra nem a favor dos jesuitas. Em primeiro logar por que eram homens tão barro e lôdo como eu. Em segundo logar, por que os adversarios d'elles não provaram a sua bondade propria, desterrando-os, matando-os nas masmorras de S. João da Foz, ou queimando-os nos autos-da-fé em Lisboa. Em terceiro logar por que os indios, desbravados por elles, choraram longo tempo o tirarem-lh'os e o reduzirem-os á escravidão antiga. Em ultimo logar, por que os jesuitas do meu tempo são pessoas inoffensivas, e além d'isso calumniadas, quando praticam actos benemeritos de louvor.

Præceptor Infelix

Assim foi chamado o lente da Universidade, doutor Antonio Homem, que a inquisição matou em 1624. Da sentença, que tenho manuscripta e foi publicada nos n.os 3 e 4 do *Antiquario Conimbricense*, não se colhe a idade e filiação do «professor infeliz»; mas as notas que marginam a sentença do meu *Ms.* dizem que Antonio Homem, quando foi assassinado, teria sessenta annos, e era alto e bem disposto.

Foi filho de Jorge Vaz Brandão, christão novo, e de sua mulher que era filha bastarda de Gonçalo Homem. Este Gonçalo Homem foi filho de Gil Homem, de Aveiro, e de sua primeira mulher Brites Nunes, filha de Gonçalo Nunes Cardoso, chamado «o rico de Aveiro», todos pessoas nobilissimas.

Antonio Homem Brandão (e não *Leitão* como equivocadamente diz Francisco Freire de Mello na sua Re-

presentação ás côrtes impressa em 1821 contra a Inquisição), doutorou-se em canones, foi lente de prima na universidade e conego doutoral da Sé de Coimbra. Accusado de presidir ás ceremonias dos jejuns dos judeus em sua propria casa e de crimes d'outra ordem offensivos da dignidade humana, insistiu contumazmente na negativa, e foi portanto queimado.

Ordenou, além d'isto, a inquisição que as casas de Antonio Homem se arrasassem e semeassem de sal, e nunca mais se reedificassem. E sobre as ruinas complanadas do edificio mandou levantar um padrão alto com letreiro que declarasse o horrendíssimo caso.

Assim se fez.

O meu manuscripto foi datado em 1720.

N'este tempo existia uma praça ao pé das Olarias.

As casas do doutor Antonio Homem tinham enchido toda a área da Praça. Não sei se ainda existe o local desoccupado.

Ergueu-se o padrão commemorativo, architectado com duas pedras quadrilongas sobrepostas.

A pedra cimeira cahiu em 1705 d'uma maneira tragica e azada para commentarios supersticiosos. E não se fizeram poucos. Passou assim :

Em maio d'aquelle anno, festejando os conimbricenses a reeleição do Geral de Santa Cruz, transitavam pelas Olarias uns mascarados truaneando. Um d'elles, beirão, estudante de medicina e christão novo, apartando-se dos outros, foi abraçar-se á columna. Eis que a pedra de cima rue sobre elle e o mata, sem lhe dar tempo a proferir palavra.

Não sei se a pedra foi reposta, nem quando o padrão foi demolido. Póde ser que elle esteja formando parte d'alguma parede das casas vizinhas. Pois, se

viesse a ser descoberto o padrão de Antonio Homem, não sei que reliquia phenicia ou romana lhe ganhasse em quilate archeologico.

O doutor infeliz foi canonisado entre os seus correligionarios. Os hebreus de Lisboa intentaram criar alli uma irmandade de Santo Antonio com o velhacaz proposito de adorarem clandestinamente o seu santo, zombando assim do outro homonymo do calendario catholico. Descobriu-se-lhes a tempo a malícia, e não vingaram a manhosa devoção. Foi bom ! Forte escandalo !

Eram muito usuaes estas canonisações entre a gente hebraica. Já Antonio Homem na sentença é accusado de ter em sua casa um retrato do capucho portuguez fr. Diogo da Assumpção, que tinha sido queimado tambem judaizante em 1603. O retabulo descobria-se e era incensado nas cerimonias dos jejuns judaicos.

Direi duas palavras do frade beatificado.

Fr. Diogo da Assunção

Diogo era filho d'um fidalgo de Vianna do Minho ou de Vianna de Caminha como então diziam. O ruim sangue procedia-lhe da mãe, que era christã nova.

Professaram elle e um irmão. O irmão morreu martyr pela fé de Christo no Japão ; fr. Diogo fugiu do convento e andou por Flandres e Inglaterra prégando contra Christo e contra a fradaria. Da lei christã dizia elle (se a sentença não mente) que tinha sido forjada por uma malta de criminosos foragidos por entre penedos á justiça dos cesares; dos frades affirmava que, sobre serem maus, eram ignorantissimos.

O descôco de vir metter-se nas garras dos inquisidores, depois d'aquillo, não sei explical-o ! Preso sei eu que elle foi, e conduzido á mesa do tribunal confessou os seus erros, pediu perdão com muitas lagrimas e submetteu-se á penitencia que lhe impuzessem, implorando-a com vehementes mostras de contricto.

Vai se não quando, volvidos dias, torna frei Diogo ao tribunal e declara que é hebreu, que se desdiz da inconsiderada abjuração que fizera da sua crença profunda e inabalavel em Moysés. Corre uma formal descompostura aos inquisidores, e trata de os reduzir á verdadeira religião querendo convencel-os de idolatras e parvos. Á cruz chamava o impio dois paus ; dizia que Jesus era remido e não redemptor ; que os tres deuses da Trindade reviam puro gentilismo ; que isto de santos cheirava a historia de origem pagã ; que a eucharistia da missa era pão ; que Jehovah promettera restaurar a paz quando viesse ao mundo, e que, depois de Christo, a guerra ardia como d'antes ; que o Baptismo era uma lavagem de agua nem sempre limpa ; que os inquisidores eram uns ladinos biltres de quem o verdadeiro Deus não recebia senão affrontas.

Chamado outras vezes ao tribunal, subia de ponto nas insolentes impiedades. Rejeitou letrado que o defendesse e padres que o admoestassem. Deixou-se ir á fogueira com espantosa serenidade, e morreu com os olhos postos no céo e os braços amarrados a um poste.

Os hebreus inscreveram-n'o logo na extensa lista dos seus martyres, e o doutor Antonio Homem levantou-lhe altar ao seu retrato.

É de saber, diz o manuscripto, em que li o traslado da sentença pouquissimo conhecida, que o pai d'este frade foi chamado de Vianna e mettido na masmorra com o filho a vêr se o demovia. Pobre pai !

Como elle sahiria do carcere na vespera do dia da fogueira ! Não conseguira senão arrancar lagrimas de sangue ao coração do pobre moço, que se deixava matar antes dos trinta annos !

Ajunta o *Ms.* : « E seu pai sentiu isto tanto que,

sendo morador dentro da villa de Vianna, em casas suas proprias, se sahiu d'ellas, e as deixou cahir, indo residir em uma quinta sua onde ainda viveu muitos annos e morreu muito velho.»

De maneira que este excruciado velho criara dois filhos para martyres de suas diversas religiões.

Se aquellas duas almas se encontrariam com a do ancião na presença do verdadeiro Deus!...

Um bom ministro da fazenda para Portugal

D. Pedro II sondava o pulso da nação, e sentia que a enferma propendia de puro extenuada ao lento agonisar da cachexia.

Tinham custado caras as parcialidades que lhe deram a regencia e depois o reinado. As côrtes dos prelados em S. Domingos, abjectas e humilhadas, esponjaram tanto do erario como as dos fidalgos. Sem muito dinheiro, era impossivel amordaçar a consciencia de tantos magnatas mitrados e emplumados que impassivelmente viram, entre o carcere e o tumulo, arrastar-se e lacerar-se a pedaços a vida do filho de D. João IV.

Queria o real verdugo do irmão attribuir o desfallecimento e pobreza do paiz a uma qualquer cousa alheia das suas veniagas de partidarios. Pedia ao seu secretario de estado, Roque Monteiro Paim, cauterio para o cancro. O ministro declinava de si as honras e o pro-

veito do alvitre salvador, encommendando a outro o encargo de regenerar a fazenda publica, cedendo n'elle o galardão da façanha.

Andou o privado de D. Pedro II escudrinhando um homem e veio até Coimbra com a lanterna de Diogenes; mais ditoso, porém, que o philosopho cynico, encontrou nas cathedras da universidade um sabio, um doutor, alguma coisa mais rara que um homem.

Chamava-se o doutor *Jacob Sebastiam Selabus*. Tinha nome e sangue hebreu. Viera de fóra, talvez de Flandres, por motivos que se esconderam ás minhas indagações. Estava alli em Coimbra, empinado em oraculo, alvitrando ao rei directamente, ou carteando-se com elle mediante os ministros.

Pediu-lhe Roque Monteiro Paim que minutasse uma lei impeditiva da exportação do dinheiro. Aquelles economistas do seculo XVII não sabiam remediar a pobreza do estado senão impedindo que o dinheiro transpuzesse as raias do territorio.

Outra fonte de ruína era o cerceamento das moedas de ouro e prata, visto que já ninguem acceitava as patacas reféces; e á fazenda real, havendo de as tirar do giro, urgia-lhe cambial-as por prata equivalente, prejudicando-se.

O rei tinha mandado cordoar o bordo das moedas para impedir a cerceadura; isto, ainda assim, não remediava o principal maleficio, que era sumirem-se em unhas de francezes e inglezes as moedas não cordoadas.

Os sabios andavam em pancas no anno de 1687 sem atinarem com o expediente regenerador, quando o doutor Jacob Sebastiam Selabus, batendo tres sapatadas na cabeça prenhe de regenerações, golfou dos bicos da

ramalhuda penna de gallinha a seguinte carta a D. Pedro II :

« Serenissimo Rei, Muito Alto e Poderoso Senhor. (1)

« Offereci a V. Magestade por mãos de Roque Monteiro Paim um papel que o dito Roque Paim me mandou compôr em zelo do serviço de V. Magestade em que apontei as causas da attenuação de Portugal, e o remedio politico com que o reino lograsse seu proprio ser em razão da natureza o haver dotado com tantas e mais excellencias dos mais reinos e monarchias.

« Manifestei outrosi a V. Mag. quem sou, a causa de estar n'este reino e assistencia n'esta universidade, requisitos dignos de V. Mg. amparar-me e deferir-me ao requerimento no tal papel proposto. (2)

« Toquei ácerca do dinheiro e cerceadura d'elle ; houve, porém, quem propoz que se puzesse cordão nas moedas de ouro, e se recolhessem as patacas de peso de 4 oitavos $^1/_2$ para cima. Uma e outra coisa se executou.

O remedio do cordão é muito bom para evitar as cerceaduras das moedas cordoadas ; mas não remedeia que os inglezes e francezes não vão agora mettendo em si aquellas moedas que ficaram por cordoar as quaes são mais do tresdôbro das que estão já cordoadas, e to-

---

(1) Traslada-se a carta d'uma cópia, adjunta a varios papeis, ineditos concernentes aos reinados de Affonso VI e Pedro II. A collectanea de mss. intitula-se *Côrtes ecclesiasticas de 1668 e 1674, e outros papeis.*

(2) É claro que o sabio não salvava gratuitamente o paiz. Parecia-se com os ignorantissimos salvadores de hoje em dia.

das vão fóra do reino. Quanto mais que este cordão abre a porta a novos delictos; que como no cordão consiste só o requesito de correr ou não a moeda, não faltará quem as fabrique de menor peso e muito bem cordoadas; e nas raias de Castella as cordoarão depois da barba feita, como faziam ás patacas; e assim se vê que o remedio do cordão é muito prejudicial ao reino e causa incitante de novos delictos.

« O recolher V. Mag. as patacas de 4 oitavos e $^1/_2$ para cima, dá franquia aos cerceadores de as irem barbeando até ao dito pêso, como já se tem experimentado: com o que padece a fazenda real mais este detrimento, está o reino em grande confusão, queixam-se os pobres, padecem todos, as patacas ninguem as quer, não se vê outro dinheiro nem o ha, o novo não póde chegar a todos, e o reino é abalado por fome e miseria, todos são perseguidos sem vêrem o inimigo que os persegue.

« Os alvitres que se hão-de dar aos principes hão-de ser remedios universaes que em si comprehendam e remedeiem todos os incommodos; porque aquelles que fecham a porta ao mal presente e a abram ao mal futuro, não é bom propôl-os porque empenham o respeito real e dão motivo á murmuração de casa mal governada, o que é em offensa do estado real dos principes, nos quaes não ha arrependimento, porque n'elles não se considera erro; e basta para exemplo a inteireza de Pilatos quando os judeus queriam que escrevesse que Christo dissera ser rei dos judeus, e não o era; ao que Pilatos respondeu: *quod scripsi scripsi*: (1) para que assim se não

(1) Pilatos entra n'esta carta muito menos adequadamente que no *credo*. O doutor Jacob, quando se abstrahia por

proponham alvitres que depois necessitam de revogações pelas suas inconveniencias.

« Quero dar a V. Mag. um remedio universal que dê fim a todas as inconveniencias, e allivie V. Mag. dos cuidados e mortificações, fazendo acabar as cerceaduras, remediando o povo e impedindo que o dinheiro vá para fóra do reino.

«Mande V. Mag. apregoar que toda a pessoa, de qualquer qualidade que seja, que tiver em seu poder, dinheiro velho cerceado, assim ouro como prata, patacas, moedas de cruzados, e dois tostões, marcadas e para marcar, as levem á casa da moeda dentro de um anno e mais ainda, se necessario fôr; e lá lhe darão dinheiro novo pelo velho, segundo o peso que cada moeda tiver em razão de 90 réis por cada oitava de prata e 1050 réis pela oitava de ouro, e que ahi entrem tambem as de cordão antes que venham de França cordoadas; e seja promettido que dentro do dito prazo corra a moeda cerceada pelo peso que tiver em relação ao valor sobredito. D'esta sorte, acaba-se a cerceadura, por que a si mesmo se prejudica quem a cercear, por não ter a prata entre particulares o valor que tem amoedada.

« D'este modo se remedeia o povo emquanto V. Mag. não provê o reino de novo dinheiro.

« D'esta sorte, não levam os francezes e inglezes o dinheiro fóra do reino, por lhe não fazer conta.

« E d'esta sorte reparte V. Mag. com o povo a perda, e ninguem fica com razão de queixa.

« E no tocante á patacaria de peso que vem de Cas-

---

philosophias da arte de governar, não quadrava com o grande homem que foi a dar conselhos. Não lhe calha bem o abstracto.

tela, fallarei constando-me que esta foi acceita por V. Mag. Deus Guarde a Real Pessoa de V. Mag. por mil seculos como todos a Deus rogamos. Coimbra, 10 de fevereiro de 1687. Humilde escravo de V. Mag. *Jacob Sebastiam Selabus.* »

Não sei se D. Pedro II premiou condignamente o restaurador das *finanças*, palavra que o doutor Selabus nunca ouviu nem sonhou que em Portugal se aclimasse. E todavia é optima, venha ella d'onde vier.

Quando Portugal está a *finar-se*, chamam-se *finanças* as rendas publicas.

Quer-me parecer que D. Pedro não salvou o paiz com a mézinha do professor de Coimbra. D'ahi a quatro mezes casou elle com a segunda mulher, por meio da qual se multiplicou em sete filhos, afóra outras multiplicações bastardas todas tendentes a felicitar o paiz.

Quanto á moeda, o que sabemos de Manoel de Severim de Faria *(Noticias de Portugal)* e de fr. Joaquim de S.to Agostinho *(Memoria sobre as moedas do reino e conquistas)* é que D. Pedro II levantou grandemente o valor do dinheiro, alvitre que não consta da carta do mestre Jacob.

Como quer que fôsse, quem pilhára um Selabus para ministro da fazenda actual! Um sujeito assim, depois de ter comido tres jantares patrioticos, salva-nos! Que faria elle para supprir o abolido imposto do consumo? Não deixava sahir vintem para fóra do reino.

Snrs. Selabuzes modernos, aprendam!

Historia da igreja de N. S.ª da Lapa, do Porto

Foi calamitoso para o Porto o findar do anno de 1754 á conta da inverneira que engrossou a corrente do Douro a termos de se alagarem e arrasarem ricos depositos de vinhos na margem esquerda, em Villa Nova de Gaya. O mais prejudicado entre os opulentos proprietarios de armazens, n'aquelle tempo, foi Joseph Vicente de Andrade Belleza, fidalgo da casa real, mestre de campo do Terço de infantaria do Porto, e administrador dos morgadios de Valdigem e S. Lourenço. Eis aqui uma familia cuja celebridade genealogica e dinheirosa, no rodar de cem annos, se foi adelgaçando até sumir-se do plano da mediania.

De par com as calamidades do céo tempestuoso encaminhou para este lado a mão benigna da providencia um missionario apostolico, filho do Brazil, chamado Angelo de Siqueira, devoto ferventissimo de nossa

Senhora da Lapa. Entrou o varão de Deus prégando no Porto com tanta efficacia as maravilhas da sua devoção que levava de pós si todas as almas em grande parte carecidas de Deus, que as abrigasse das inclemencias do tempo. A philosophia actual, em apertos de muita chuva, antes de ir ás prédicas do Padre Angelo, recorreria naturalmente e mais depressa ás capas de guta-percha e ás botas impermiaveis.

Não eram assim, ha cem annos, os cidadãos da terra laboriosa onde a mansenilha, a árvore da philosophia só ganhou raizes depois de muito adubada de sangue. O padre Angelo de Siqueira, como começasse a prégar no ultimo quarto minguante da lua tempestuosa de dezembro, conseguiu o duplo prodigio de obter, no mez seguinte, uma lua enxuta e serena. Em virtude do quê, alguns sujeitos de maior porte lhe offereceram terreno em que elle edificasse uma capella á Senhora da Lapa, no logar de Santo Ovidio, á raiz d'um monte, entre as duas estradas que vinham de Braga e Guimarães. (1)

---

(1) Existe um auto de vistoria no archivo da Camara Municipal do Porto, lavrado em 31 de Janeiro de 1754, onde no livro 2.º, a fls. 398 v., se verifica:

«que o terreno no sitio do Padrão Velho de Santo Oubido, não foi doado por *sujeitos de maior porte* ao padre Angelo de Siqueira, para alli edificar uma capella, mas sim que o Senado da Camara a requerimento do mesmo padre, concedeu-lhe licença para alli construir um seminario com a invocação de N. S.ª da Lapa».

Em uma nota á margem do mesmo auto ha a seguinte declaração:

«E mais declarão que seria a dita terra com a pensão que por louvação fosse justa de ficar de perpetua ao Senado da Camara directo senhorio e não ficaria padroeiro e sómente com o justo fôro».

(Nota dos Editores).

Começou a obra em 7 de janeiro de 1755, e já a 20 uma igreja com oitenta palmos de comprimento e quarenta de largura estava coberta. Treze dias! Que admira! O noticiador do maravilhoso esforço escreve: «É inexplicavel o grande fervor com que todo o povo d'esta cidade concorreu para este santo edificio, assim para a despeza como para o trabalho. N'elle se empregavam muitos fidalgos principaes que vivem no Porto e muitas fidalgas, varias mulheres de ministros togados, clerigos, religiosos, homens e mulheres particulares, e plebeias, estudantes, meninos e meninas; uns partindo as pedras, outros acarretando os materiaes e conduzindo as telhas. O mesmo coronel governador das armas marchou com os regimentos armados para o mesmo logar, para todos trabalharem n'esta devotissima obra, sendo elle o primeiro que lhes deu exemplo, provocando este piedoso espectaculo lagrimas de cordial gosto a todos os circumstantes.»

Quanto pôde a fé afervorada pela unção apostolica do padre Angelo! As fidalgas carreando entulho com os seus guarda-infantes amarrotados pela serguilha das mulheres da arraia-miuda! Meninos e meninas com estudantes e frades e soldados e mulheres de ministros togados a puxarem ás cordas dos guindastes, a tirarem pelas alçapremas! Edificante mistura e commovente azafama! Hoje aposto eu dobrado contra singelo que o padre Angelo, se quizesse fazer igreja e prégasse tres horas na Praça-Nova para esse fim, difficilmente arranjaria pedreiro a menos de 400 réis por dia!...

Como tudo se muda e degenera! Por isso as coisas vão como vão!...

Os peccadores d'aquelle tempo... Pois havia quem peccasse? Parece que sim. Diz o informador que pe-

gado á igreja se construiu um confessionario publico, onde os homens iam de noite fazer as suas confissões geraes, sem serem conhecidos, para que o pejo dos peccados os não perturbasse. Fez-se alli tambem uma roda para mediante ella se restituir dinheiro, peças de ouro e prata, e até furtos sem serem conhecidos os restituidores.

Pelos modos tambem havia ladrões n'aquelle tempo. É pena que a geração actual possa atirar com isto á cara de seus avós. Haveria ladrões, não duvido ; mas faziam-se igrejas em treze dias. E agora ? . . . Não quero questões.

E no tal confessionario armaram-se camas e cozinhava-se ceia para os penitentes que lá queriam fazer bom exame de consciencia, desafogados dos cuidados domesticos.

Se hoje a piedade abrisse casas d'estas, entrariam de roldão os hospedes para cear ; os quaes, para não fazerem exame de consciencia, já entrariam sem ella para lá. Os exames de agora são todos de estomago. Toma-se ferro e pepsina como então se tomavam hostias.

O reviramento é completo !

E depois ornamentaram a igreja faustuosamente, e logo, ao vigesimo dia, se disse missa com orgão e grande consolação dos fieis. A imagem da Senhora da Lapa sahiu do convento de Santa Clara, a 10 de março, em magestosa procissão, á frente de tres andores com S. João Marcos, S. Francisco e S.ta Clara. A senhora ficou-se chamando da *Lapa das Confissões*. Illuminaram-se as janellas á noite, e foliaram até á madrugada indistinctamente todas as classes do Porto.

É consolador pensarmos que não podemos ser indif-

ferentes ás pias almas dos nossos avós de 1755. Lá estão onde peçam por nós, que bem mister se nos faz.

O magnifico templo que o leitor vê não é o esboço de igreja que ha cento e treze annos fizeram em vinte dias os meninos e meninas com os estudantes e soldados, e mais os frades e fidalgas. Não, senhores. Agostinho Rebello da Costa, trinta e tres annos depois, escrevia que não estava ainda concluida a igreja. No tempo de Rebello ainda lá demoravam confessores permanentes que faziam d'aquella casa um alfôbre de anjos ; mas não diz elle se no seu tempo ainda era moda restituir os roubos. Desconfio que esse costume já ia em grande decadencia.

Ora eu, para que me não digam que dou o exemplo de ter passado de todo a usança de restituir o furtado, declaro que respiguei estas noticias em um folhetinho publicado em 1755, com este titulo : *Cópia de uma carta escripta por um cidadão do Porto a um amigo morador em Lisboa, e Relação da singular noticia que n'ella se conta.*

Que singular noticia !

Noticias do Porto antigo

I

* No anno de 1611 foi mandada construir a alameda da Porta do Olival, á custa do imposto do vinho, e defronte do Terreiro da Relação se mandou abrir um postigo. A alameda era guardada por quatro homens gratificados cada um com oito mil réis annuaes, tirados do mesmo imposto do vinho.

* As freiras de Santa Clara, até o anno de 1500, recebiam portagem das mercadorias que passavam pelo rio Douro. N'aquelle anno foi-lhe cassado o direito, e no de 1504 tornaram a restaural-o, pelo que dizia respeito ás mercadorias de Entre-ambos-os-rios, por ser couto do mosteiro.

* Os cidadãos do Porto eram privilegiados para poderem andar armados por todo o reino. As armas, vindas para o Porto, não pagavam decima nem ciza.

* Em 1570 mandou D. Sebastião repartir armas do seu armazem pelos moradores do Porto que as não tivessem, sob condição de as pagarem. Em 1571 veio ordem para que todos se exercitassem no jogo das armas, aos domingos e em dias santificados.

* Em 1510 correu uma demanda entre a cidade e Fernão Brandão sobre a portagem de Avintes. Desistiu Brandão, dando-lhe a cidade um terreno para casas e quintal junto á rua de S. Miguel e postigo pegado ao muro.

* D. Manoel concedeu em 1497, aos cidadãos do Porto que pudessem trazer borzeguins, tendo couraças, capacetes, baleiras e cuxotes.

* O julgado de Bouças foi dado ao Porto por D. João I em 7 de julho de 1386, e tirado a Fernando Affonso de Aborim a quem o tinha dado D. Fernando. Depois, o mesmo D. João I o deu ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira. A cidade oppoz-se e venceu.

* O bispo D. João de Sousa não queria consentir que os vereadores da Camara se assentassem em cadeiras de espaldar na Sé. Recorreu o senado ao rei e venceu.

* No século XVI as estalagens do Pôrto estavam quasi todas arruadas em Nossa Senhora da Batalha e

pertenciam a um Gaspar Coutinho, que as herdára de avós, e transmittiu aos descendentes.

* No anno de 1536 deu el-rei o cargo de prover sobre as naus da cidade a João Róiz de Sá e mandou á cidade que lhe obedecesse. O Porto não obedeceu, alegando que os seus privilegios eram offendidos. O rei reconsiderou e mandou-lh'os guardar.

* A casa da camara do Porto foi feita de madeira em 1406 ; custou 220$ dobras de peça de panno.

* Concedeu D. Manoel aos cidadãos do Porto que andassem nos pelouros da governança, e cavalgassem mulas de sela e freio. Os cidadãos do Porto não podiam ser mettidos a tormento, salvo no caso em que o podem ser os fidalgos. Se fôssem presos, recebiam homenagem como fidalgos. Os seus caseiros não podiam ser constrangidos a ir á guerra.

* Nas côrtes de D. Affonso v decidiu-se que os do Porto pudessem vender as suas mercadorias na Terra da Feira, e os d'aqui no Porto. Foi necessaria esta lei porque João Alves Pereira, inimigo dos portuenses, prohibiu os da Terra da Feira de vir vender ao Porto.

* El-Rei D. João I dispensou com os clerigos casados para que pudessem ser mettidos nos pelouros de juizes e vereadores d'esta cidade. (1)

---

(1) *Clerigos casados* não quer dizer que em tempo de D. João I casassem os padres. Casavam os ordinandos que podem ainda hoje casar, antes de ordens sacras ; porque então

* Pertencia á camara dar licença para a representação das comedias, e não ao governador.

* Por carta de D. João I, não é permittido aos fidalgos e poderosos d'esta cidade escolher na causa dos pobres o juizo do corregedor da comarca ; pódem, porém, os pobres escolher o dito juizo. (E pregoam-nos hoje igualdades e democracias ! . . .)

* Em côrtes de D. João I, se mandou levar em conta as despezas que a cidade fez com os procuradores ás côrtes e com a demanda do bispo sobre o interdicto posto á cidade, para o que ella tinha tomado dinheiro das obras da Rua Formosa. (1)

* Em 1604 deu a cidade 104$ réis para se criarem

---

a palavra *clerigo* abrangia os diversos graus conducentes ao sacerdocio. *Clerigos solteiros* eram os de ordens menores, ainda no caso de poderem matrimoniar-se.

Sem embargo de estarem casados, os clerigos eram ainda admittidos ao serviço da igreja com as suas vestimentas clericaes ; perdiam, comtudo, muitissimos privilegios que lhes dava o estado de solteiros. No tempo de Affonso IV os clerigos de menores casavam clandestinamente ; depois, se queriam tomar ordens sacras, negavam o casamento contrahido sem testemunhas. Quanto mais retrocedemos peor encontramos o genero humano. Vej. o ELUCIDARIO *de Viterbo* desde pag. 281 a 288, 1.ª edição.

(1) O interdicto começou pelas excommunhões do Bispo D. Pedro Affonso contra Affonso IV, e os homens do concelho do Porto ; continuou a lucta da jurisdicção ao tempo de D. Affonso Pires, de D. Egidio, de D. João e acabou em D. Gil ao cabo de sessenta annos. A miuda historia d'estas ruidosas contendas vem no *Catalogo dos bispos do Porto* de D. Rodrigo da Cunha. É curiosa e instructiva. *A Rua Formosa*, nomeada em cima, foi mandada abrir por D. João I e hoje se diz de *S. Nicolau*. *A sua rua Formosa* lhe chamava o Mestre de Aviz.

os engeitados sob a vigilancia do provedor. Só em 1590 se tinham dado 100 cruzados dos crescimentos das cizas, e no de 1592 100$ réis. A Misericordia dava 10$ réis para o mesmo fim annualmente. Era eleito em camara um cidadão que chamavam *pai dos meninos* para tratar da criação dos engeitados. Depois, em 1535, nomeou-se um mecanico para servir o officio, pago pelo senado.

* O conselho e juiz tomavam informação das estalagens, e se as não achavam bem providas, condemnavam os donos, cassando-lhes os privilegios. Foi isto resolvido em côrtes de D. Manoel, anno de 1498.

* Se algum estrangeiro levava d'esta cidade mais fazenda do que trazia, pagava a dizima. Nenhum estrangeiro podia revender no Porto as mercadorias compradas, nem era permittido a portuense ter sociedade commercial com estrangeiro.

* D. João I concedeu feira franca n'esta cidade no 1.º de cada mez com os privilegios e franquia da feira de Trancozo. Eram obrigados os moradores de Têrmo e Coutos a trazerem á cidade os mantimentos. No anno de 1582 alcançou a cidade poder ter feira todas as semanas.

*

Estas noticias e outras que ao diante se dirão são colhidas do Mostrador do Archivo da Camara Municipal. Os documentos, que entendem com as indicações feitas, podem ser examinados nos livros respectivos.

Quem houver de escrever a historia do Porto mal

poderá dispensar-se de lhe estudar a origem e adiantamento nos seus velhos padrões escriptos e apenas buscados d'algum paciente investigador de velharias. Para tal empreza seria bem escolhido Arnaldo Gama que possue alguns milhares de cópias de diversos documentos relativos ao Porto, extrahidos do archivo municipal. Obra de tanto fôlego não póde empreendel-a quem, como o douto escriptor, tem seu tempo captivo, e pautado ás necessidades de cada dia. Um frivolo romance tem centenares de leitores espontaneos ; a HISTORIA DO PORTO sem subscriptores solicitados, seria ao mesmo tempo « a historia da ruina d'um litterato ».

II

El-Rei D. Fernando prohibiu aos fidalgos residencia ou pousada no Porto. Ha uma sentença em côrtes privilegiando a cidade. Em tempos de D. Manoel obtiveram os fidalgos licença de residirem no Porto, com declaração de não viverem na cidade, se a damnificassem, e assim permittiu que Pedro da Cunha vivesse nas suas casas de Monchique. Depois revogou a sentença e confirmou o anterior privilegio, accrescentando que nem os fidalgos enviados com algum cargo, pudessem demorar-se no Porto, cumprida a missão.

E accordaram os membros do senado que se alguem vendesse ou alugasse casa a fidalgos perdesse o preço d'ellas e todos os seus bens para a cidade e fôsse posto fóra, e as pessoas de fóra perdessem o preço das suas terras.

D. João I mandou que o juiz da cidade fizesse cor-

reição contra os fidalgos uma vez por mez. Aos fidalgos doentes era-lhes permittido vir curar-se á cidade, trazendo provisão real.

Concedeu o Porto a Fernão Coutinho que vivesse nas suas casas de Monchique quarenta e cinco dias cada anno, repartidos em tres temporadas, cada uma de quinze dias. Vindo Rodrigues Pereira ao Porto, e demorando-se mais de tres dias, se ajuntou o povo e lhe pôz fogo ás casas e houve mortes. Queixou-se Rodrigues Pereira ao juiz e vereadores. Os criminosos foram absolvidos por matarem e incendiarem em defeza de seus privilegios. (1)

* A agua das tres fontes de Paranhos se mandou trazer para esta cidade por alvará passado em 1597. Para a despeza offereceu o povo mil cruzados.

* D. Diniz prohibiu aos moradores do Porto que passassem pelos caminhos de Gaya, por que o faziam defraudando a dizima. D. Affonso IV levantou a prohibição, exceptuando os passageiros carregados. D. João I libertou completamente a passagem, mandando construir na Rua Direita de Gaya uma casa onde se pagassem os direitos das cargas. D. Affonso V deu Gaya ao Pôrto. D. João I confirmou o alvará, não obstante a ter dado a outro. Gaya tem privilegio de não convizinharem d'ella fidalgos. A quintà de Val de Amores tinha sido dada a Alvaro Gonçalves. Requereu

---

(1) Tratou brilhantemente este assumpto o sr. Arnaldo Gama n'um dos seus excellentes romances. Omitto outras especies sobejante desairosas e vilipendiosas para a fidalguia.

a cidade contra as violencias do fidalgo, e D. João I tirou-lhe a quinta. (1)

Alvaro Gonçalves, senhor de Gaya, levava duas canadas de vinho em cada pipa de Cima-Douro. Resistiram-lhe com o foral de Afonso III, e não lhe pagaram. Os do Porto e Gaya, depois de muita desavença, concertaram-se em repartir as mercadorias que viessem do mar e descessem do Douro.

* Não era admittido á governança quem usasse de regatia ou vendesse vinho que não fôsse de lavra sua.

* No anno de 1546 se ordenou que na cidade houvesse um mestre de grammatica pago da imposição do sal. O ordenado eram 10$ réis annuaes. O primeiro mestre chamou-se Marcial de Gouveia.

* El-rei D. Manoel mandou fazer um hospital n'esta cidade e deu a provedoria a Vasco Carneiro.

* Quem deu aos portuenses o privilegio de infanções e ricos-homens foi D. Affonso III em 1299 — (1261 da era christã).

* Teve a cidade demanda com os judeus sobre duzentos maravedis de moeda antiga que lhe deviam da casa e chão comprados pelos israelitas. Foram condemnados. A cidade aforou annualmente aos judeus o

---

(1) Este Alvaro Gonçalves era o chamado *Magriço*, um dos doze de Inglaterra, heroicamente cantados por L. de Camões. Parece que o valentão não tratava mais humanamente os vizinhos do que os inglezes.

campo do Olival por duzentos maravedis de vinte e sete soldos cada maravedi.

Era prohibido a judeus e mouros serem medicos no Porto.

* Faltando-se aos vereadores com a ceremonia de os incensarem na Sé, onde estavam com as suas insignias na vespera de Corpus-Christi, ordenou el-rei ao bispo que não repetisse semelhante descuido.

* O caminho da Lada ao redor do muro foi mandado fazer por D. Fernando.

* Por se perderem muitos navios na barra do Douro, depois que cahiu um pinheiro que lhe servia de marca, se mandou fazer a de pedra em 1530. Em 1534 se tirou devassa de quem descascou o pinheiro e o fez seccar.

* No anno de 1575 se concedeu á cidade que pudesse dar ordenado de vinte cruzados cada anno ao physico Lopo Dias.

* Concedeu el-rei e fez mercê á cidade de uma casa sobre um arco na Rua Formosa para os mercadores n'ella se ajuntarem e tratarem dos seus negocios. Os mercadores viviam na rua de S. Miguel, e se mudaram para a Ribeira. Querendo alguns voltar para a mesma rua, supplicaram ao rei, que os mandou voltar todos.

* As primeiras moedas de *10 réis* lavraram-se no Porto em 1415.

* No anno de 1529 cahiram 360 braças do muro entre a Porta do Olival e a Porta da Rua de Carros, que se mandou reedificar, e foi avaliada a braça em 800 réis.

* Concedeu D. João I ás mulheres do Porto o privilegio de não poderem ser presas por culpas dos maridos.

* Porque muitos viviam de pedir podendo trabalhar, ordenou D. João I que ninguem pudesse mendigar sem licença da camara. E aos infractores impunham-lhes o castigo de servirem um anno sem soldada.

* Pediu esta cidade perdão a Affonso V para Egas Gonçalves e outros que mataram Martim Gonçalves. Fôra o caso que, sendo Egas vereador, tirou devassa dos malfeitores e culpou Martim Gonçalves. Este sahiu de noite ao outro e acutilou-o desde a cabeça aos pés.

O infante D. Henrique obteve o perdão de Martim, o qual se apresentou no Porto passeando arrogantemente. Egas e os seus amigos investiram com elle e mataram-n'o. Movido por taes razões, Affonso V perdoou aos assassinos depois de estarem um anno desterrados em Bragança.

* Por provisão de D. João III, quem pescasse no Lago da Foz, á bocca da barra, tinha um anno de degrêdo e perdimento de barcos e redes.

* O cidadão que não queria levar nas procissões

as varas ou tochas que a camara lhe ordenava, era riscado de cidadão e não podia haver algum cargo.

Na procissão do Corpo de Deus costumavam ir invenções de moças, e na vespera iam á igreja da Sé fazer danças, e um dia, iam á igreja de Santo Ildefonso, outro dia a S. Pedro de Miragaya. E por que as indecencias abastardaram a devota usança, e das invenções das moças resultava escandalo, ordenou-se a suspensão dos inventos, e encarregou-se o bispo de os reformar. Na Rua Nova fazia-se um auto quando passava a procissão. O bispo, como achasse escandaloso o auto, mandou dizer no tablado uma qualquer coisa de pouca demora. Os mercadores de sobrado e os de loja foram duas vezes condemnados por teimarem em fazer certa invenção ou tramoia ao divino.

* El-rei D. João I permittiu aos moradores d'esta cidade que pudessem trazer n'ella porcos ; mas D. Manoel, em 1513, prohibiu-os e condemnou a 500 réis de multa por cabeça o dono dos porcos encontrados na rua.

* D. João I ordenou que os seus criados, vindo ao Porto, não pousassem na rua das Eiras, nem dos Mercadores, nem em casa de homens honrados, nem de mulheres viuvas, nem de casadas com maridos ausentes.

* Foi sentenciado o dom abbade de Victoria porque tinha pesqueiras na quinta do Bicalho.

* No anno de 1566 mandaram os vereadores dar ao procurador da cidade em côrtes 5$ réis.

* Ordenou Filippe II á camara do Porto, em 1581, que não assistissem á eleição dos procuradores os que tivessem seguido o partido de D. Antonio, Prior do Crato.

* O sino do relogio estava antigamente na Porta do Olival, e el-rei D. João I o mandou pôr na Torre da Sé para relogio, e ficou a cidade obrigada a pagar um terço das despezas, o bispo outro terço, e o restante o cabido. Como bispo e cabido não quizessem pagar, alguns annos não tangeu o relogio. Mandou por isso o rei que se pagassem as despezas da dizima que o bispo e o cabido tinham na alfandega. Deu-se esta ordem em 10 de setembro de 1417.

* O mosteiro de S. Domingos deu terra para se fazerem casas nas Cangostas com porta para a rua, de que a cidade pedia fôro, por ficarem as portas na rua. Decidiu-se que a camara não levasse fôro nem impedisse as edificações.

* Uma snr.ª Maria Anes, contratada com a cidade a dar-lhe o sabão necessario, foi notificada para em quatro dias fornecer o sabão preciso ou rescindir o contrato.

* As primeiras marinhas de Mattozinhos concedeu el-rei que as fizesse o alcaide-mór João Rodrigues de Sá.

* O sino de correr mudou-se da porta do Olival para a torre da Sé em 1583.

* Como os tanoeiros, fogueando na rua da Ourivesaria e Banhos, prejudicassem os vizinhos e fôssem por isso multados, conseguiram que a cidade lhes desse, em 1515, o terreiro do Postigo de João Paes que vai para o Muro contra a rua da Ourivesaria, e ficaram foreiros á cidade. Os tanoeiros do Porto foram dispensados em côrtes de 1439 de irem a Lisboa trabalhar na louça de Ceuta, alegando que trabalhavam no Porto na mesma louça.

* Em 1608 foi concedida á cidade a casa em que se batia a moeda para n'ella se vender o pão.

* Na era de 1397 mandou el-rei fazer uma torre no Bicalho e outra da parte de Gaya para lançar uma cadeia de lado a lado que impedisse a passagem a navios inimigos. Os de Gaya escusaram-se de fazer a torre de sua margem, dizendo que a cadeia não servia de nada, para o que fizessem a experiencia antes de fazer a torre. Não se resolveu nada a tal respeito.

* A camara dava annualmente 4$ réis a dois trombetas que ensinavam a sua arte.

* Existia um cidadão mantido pela camara com obrigação de agarrar os vadios e pôl-os a servir.

D. João III, sabendo que o tal cidadão comia o mantimento sem trabalhar, mandou syndicar da vadiagem d'este terror dos vadios.

* No anno de 1714, a 11 de agosto, se tomou assento na Relação do Porto para se mudar a forca do sitio chamado *Mija-velhas*, e arvorar-se no caes da Ri-

beira. Em 14 de junho de 1725 se tomou assento ácerca das ruas por onde haviam de transitar os padecentes; reduziram-se as ruas mais breves e direitas á Ribeira.

Em 14 de junho de 1789 um gallego matou sua ama, que era de Braga. Foi logo preso, e no dia 31 do mesmo mez (!) foi enforcado no logar do delicto. Armou-se a forca na noite de 30 á bocca da rua nova da Neta da parte do Bomjardim, e n'ella ficou pregada a cabeça e tambem as mãos do réo. As ruas por onde foi o padecente foram as costumadas até à rua das Flôres, Porta de Carros, Bomjardim.

Mafra

Quem lê desprevenidamente as pomposas relações do modo como foi executada a traça magnificente do convento de Mafra, crê e pasma na convergencia de forças, de vontade e devoção do paiz a coadjuvarem o pensamento de D. João v.

Primeiro que tudo, saibamos como se desenhou na fantasia do filho de Pedro II aquella pedreira.

Um dia encontraram-se no paço o bispo D. Nuno da Cunha e o franciscano fr. Antonio de S. José.

O bispo capellão-mor disse ao frade:

— V. Reverencia encommende a Deus S. Magestade para que lhe dê successão. El-rei nosso senhor anda triste, porque a rainha nossa senhora lhe não dá filhos.

O servo de Deus respondeu:

— El-rei terá filhos, se quizer.

O fradinho sahiu. E o bispo inquisidor, reflectindo na resposta mysteriosa de fr. Antonio, perguntou ao marquez de Gouveia :

— Que conceito faz da virtude d'este arrabido ?

— Tamanho, que o fiz padrinho d'um filho meu.

— Oh ! — exclamou o futuro cardial.

Volvidos dias, tornou D. Nuno da Cunha a encontrar-se com o frade e a perguntar-lhe o sentido latente da sua resposta. O arrabido pôz os olhos no céo e disse:

— Prometa el-rei a Deus fazer um convento na villa de Mafra, que logo Deus lhe dará successão.

Dito e feito, feito quero dizer não o convento, mas o fructo desejado. No mesmo anno de 1711 deu a rainha à luz uma menina.

Fr. Antonio, quando a princeza nasceu, tinha já morrido. Passou ; mas o vestigio que deixou na terra é aquillo ; é o convento de Mafra. Saiba-se, e apregôe-se este nome aos ingratos de hoje. Se não tivesse existido um carpinteiro que, aos vinte e cinco annos, vestiu a tunica de S. Francisco, e se chamou fr. Antonio de S. José, não teria Portugal aquelle poema de granito que mostrar aos estrangeiros espantadiços, poema que na ordem dos poemas corre parelhas em peso e semsaboria com a *Malaca conquistada*, com a *Ulisipo* e outros que taes das gordas musas da nossa terra.

Sahiram, logo que a rainha deu sinaes de fecunda, tres frades para Mafra a fundar o hospicio, e D. João v foi pessoalmente escolher o logar do convento. As expropriações e damnos causados aos agricultores convizinhos em diversas epocas sommaram 14:738$150 réis. O primeiro voto do rei tinha sido economico : a promessa feita a Deus era de convento para treze frades. Depois, subiu a quarenta ; depois a oitenta ; e ul-

timamente a trezentos. N'esta conformidade delineou o architecto allemão Ludovici a sua traça.

Cavaram-se os alicerces a braços de quatrocentos até seiscentos homens por dia e a vinte palmos de profundidade.

Foi benzida a primeira pedra no dia 17 de novembro de 1717 com tão luzidas festas que todo o encarecimento viria curto depois de se dizer que orçou por duzentos mil cruzados o custo d'ellas.

Lançada a primeira pedra, subiram os operarios de vinte a vinte cinco mil diariamente; mas n'algumas temporadas trabalhavam passante de quarenta mil pessoas matriculadas nos róes dos jornaes.

Ao cabo de treze annos, convertidos e estagnados alguns milhares de contos n'aquella serra de cantaria, ou *bagatela maravilhosa*, como lhe chama o snr. A. Herculano, o jubiloso rei, apontando para os paramentos sacerdotaes que mandára expôr no pavimento da basilica dizia : « Saibam que isto que vêem me custou mais dinheiro que toda essa grande machina de pedra que nos cerca. »

Estava consummada e perpetuada a pia parvoice, que em relação ao tempo era o maximo arrôjo d'um animo emprehendedor. O Luiz XIV portuguez remirava-se no seu Louvre. O contricto das façanhas juvenis, exercitadas por conventos de monjas, cuidava que por detraz da ingente basilica de Mafra o não veria Deus ; nem o supremo juiz, de puro atordoado com as psalmodias dos frades e a bimbalhada do carrilhão, ouviria accusações de queixosos.

Volvendo agora ao principio d'este escripto, tornemos a maravilhar-nos do fervoroso auxilio que prestou á devoção do rei o paíz representado nos milhares

de operarios, que alli concorriam de longes terras. Aquella espontaneidade, se a não explica o liberal estipendio, hemos de arguil-a ao espirito piedoso que já vimos obrar prodigios na edificação da Senhora da Lapa do Porto, se é licito comparar a obra do Padre Angelo de Siqueira à de fr. Antonio de S. José.

Ora, se o leitor quer vêr que nem piedade, nem generoso estipendio explicam o prodigioso afan n'aquelles treze annos de incessante trabalho, leia uma carta inédita que um dom abbade benedictino escrevia a outro respondendo ao convite de irem com a côrte assistir á sagração da basilica em 22 de outubro de 1730. Esteve a carta archivada em Tibães até que o cartorio se desfez e espalhou. Lá guardavam os frades esta pagina do «jornal opposicionista» d'aquelle tempo. Frades eram então os politicos, os obreiros clandestinos das objurgatorias á laia d'esta. Justos ou injustos, imitantes dos modernos, aquelles publicistas ineditos lavraram os seus protestos diante da posteridade. Por isso ficaram, e formam hoje a historia. Se os atirassem aos prelos e os divulgassem ás paixões do dia, chegariam até nós sem força nem preponderancia na balança do bom e mau do seculo passado. Mas o peor para o frade, certo, não seria o descredito do seu artigo de opposição, caso algum editor lh'o estampasse. É bem de crêr que lh'o trasladassem para as costas a ferro em brasa, se á noticia do corregedor do bairro chegasse a seguinte carta :

«Meu amigo e snr. V. R. me convida para esta galhofa de Mafra, e eu tenho por galhofa rogar-me vossemecê para esta funcção ; por que, podendo caber nas clausulas da razão o appetite de vêr novidades, não se

compadece com a profissão de catholicos poder achar gosto no que tem sido assumpto de tantos pezares, nem ter olhos para vêr o que tem sido cegueira de todo este reino, nem menos que haja riso onde se vê tanto chorar. Se V. R. está de animo para vêr miserias, lastimas e estragos, póde fazer a sua jornada, que eu, segundo a lei que professo, me não posso capacitar que seja licito o vêr nem applaudir as obras de Mafra ; e, por que a proposição não pareça a vocemecê absoluta, recorra aos meios que se tomaram para a edificação d'este edificio, e os achará totalmente contrarios á disposição da lei natural e divina ; de cuja consideração sae legitima a minha consequencia.

« Em primeiro logar, foi errado o meio de constranger os homens n'esta appetitosa obra, por ser voluntaria e não util e necessaria ao reino, por que o principe, ainda que soberano, não tem dominio na liberdade dos seus vassallos aos constranger involuntarios nas coisas que privativamente pertencem ao gosto do mesmo principe, e quando obra absoluta, fica transgressora do direito natural como qualquer outro particular. Testemunhas da coacção e da violencia não sómente somos nós que com nossos olhos vimos a tantos homens arrastados pelas estradas e ruas com cordas e cadeias conduzidos por beleguins como delinquentes justificados, como tambem são as mesmas pedras a quem feriam os gemidos famintos em que desafogavam aquelles corações afflictos, ou já por que se consideravam reduzidos a estado de escravidão immerecida, ou por que na tyrannia dos conductores experimentavam inhumanidades.

« Foi errado tambem o meio de se fabricar o magnifico edificio á custa das fazendas alheias, porque o prin-

cipe não é senhor das fazendas dos seus vassallos para as converter e distribuir a seu alvidrio ; e é absolutamente contra a lei divina tomar o alheio contra a vontade do seu dono. E note bem, meu amigo, se é que póde caber na comprehensão o que póde ser abysmo, as perdas e damnos em que se tem arruinado este reino com as obras de Mafra, passe a discorrer particularmente por ellas, e achará que nem uma só pessoa d'este reino poderá dizer com verdade que se acha eximida d'ellas ; e, como pelos effeitos chegamos ao conhecimento das causas, recorra vossemecê ás lágrimas que se tem chorado e se vão chorando para d'ellas inferir as perdas e damnos que são as lagrimas com que se explicam os vassallos opprimidos. Choram os homens as perdas dos seus bens convertidos contra vontade sua em vaidades ; choram a perda da saude em um continuo giro de trabalho, expostos ao rigor do frio sem cama em um deserto, no intenso das calmas, sem sombra nem abrigo ; choram a miseria da fome sem pagamento ; choram a perda das vidas e das almas na falta dos sacramentos em artigo de morte, com evidente perigo de salvação. Grande miseria !

« Choram as mulheres a falta de seus maridos, por lhes faltar o soccorro dos jornaes com que as amparavam. Choram os filhos por que não tem pais que lhe administrem um bocadinho de pão. Choram os ecclesiasticos as immumidades da igreja, por que lhes faltam ao respeito, tomando-lhes as bestas, bois e carros. Choram as communidades dos religiosos, por que fóra de horas se lhes rompem as suas clausuras, e n'ellas entram os beleguins, esbirros e lacaios que com el-rei na barriga os não exceptuam das vulgares insolencias que costumam praticar. Choram os grandes da côrte o seu

abatimento ; que lhes não guardam aquelles fóros que grangearam á custa das proezas que seus antepassados obraram expondo as vidas e fazendas para em todas as quatro partes do mundo estabelecerem dominio aos reis d'esta monarchia, e por lhe sustentarem na cabeça a corôa que logra ; achando-se reduzidos ao fôro de plebeus, sem aquella distincção com que foram condecorados ainda pelas mesmas leis. Chora a côrte o seu universal estrago por que se arruinam os seus edifícios sem remedio por falta de artifices e materiaes para se acudir aos seus reparos. Na mesma côrte choram os templos porque se acham as santas imagens sem veneração e sem limpeza. Choram as povoações do reino o seu estrago. Choram as aldeias e os campos a falta de cultura por que não ha agricultores que os fabriquem. Choram os montes porque lhes falta a sociedade dos pastores e dos gados. Choram os animaes sobpostos a excessivo trabalho sem alimento. Tudo quanto ha no reino chora, por que tudo é escravidão sem esperança de resgate, pois se fazem irreparaveis as perdas e damnos que se experimentaram e vão experimentando.

« No excesso da sua dôr dizia David que lhe serviam de pão as lagrimas de dia e de noite ; e com differente motivo estamos vendo que servem de pão as lagrimas, noite e dia, aos moradores de Portugal. No céo ainda se ouvem e eternamente ouvirão os brados do sangue de Abel injustamente derramado ás mãos da tyrannia de seu irmão Caim. E porque não se ouvirão no céo os brados de sangue de tantos Abeis derramado á instancia de maior tyrannia e nunca vista crueldade ?

« Se são estes os meios, meu amigo, diga-me V. R. fallando como homem e como catholico, como póde ser o seu fim do agrado de Deus ? Por mais que se me diga

que esta obra se encaminha ao serviço de Deus e seu louvor, por força de fé estou obrigado a crêr que não póde ser do agrado de Deus. As obras de que Deus se agrada são as de misericordia e justiça exercitadas como virtude. Obras feitas contra a virtude da justiça e misericordia são obras do diabo, que não de Deus. Furtar para dar esmolas é proposição condemnada. Fazer templos dedicados a Deus com prejuizo de terceiro á custa do sangue dos pobres, não se ajusta com a lei que professamos. E, se não póde ser do agrado de Deus, que quer o meu amigo que vamos vêr a Mafra ? Que podemos vêr que não seja incentivo para mágoa ? Que faz que sejam marmores delicadamente lavrados, se a consideração e piedade de catholico me convida a discorrer que todo este reino tem sido cordeiro de cujas veias correu o sangue para amollecer as durezas do marmore ? Que importa a inexplicavel perfeição d'aquelle edificio se a razão me obriga a pensar que os seus materiaes foram amassados com lagrimas e suor do rosto dos pobres ? Que monta a magnificencia do templo, se não ha pedra em cuja frente não estejam gravadas com letras de sangue as efigies da maior violencia e tyrannia ? Meu amigo, que somos nós, catholicos ou barbaros ? Se catholicos, não devemos com a nossa curiosidade approvar effeitos da soberba e deshumanidade.

« De que serve a composição dos sinos para a solfa dos minuetes, se a letra que entoam são os gemidos e lamentos com que desafoga o coração de um reino afflicto ? No templo de Deus, a melhor solfa para entoar seus louvores é aquella que se compõe do tempo perfeito que é o da graça, e a que tem por propriedades as boas consciencias, por vozes as orações, por figuras as

virtudes, por pausas a observancia dos preceitos, por pontos os da perfeição nos costumes, e por mestre da capella o amor de Deus. Nas mesquitas dos herejes é que sómente pódem fazer boa consonancia os minuetes, bons incentivos para vicios. Trocamos os templos em mesquitas ; pois vêmos que para Mafra, que havia de ser templo de Deus, se compuzeram os minuetes das mesquitas de Inglaterra. Seja Deus sempre louvado, pois permitte que os capuxinhos da Arrabida passassem do estado de humildes ao da grandeza, da estreiteza dos cubiculos á amplitude d'um palacio, da pobreza das esmolas pedidas, á ração palaciana com tanta fartura administrada, da modestia de frades a bailarinos de minuetes, que vale o mesmo que de virtuosos franciscanos a uns relaxadores Lutheros. E outras tantas mil vezes seja Deus louvado pois permittiu que resurgisse a soberba de Babel, e que esta torre se continue sem nos confundir as linguas para fallarmos na nossa confusão !

« Finalmente, meu amigo, para vêr Mafra não é necessario ir a Mafra ; por que ella por nossos peccados está em toda a parte do reino ; pois não haverá n'elle pessoa que não tenha tomado entre dentes a Mafra, e a não traga atravessada na garganta e coração . . . No nome de *Mafra* temos descoberto o enigma. Vamos tirando a mascara. Repare bem que se compõe Mafra de cinco letras que todas denotam a nossa perdição. Denota o *M* que seremos *mortos ;* o *A — assados ;* o *F — fundidos ;* o *R — roubados ;* e o ultimo *A — arrastados.* E, se assolados, roubados, fundidos, arrastados e mortos são os termos a que nos achamos reduzidos, por pratica e experiencia de justiça, estamos obrigados a dizer mal de Mafra e desterral-a; pois desde o diluvio

universal esteve reservada no calcanhar do mundo para ser o diluvio universal d'este reino.

. . . . . .

«Não posso, meu amigo, alcançar o odio que tem o rei aos seus vassallos, nem em que degenerassem para ser desherdados d'aquelle agasalho que mereceram aos reis seus predecessores ; porque na constancia do soffrimento e lealdade dos affectos não os ha mais dedicados. O certo é que este abatimento é disposição para nos fazer apostatar da lei, para o que é já principio esta affectada quebra com a séde apostolica e serão os fins a mesquita de Mafra, onde por peccados nossos veremos as ceremonias da lei escripta. Deus nos dê da sua graça e tenha de sua mão para que não desesperemos da salvação e a V. R. dê luz para se retirar de vêr Mafra á qual eu não chamarei templo de Deus, mas sim espelunca de ladrões. E por não approvar o que não póde ser do agrado de Deus, não quero ir a Mafra etc.»

E não continha mais a insolente carta do dom abbade benedictino. Reluz n'ella o que quer que seja de verdade e justiça. Escriptores coevos em termos moderados e timidos delataram o despotismo com que as auctoridades provinciaes compelliam os agricultores e officiaes a irem trabalhar em Mafra. Um escriptor nosso contemporaneo presume que D. João v ignorava as violencias praticadas, e acceitava como espontaneidade amorosa de seus vassallos a prodigiosa concorrencia de braços. (1) Como quer que fôsse, a pressa que tinha o rei de reproduzir-se, e o valimento de fr. Antonio com

(1) *Panorama*, 4.º vol. da 1.ª série, pag. 66.

as forças fecundativas que descem do céo, geraram grandes angustias, enormes desperdicios e um acervo de pedaços de marmore que tanto montam alli como nas pedreiras d'onde os quebraram. Dos zimborios esplendidos do templo para cima está o céo, onde, primeiro que as orações dos frades, chegaram as lamentações dos opprimidos pelos verdugos do braço real. Aquillo não convida almas devotas nem poeticas. O que ressumbra da opulencia carrancuda e dura de tanta pedra vestida de laçarias e folhagens é muitissima hypocrisia e muitissimo ouro que já vinha orvalhado das lagrimas d'outros opprimidos de além-mar.

A mesa mysteriosa

O titulo é enfatuado e pretencioso em a simples noticia d'uma pedra, cuja serventia me gabo eu de ser o primeiro que a declara em letra redonda.

O leitor já foi ao *Largo das Carvalheiras*, em Braga, e viu entre os monumentos romanos, contíguos á capella de S. Sebastião, uma mesa de pedra com inscripção no rebôrdo, que diz BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET ANTIQUA). Se não se convenceu logo de que n'aquella mesa já comeram pretores romanos ou reis mouros, informou-se com o Contador de Argote e ficou sem saber a serventia da mesa.

De feito, o famoso antiquario, como pessoa que recebia as noticias no gabinete e não via os monumentos, assignou dc romana a pedra, assentando a sua decisão na hypothese de que em 1625 os caracteres que

até áquella data estiveram na superfície da mesa foram mudados para o bordo onde hoje estão ; sendo, além d'isso, coisa clara ao entendimento de Argote que a inscripção primitiva era sómente BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET ANTIQUA (fiel e antiga) não condiziam com as inscripções usadas no tempo dos romanos.

O archeologo das *Antiguidades de Braga* era o homem de melhor fé que ainda entendeu em decifrar inscripções lapidares. Enganaram-n'o ignorantes ou sabios insufficientes, que tanto monta. O bonacheirão de D. Jeronymo acceitava tudo que lhe encampavam das provincias. Ao intento, escreve mui sobre o seguro um anonymo na *Revista Litteraria*, optimo periodico de que deve gloriar-se o Porto, estas sensatas queixas... « A respeito de inscripções lapidares antigas, suas obras (as do contador de Argote) não se podem . . . consultar com confiança alguma crítica ou de verdade. Injudiciosissima foi com effeito a resolução que tomou de escrever sobre as antiguidades de uma provincia sobre a fé de outros, e estes geralmente homens de mínimos conhecimentos em archeologia . . . Nunca se deveram ter formado grossos volumes dos indigestos materiaes, que de todos os lados lhe eram remettidos . . . »

A noticia das letras picadas no plano da mesa e abertas á volta induziram o credulo teatino a dar como obra de romanos o calhau, e inferir que no campo de S. Sebastião estivera a chancellaria dos dominadores do mundo !

O critico já citado, collaborador da *Revista Litteraria*, sem averiguar nem conjecturar qual haja sido o uso da mysteriosa mesa, repara na inscripção, e escreve : « O final entre parenthesis d'esta inscripção e tal-

vez toda ella é de origem apocrypha.» (1) Com toda a certeza. Não ha alli cousa que entenda com romanos: o que a mesa recorda é uma costumeira portuguezissima de que não ha memoria impressa, nem sequer tradição oral que ligue aquella pedra ao facto.

Quem idoneamente sabia a utilidade da mesa era um arcediago da Sé bracarense, sujeito que morreu ha mais de tres seculos, e deixou um manuscripto que, ha duzentos annos, pouco mais ou menos, parava em posse de Estacio de Novaes, cidadão de Braga.

Este manuscripto esteve depois na cella do frade benedictino de Tibães, fr. Manoel da Ascenção, que morreu por 1665 em Coimbra, onde leu theologia. (2)

O frade trasladou o manuscripto, e eu sou o dono do traslado, emquanto o governo me não ordenar que lhe entregue o trabalho do monge, para elle o fechar n'um gabinete onde a carcoma e os ratos o desfaçam.

Ora conta diffusamente o códice que em certos dias do anno costumavam os bracarenses fazer montaria nas vizinhanças da mesma cidade. Esta ceremonia, imitada dos tempos gentilicos, passou a ser culto a S. João Baptista, depois que a fé christã espancou as trevas pagãs. Vejam que espancamento! O progresso redundou em apear do nicho um bruto olympico e substituil-o pelo precursor do divino Mestre!...

Na vespera, pois, da festa faziam os bracarenses

---

(1) N.º 13, do 2.º anno, (1839) pag. 202.

(2) Frei Manoel da Ascenção escreveu e publicou o *Ceremonial dos monges negros* impresso em 1647, e verteu para linguagem o *Compendio dos exercicios espirituaes*, publicado em 1654, e reimpresso em 1692 e 1715.

cavalhadas além do rio Deste, e, depois da folga, monteavam á imitação dos seus maiores.

Com o dobar dos anos, extinguiu-se a caça grossa, e esmoitaram-se os grandes mattagaes onde as feras se embrenhavam. Nem por isso os cavalleiros de Braga se abstiveram da sua antiquissima usança. Inventaram o como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que hoje denominam *coutada dos arcebispos* (este hoje refere-se a um *hoje* de ha trezentos annos) para assim cumprirem a sua devoção.

Que devoção ! matar porcos !

Vamos lá. Chegaram (prosegue a relação e ementa do doutor) os tempos de D. Diogo de Sousa (1) o qual fundou uma capella de S. João Baptista, logo além da ponte, obra sua tambem, sobre o rio Deste ; e, como se erigisse uma irmandade em honra do santo, tomou esta á sua conta dar os meios para continuarem os antigos costumes. Elegiam-se, para o caso, dois mordomos : um mordomo obrigava-se a criar e manter todo o anno um corpulento porco de côr preta. Na madrugada do dia de S. João, feitas as cavalhadas, iam os fidalgos ao alto do Picoto, soltavam o cevado, e despediam atraz d'elle contra o rio Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte para lhe estorvarem a passagem, e obrigal-o a vadear o rio. Á aba do rio apinhoava-se povoléu d'aquelles sitios a escorraçar o porco para a ponte. A gente racional da cidade, divertida com as afflicções do seu irmão perseguido, pendurava-se por aquellas montanhas, esfuziando jubilosos guinchos e gargalhadas que não ha ahi mais dizer. Emfim, se o porco pas-

(1) Governou Braga desde 1505 até 1532.

sava a ponte era premio do gentio fluvial que o comia ; se passava o rio, era dos moleiros que o comiam tambem.

E tudo isto em honra e louvor do sr. S. João Baptista e aproveitamento das almas.

« Acabado o festejo, vinham os cavalleiros á alameda de S. Sebastião e sobre uma pedra que ainda hoje se conserva em fórma de mesa — prosegue o frade copiando o arcediago — a qual estava muito armada e cheia de cestinhos com as fructas d'aquelle tempo, outro mordomo da confraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes cestinhas que elles levavam pela cidade com muita galhofa ás pessoas da sua obrigação. A ceremonia do porco não sei ha que tempos acabou ; porém, a das cestas de fructa ainda conheci gente que a viu, e haverá cem annos, pouco mais ou menos que toda se extinguiu ».

Podemos, pois, sabido o anno em que morreu o frade (1665) aproximadamente calcular que no meado do seculo quinhentos acabou de todo a ceremonia das cestinhas de fructa ; e tão depressa se deliu a memoria da serventia da pedra que já fr. Manoel da Ascenção dizia : « Esta é a historia do porco preto tão decantada; e a serventia da pedra de S. Sebastião que tanto deu que cuidar aos auctores que d'ella escreveram, sem até agora o saberem ».

E accrescenta : « Tirei isto d'um manuscripto de letra muito antiga e quási apagado, etc. »

A historia do porco preto já eu a li algures n'um dos tomos da *Monarchia Lusitana;* mas o prestimo da mesa é a primeira vez que entra na lista das cousas sabidas e importantissimas para a historia do espirito humano, do progresso e da christandade.

Feitas as contas, a pedra que insinuou ao contador de Argote a existencia de uma chancellaria romana alli pelas Carvalheiras, sae-nos pura e singelamente uma pertença á festa dos porcos. Ora vejam !

Esperamos poder exhumar do pó do olvido muitas d'estas paginas gloriosas para orgulho, sapiencia e edificação do leitor.

Izabel Clesse

I

A sr.ª Izabel Xavier Clesse, moradora, por 1771, na calçada da Estrella em Lisboa, era casada com o sr. Thomaz Goilão, piloto dos mares indianos, laboriosissimo sujeito, bom cidadão, marido dos melhores, e bem servido dos bens da fortuna. Tantos predicados, assim mesmo não lhe bastavam a vassallar de todo o coração da esposa, por maneira que além-mar o não salteassem rebates de ciume. Ciumes, todavia, nem sempre indicam infidelidade. Bem podia acontecer amal-o ella muito e elle zelal-a muitissimo Este contrasenso do coração humano é vulgar. D'esta vez, porém, as suspeitas do sr. Goilão, dado que não assentem sequer em sombra de prova, procediam d'uma intuspecção mysteriosa que em termo caseiro chamamos «palpite».

Ora, a sr.ª Izabel era pessoa notada em toda Lisbóa

por sua estremada belleza, apimentada com certa casquilhice que as vizinhas honestas confundiam com propensões ao escandalo. A calçada da Estrella, bem que declivosa, era, á conta da gentil consorte do piloto, passeada pelos mais guapos cavalleiros da côrte, rivaes que se odiavam, sem que alguem pudesse rir das frustradas tentativas dos outros. A logrativa dama respondia ao cortejo de um e de todos com urbanas mesuras e sorrisos de complacente delicadeza ; logo, porém, que os mais audaciosos lhe atiravam á janella cartinha, ramo de murta ou flôr, Izabel carregava de tal gravidade o rosto que Lucrecia, se a vira, não daria tanta importancia á sua inviolabilidade.

Apesar d'isto e da lealdade com que a esposa lhe referia a derrota dos tentadores, o snr. Thomaz Luiz não aquietava os incommodos «palpites» que o tresnoitavam por esses mares de Christo além.

Era o seu anjo custodio que lhe segredava mui vagamente os trabalhos que o demonio lhe andava apparelhando disfarçado na pessoa do snr. Januario Rebello, porta-bandeira do regimento do conde do Prado.

Este Januario tinha graças satanicas e fataes. Se não fôsse tão gentil sobejar-lhe-iam dons seductores nos predicados da audacia temperada por um suave condão de prender e commiserar as almas esquivas, sobredourado isto com uma certa pertinacia e paciencia que não perdia lanço de aproveitar os resultados d'um atrevimento ao mesmo tempo humilde.

Fôsse lá como fôsse, o porta-bandeira levou a melhor dos cortezãos opulentos, deu cartas e recebeu cartas, deu flôres e recebeu flôres, soffreu muitas desfeitas e indemnisou-se com muitos affectos.

Começou o escandalo.

O piloto, ao voltar da India, notou mais caricíativa e extremosa a mulher. Principiou elle então a ter remorsos das suas affrontosas suspeitas, e a prometter á sua razão convalescida da febre dos zelos nunca mais escutar as insinuações da saudade e do amor.

Mas, ao mesmo tempo, as vizinhas, quando elle passava, cochichavam e riam, e os seus amigos, rodeando por longe do assumpto, lastimavam os maridos que viviam na ignorancia do seu opprobrio. Fez-lhe isto mossa e entalação grande. Contou á mulher, sorrindo sem vontade, a chacota das vizinhas e os ditos dos amigos. Izabel Clesse esbravejava contra os diffamadores, pedindo a gritos ao esposo que se informasse do seu viver. Isto applacara-o sómente emquanto os costumados moralisadores lhe não disseram mais pelo claro : « Amigo Goilão, tua mulher é rapariga e linda ; tu já orças pelos quarenta, e estás rico. Deixa-te de viagens. Trata de guardar agora a mulher e o dinheiro.»

O homem pedia explicações, fundando-se no direito com que a sua dignidade as pedia aos amigos. Tergiversavam elles, argumentando com varios casos de maridos enganados, e concluíam sempre com o tal : *Amigo Goilão, tua mulher é rapariga e linda, etc., etc.*

Renasceram mais acerbadas as suspeitas antigas. Tinha já ataques de furia o piloto, se Izabel lhe contrapunha ás desconfianças um demasiado e imprudente zêlo do seu pundonor, alcunhando de devassas as vizinhas e de infames calumniadores os amigos do marido.

Entraram a viver mal. Pensava elle em descobrir o segredo, e ella em escapulir-se á colera do marinheiro, quando o segredo fôsse descoberto.

Visitou-a, n'este aperto, um infernal pensamento :

desfazer-se do marido, apartal-o de si, mediante uma pedra de sepultura. Este alvitre, quer lh'o aconselhasse Januario, quer o demonio, que tudo era um, pesou-lhe tanto na alma perdida que de concebel-o a executal-o não teve sequer tempo de escolher um modo decente de o matar.

Pois matou-o indecentemente? — perguntam as pessoas limpas e espavoridas.

Tentou matal-o por suja maneira, senhores meus, matal-o com uma mézinha ministrada por meio d'uma seringa.

É onde póde chegar a imaginação depravada! A proposito d'isto exclamava Nicolau Tolentino, contemporaneo do caso:

Que novo invento é este de impiedade!

II

Ora hão-de ser de tão delicado espirito os meus leitores que m'o não creiam!... Eu vou já invocar o testemunho da historia, e nada menos que o de fr. Claudio da Conceição, collector de valiosas noticias que enfeixou com o titulo de *Gabinete historico*. Abra o vol. XVII a pag. 30 e leia:

« Por sentença de 28 de março (de 1772) foi condemnada á pena ultima morrendo enforcada na Praça « da Alegria, no dia 31 do mesmo mez, Izabel Xavier « Clesse, casada em face da igreja com Thomaz Luiz « Goilão, moradores na calçada da Estrella, pelos crimes que diz a sentença, e são estes: Que abusara da « fidelidade conjugal não só no tempo em que seu ma-

« rido se achava na viagem da India, mas ainda depois « de recolher a esta côrte . . . (1) com um porta-bandei- « ra do regimento de que era coronel o conde de Prado, « chamado Januario Rebello. Que . . . intentara tirar a « vida a seu marido na noite de 3 de maio do anno an- « tecedente, em que elle deitando-se na cama com toda a « paz e socego sem se queixar ou conhecer molestia al- « guma em seu corpo, a sentiu ao pé de si chamando « por elle com desaccordo para que visse o seu estado « e o que lançava da sua mesma bocca . . . persuadin- « do-o que tinha sido um vólvo, e que logo mandasse « chamar o cirurgião para o curar ; o qual com effeito « chegando, ouvindo todo o successo e duvidando appli- « car-lhe remedio, ás instancias da mesma ré, lhe recei- « tara uma innocente mézinha de agua de malvas, açu- « car branco e oleo de amendoas dôces em fogo, que « sendo feita e preparada por ella, e lançando-lhe uma « pequena porção repentinamente lhe causara um tal « estrago com a venenosa qualidade, que lhe tinha mis- « turado, que chegou aos ultimos instantes da vida ; e « que, preparando-lhe outrosim umas unturas ainda « antes de se conhecer o expendido intento, o fizera com « tal arte que das mesmas lhe resultaram varias nodoas « e chagas, como tambem que sendo-lhe applicados uns « leites n'elles lhes lançara veneno de que foram acha- « dos dois papeis ; e que finalmente lhe fugira de sua « casa e levara comsigo varias peças de ouro e prata do « seu uso, e varios trastes e roupas retirando-se para um « Recolhimento. Mostrou-se que a mézinha fôra de

(1) As reticencias substituem as phrases indelicadas. O frade não as omittiu. Os historiadores, pelo commum, em Portugal entendiam que as senhoras não liam historias.

« agua forte, mandada buscar pelo seu criado João An-
« tonio a uma botica por duas vezes, a primeira porção
« 60 réis, dizendo que era para curar uns calos, e man-
« dou por uma vizinha buscar á botica de S. Bento sé-
« neca para matar ratos, que foi o que se lhe achou em
« dois papeis. »

Parece que o marido, logo que refrigerou os intestinos cancerados pela agua-forte, e ganhou pelle nova nas escoriações das unturas, saltou da cama ; e, como não achasse a mulher nem a baixella de ouro e prata, gritou. Acudiu-lhe a justiça.

Quem sabe se Izabel, remordida na consciencia, entrou no Recolhimento, disposta a penitenciar-se ? A justiça não descontou no crime o intento piedoso nem achou que as taças de ouro e o faqueiro de prata fôssem instrumentos de penitencia.

Goilão arrijou. A providencia sahiu-se magnificamente d'esta cura. A agua-forte e a séneca cederam aos contra-venenos da divina pharmacia. A gente folga de vêr que a innocencia tambem é premiada fóra dos romances. Raras vezes, na vida commum, se dará, sem influencia do alto, que as vísceras d'um sujeito zombem d'um clister de acido nitroso. O Boileau portuguez abunda na minha admiração quando exclama n'este caso :

> Se a mulher por seu gosto fôsse frade
> De S. João de Deus, parca enfermeira,
> Com esta vocação de cristeleira
> Mataria os irmãos por caridade.

E todavia, o snr. Goilão resistiu, e saboreou-se na vingança de vêr escabujar a mulher na forca !

Quer-me parecer que a padecente Izabel movera, ao avizinhar-se do patíbulo, não só a piedade, senão a ternura dos poetas. Tirante um ou dois que foliaram na desgraça á imitação de Nicolau Tolentino, as musas graves choraram a desditosa, e da mézinha que roeu a barriga de Goilão não disseram nada. A meu parecer, aquelle homem devia de parecer ridiculo aos poetas, sem impedimento da justiça com que pediu e obteve o cordel para o formoso pescoço da consorte.

III

Não sei o nome dos poetas que deploraram o tragico fim de Izabel. As poesias manuscriptas sei eu que foram enviadas desde o mosteiro de S. Bento de Lisboa ao de Tibães, no Minho. Quem me diz a mim que os benedictinos, vizinhos da peregrina Isabel, a tinham contemplado com perdoavel extase e a cantaram depois com entranhada commiseração ? E tambem póde ser que o meu manuscripto seja cópia d'alguns papeis impressos occasionalmente. Já me não hei-de affligir, portanto, se algum archivista de curiosa folhetaria me arguir de editor de ineditos impressos ha setenta e nove annos. Como quer que seja, eu nunca os vi nem os meus amigos bibliophilos. Estou em crêr que, tirante os frades, ninguem ouviu este préstito das tagides lagrimosas depós a formosa padecente.

Segue uma

ODE

Jaz na dura prisão encarcerada
Beliza sem ventura, aquelle assombro
De mais rara belleza, a quem mil almas
Rendeu seu bello rosto !

Geme infeliz exposta ás crueis iras
Do vil consorte, expellido abôrto
Das furias infernaes, fera indomável.
Marabuto bizonho !

Prostrado aos duros pés da crueldade,
Em lagrimas banhado o bello rosto,
Beliza sem ventura supplicava
A compaixão do esposo.

Qual indomito tigre na fereza
Seus ternissimos ais repelle e affronta.
Em vão, em vão se cança excitar n'elle
Na desgraça conforto.

Em vão, em vão se cançam seus suspiros
Á compaixão mover um bruto tronco
E nas cruentas mãos da parca dura
Commover-lhe as entranhas.

As divindades da celeste esphera,
Com vozes lastimosas, gritos d'alma,
Para soffrer com animo, implorava,
O golpe rigoroso.

O preparado laço vê pendente
Nas criminosas mãos do sanguinario
Barbaro verdugo : nada teme
O seu valor heroico.

Nada teme! Que os tenros, lindos braços,
Ternissimas prisões do esposo infame,
Em asperas cadeias algemados
Não lhe causam assombro.

Ao poderoso Deus prostrada em terra
Seu auxílio implorava, e com piedosos
Ternos suspiros mil perdões pedia
Ao consternado povo.

Vai, Beliza infeliz, vai, vai, e entrega
Com varonil espirito animoso
Ás crueis mãos da implacavel morte
O mimoso pescoço.

Nota. Póde afoitamente decidir-se que tal ode não ousaria vêr a luz da estampa. Desculpa-se a obcecação das paixões emquanto a moral publica não é ultrajada. O poeta insulta descabelladamente o snr. Goilão, chamando-lhe: «vil, aborto das furias infernaes, fera, Marabuto, tigre, tronco bruto, infame.» Isto é de mais, e não ha liberdade horaciana que desculpe tamanha saraivada de injurias sobre um marido que esteve no gume de se perder. E, se elle morre da mézinha, lá se perdia tambem o lanço de exemplo e escarmento a mulheres que não escolhem o logar por onde filtrem a morte ao intimo dos maridos. Reprovo e condemno a compaixão que se demasia em objurgatorias de tal porte. Este é o meu parecer.

O seguinte poeta é mais cordato. Chora sem offender ninguem. Exercita a bem entendida liberdade da lagrima. Intitula-se a nénia

Affronta vindicada, castigo merecido, sentimentos da natureza, na morte de Izabel Clesse em 30 de março de 1772.

OITAVAS

Infeliz Izabel, sai ! que receias ?
Receias que te vejam, porventura,
Revestida de culpas torpes, feias
Que te vão conduzindo á sepultura ?
Transmutadas as galas em cadeias,
Sem alinho, sem garbo a formosura,
Desgraçada no mundo te ponderas . . .
Porém, se has-de morrer . . . que mais esperas ?

Ah ! que funesta vista ! que horrorosa
Metamorphose ! que pungente aspecto !
Que tremendo apparato lastimoso
Observa o coração com terno affecto !
Ai ! todo o racional é pezaroso,
Todo peito estremece e bate inquieto . . .
Sem vozes, com sóluço e amargo pranto
O mundo te contempla, ó morto encanto !

Ó misera Isabel ! Quem te dissera
Que na flôr dos teus annos haveria
Quem tirasse da verde primavera
A graça que alegrava o mesmo dia !
Quem pensara que a luz que reverbera,
Tão breve, tão sem tempo acabaria !
Que as flôres tu verias fenecidas,
E as estrêllas do rosto escurecidas !

És aquella que tinhas de formosa
Os méritos felizes ? É verdade ! . . .
Aquella que, qual Venus fabulosa,
Querias te chamassem divindade ?
Aquella que, no mundo mais ditosa,
Disfructavas a louca liberdade ?
Eis que tudo se acaba em tanta lida !
Ai ! que perdes a luz, vai-se-te a vida !

Esses louros cabellos que de raios
Poderiam servir ao sol brilhante
Descompostos os vejo com ensaios
De servirem de crepe ao teu semblante !
Essa côr purpurina com desmaios
Bem mostra que a belleza é inconstante,
Pois aqui de manhã com luzes arde,
Em cinzas se resolve pela tarde.

Esses olhos com prantos perturbados
D'onde frechava settas o amor louco,
Para a terra os inclinas quebrantados,
Quando d'ella te apartas pouco a pouco.
Em lagrimas os vejo marejados . . .
Ai ! misera ! por ti os céos invoco !
Acudi-lhe, meu Deus, que ella é tão bella !
Não tendes anjos mais formosos que ella ! (1)

Essas faces, que á purpura da rosa
Emulações faziam, murchas vejo,
A côr que n'ellas vi já tão formosa
Até de se mostrar hoje tem pejo.

---

(1) É incrivel que os dois ultimos versos d'esta oitava sejam do mesmo poeta.

Acabou-se essa graça primorosa ;
Nem de ser o que foi já tem desejo.
Vai, não chores . . . sobe á forca e morre !
Chora o mundo por ti . . . não te soccorre !

Este poeta, se tinha coração sensivel tambem respeitava o livro V das Ordenações. Assim é que eu folgo de vêr a justiça equilibrada com a ternura ; aliás, a poesia volve-se ruina da sociedade.

Outro poeta de engenho metaphorico fez o seguinte soneto :

Á infausta morte de Izabel Clesse que morreu enforcada por querer matar a seu marido.

Infausta galeota empavesada
Nos procellosos mares da vaidade,
Como não preveniste a tempestade
Para evitares ser sossobrada ?

Se buscavas a terra desejada
Para que com fatal temeridade
Desprezas do *Piloto* (1) a sociedade
Para dares á costa destroçada ?

Arvoraste *Bandeira* (2) sem cautela
Soccorros esperando ; mas foi êrro,
Pois sem leme te vês, desfeita a vela.

N'essas rochas terás um triste entêrro,
Quando vês que no mal que te atropella
As cordas só lhe ficam, e falta o ferro.

(1) O marido.
(2) O amante.

O mais sentimental dos poetas é um que figura a condemnada a despedir-se do marido. A idéa corre parelhas com o estylo :

Adeus, querido esposo ! adeus, consorte,
Vou a cumprir meu fado e teu desejo.
Vou coberta de horror, cheia de pejo ;
Caminho com o algoz já para a morte.

Nem eu nem tu julgamos esta sorte !
Se eu pensei de me vêr como me vejo !
Mas foi destino, e tal que eu só desejo
O valor de o soffrer com alma forte.

Perdôa minhas iras indecentes (1)
Que eu perdôo-te os odios depravados ;
Em nada nos mostremos differentes.

Pois sabe que ambos fomos ajudados ; (2)
Eu, na morte, por via de innocentes,
Tu, na vida, por morte de culpados.

Outro poema de que não posso trasladar os quartetos por nimiamente soltos. O poeta manda parar um passageiro quando a padecente vai caminho da forca. Conta-lhe o crime d'ella e prosegue :

Vê aquella que em mimos da ventura
Sempre foi de formosa celebrada !
Que abysmos abre o mundo á formosura !

---

(1) *Indecentes* é um adjectivo muito apropriado.
(2) Verdadeiramente *ajudado* foi só elle.

Nos braços d'um verdugo desmaiada,
Vai . . . aonde ? resvalar à sepultura . . .
Já não tens mais que vêr . . . Segue a jornada.

Outro soneto de inferior merecimento conta os ultimos instantes de Izabel :

Do delicto que fez já penitente
Para a morte Izabel seus passos guia.
Tão valente na morte, parecia
Que os combates da angustia já não sente.

Seu rosto inda gentil ao céo clemente
Levanta, e sem chorar perdão pedia ;
Dos brados com que a voz ao céo subia
Esse azul pavilhão seus ecos sente.

Já soluça, suspira, geme e chora ;
Mas emquanto o verdugo o laço tece
Para o esposo perdão ao céo implora.

Eis seus olhos se fecham . . . emmudece ;
Sua alma sobe a vêr o Deus que adora,
Seu corpo a sepultar-se á terra desce.

Um poeta christão imaginou assim a suppliciada a despedir-se do mundo :

Adeus, povo ! adeus, mundo ! adeus, memoria
D'um caduco prazer ! adeus, cuidados
D'esses gostos horríveis já passados,
D'esta vida mortal e transitoria !

Hoje alcanço de vós maior victoria
Por juizos de Deus bem ordenados ;
Apagando na affronta os meus peccados
Terriveis obstaculos d'uma gloria.

Contente a morrer vou sem que turvada
Essa pena me deixe amarga e dura,
Pois é-me a forca para o céo escada.

E, se perdão da culpa me assegura,
Considere-me o mundo desgraçada,
Que eu, na mesma desgraça, acho a ventura.

Por ultimo, está aqui outro poeta que nos conta coisas acontecidas depois do supplicio de Izabel Clesse, sendo a mais notavel ter-se vestido o céo de luto, como melhor consta do soneto :

Da Parca o golpe, e de Astreis a espada
Contra ti, pobre dama, se conspiram !
Teus olhos que com astros competiram
Deslumbra-os sorte negra e desastrada.

Foi, emfim, a sua morte a mais chorada,
De quantas até aqui idades viram ;
Os mesmos céos de luto se vestiram ;
E de prantos a terra foi banhada.

Chora Vénus, lamenta-se Cupido
De assim vêr ultrajada a formosura
Com tão funebre horror, fim desluzido.

Cesse, porém, dos prantos a ternura ;
Por que tendo Izabel aos céos subido
Troca em sorte feliz a desventura.

N'esta falange de bardos há uns maus e outros tolos. Dos segundos o commando da esquadra pertence juridicamente ao que viu toldar-se o céo e lamentar-se Cupido.

CONCLUSÃO

O leitor tem de me agradecer os incançaveis esforços que malbaratei a pesquizar o destino que tiveram Januario Rebello e Thomaz Luiz Goilão.

Uma nota marginal da collecção dos poemas diz : *O porta-bandeira desterrou-se em Hespanha e morreu lá de paixão, quando soube que Izabel fôra enforcada.*

Se a sã moral consente que se proponha voto de louvor a criminosos de tal raça, afoito-me a pedir que, pelo menos, se lhe perdôe á memoria, em attenção das agonias que o estrangularam fulminantemente. Os homens perdidos para a dôr purificante não costumam assim morrer.

Pelo que toca ao snr. Thomaz Luiz Goilão, isso é que me deu canceira, cuja narrativa em miudos tornaria o leitor meu parceiro no infortunio.

Perdidas muitas noites em investigações aquem e além-mar, achei o piloto em Goa casado em segundas nupcias com uma indiana de idade muito florente, e sangue aquecido desde a infancia ao sol de lá. A goêza aceitara as propostas de casamento sabendo tão sómente do noivo que elle se transferira com grandes cabedaes de Portugal a Goa. O caso da dama enforcada ou era ainda ignorado, ou sabedores o não divulgaram a pedido d'elle. O publico e notorio era que a segunda consorte do snr. Goilão procedia de tal feitio que bem se deixa vêr que não conhecia os figados do marido. Porém, como quer que um alferes presidiario, ido de Portugal, reconhecesse o piloto ao mesmo tempo que lhe tramava novos dissabores da natureza dos an-

tigos, pôz de sobreaviso a senhora Goilão, pedindo-lhe encarecidamente não consentisse em casa seringa, nem mandasse á botica formularios de mézinhas, sob pena de espertar suspeitas e sustos no marido. Dadas explicações, a esposa horrorisada quis fugir ao marido que se lhe figurava, sobre carrasco, ridiculo e nojento.

Thomaz Luiz, desconfiado da honestidade da espôsa e do intento de separar-se, deu-lhe uma demão de pau e afuzilou dos olhos coriscos de furia tal que a mulher concebeu e gizou traças de enviuvar antes que elle a fulminasse. Andava ella amartellada n'estas cogitações, quando o marido, incendido de amor e odio, se ressicou todo internamente e adoeceu de febres terçãs, com intercadencias de delirios. N'uma destas crises, um cirurgião receitou-lhe uma mézinha, e prestou-se a ministrar-lh'a por caridade, indo elle pessoalmente buscar a cristeleira. Quando voltou, o delirante já tinha recobrado razão e entendimento que farte para perceber que o cirurgião entrara empunhando o fatal instrumento. O horror que o trespassou foi tal e tamanho que saltou do leito em gritos e correu sobre a mulher com os punhos fechados. A snr.ª Goilão desatou a fugir, e o physico rebateu-lhe as arremettidas pondo-lhe ao peito o bico da seringa.

N'este lance, Thomaz Luiz cahiu de cocoras, perdido o alento ; e logo, abrasado de febre, prorompeu em clamores ; e, apertando o ventre, dizia que tinha agua-forte no bucho, e ameaçava a mulher com a forca.

Não sei explicar o phenomeno. Narro com a simplicidade de historiador, deixando aos sabios a dilucidação das cousas que o districto da minha apoucada sciencia não abrange. O certo é que Thomaz Luiz Goi-

lão durou seis dias a berrar que tinha o inferno na barriga, e expirou sacudindo vertiginosamente umas seringas imaginarias que lhe esvoaçavam sobre a cabeça.

Mas que trabalho tive para saber isto!

Ninguem m'o agradece.

Noticia dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal

Os primeiros galopins eleitoraes em Portugal foram frades.

No exercicio de eleger geraes, provinciaes, priores, abbades, difinidores e mais membros da governança monachal nasceu o galopim tonsurado.

As pugnas mais renhidas e escandalosas passaram entre os filhos do patriarcha S. Bento. Aquelle silencioso e solitario mosteiro de Tibães, em cujos sonoros claustros o leitor já ouviu talvez o reboar de seus passos toando nas abobadas profundas, alli, de tres em tres annos, nos seculos XVII e XVIII, rara eleição correu pacifica, na vasta casa capitular. Ora degladiavam-se internamente os frades em dous bandos, ora congregavam-se compactos a rebater as influencias externas da corporação. Em Tibães se elegiam o geral, os dons abbades e todas as prelazias de cada mosteiro. N'a-

quelle seminario de ociosos cevados, como vara de cerdos do empyreo, nasceram, medraram e procriaram os galopins eleitoraes.

Em alguns annos, o dia 2 de maio, na casa capitular de Tibães, era uma bengalé de demonios, um pandemonium muito mais sacrilego do que ahi, em nossos dias, se vê nos templos, quando succede o cidadão eleitor ser esmurraçado, isto é, violentado no seu espirito liberal e no seu nariz, ao mesmo passo, ou com o mesmo murro.

Os galopins monasticos de Tibães davam mais que entender e vigiar aos secretarios de estado, logo que o mosteiro se afortalesava trancando as portarias.

Um d estes casos, não raros, passou no meado do seculo XVIII.

D. João V mandou desde Lisboa quatro monges veneraveis, com outros vogaes, assistir no capitulo geral em Tibães, para impedir disturbuos imminentes.

Os mensageiros chegaram á portaria do convento no dia 2 de maio e viram-n'a fechada. Annunciou-se fr. Pedro da Ascenção, ex-geral da ordem. Desceu ao locutorio o procurador, e intimou os recem-chegados que se retirassem, de ordem do bispo do Porto, presidente do capitulo. Redarguiram os frades abonando-se de mandatarios regios. Não lhes valeu.

Os vogaes repulsos representaram ao rei n'estes termos :

« . . . Impediram o ingresso dos supplicantes, não só com o frivolo pretexto de inhabeis para votar no capitulo por excommungados, mas com notoria violencia de armas ; por que a este fim se achavam intrusos no mosteiro muitos monges revoltosos da mesma religião, varios frades de outras ; clerigos e pessoas seculares,

como eram um irmão e dois sobrinhos do bispo-presidente, um irmão do mesmo geral (fr. Antão de Faria) que ao todo passavam de duzentas pessoas as que se achavam dentro do mosteiro com armas ; e só na vista de fóra parecia o dito mosteiro mais praça sitiada e posta em defensa que casa de religião ; e da parte de fóra no terreiro estavam esparzidos como de escolta mais de cincoenta seculares, e sem embargo de toda essa perspectiva militar e horrorosa, se valeram os supplicantes, com toda a religiosa modestia, das soberanas ordens de V. M. e d'outras do R. Nuncio apostolico, cujos transumptos fizeram lêr em publico aos renuentes, porém acharam tão descommedidas respostas, que se não repetem por execrandas. N'ellas foi ultrajada V. M . . .

« Vendo os supplicantes a publicidade escandalosa de obediencias tão atrevidas e que as pessoas de fóra se iam sublevando contra os supplicantes, se resolveram retirar, desistindo da pretensão de ingresso no mosteiro, e protestando as nullidades do capitulo... e partiram para esta côrte a procurar na recta intenção de V. M. o castigo devido a tanta insolencia . . . » etc.

Assim que os monges prudentemente se retiraram, procedeu á eleição o bispo do Porto D. Thomaz de Almeida. Fr. Antão de Faria foi reeleito geral da ordem, e os seus parciaes continuaram nos governos dos diversos conventos.

Que interesse advinha ao prelado portuense na reeleição do geral ? Que repugnancia fazia ao rei e aos mosteiros do sul que se reelegessem os fiscaes do governo economico e politico da religião benedictina ?

Explica-o idoneamente a representação dos mensageiros regios : « Antão de Faria e o bispo queriam

perpetuar-se no governo e administração dos bens da ordem, dos quaes se tinham constituido tão absolutos usufructuarios que todos os seus rendimentos consumiam em excesso tal que, passando de setenta mil cruzados o que rendem os bens applicados ao commum da ordem em cada triennio, no passado senão viu que gastassem um tostão em utilidade da ordem.»

Como quer que fôsse, a facciosa eleição, apesar de nulla segundo as constituições, vingou. O bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida, era galopim de grande tômo. (1) D. João v devorou o insulto, ou o seu secretario lhe não mostrou a representação.

---

(1) D'este usufructuario dos bens dos frades diz Agostinho Rebello da Costa : «Este eminentíssimo prelado, que depois de muitas e respeitaveis dignidades que occupou, foi ultimamente elevado a primeiro patriarcha de Lisboa e cardial, é a brilhante corôa e remate de todos os bispos d'esta cidade que foram extrahidos do estado sacerdotal. Assim como elles todos foram descendentes das principais familias do reino e os mais exactos em cumprir com as funcções das suas prelazias, assim D. Thomaz de Almeida exalçou estas excelsas qualidades com as edificantes acções que obrou em vida.» *Descripção topographica e historica da cidade do Porto. Cap. III.*

Destôa de *qualidade edificante*, que o biographo lhe assigna, o seguinte periodo da representação ao rei : «O bispo do Porto, a quem, como presidente, foi recommendada a quietação do capitulo e admissão de todos os vogaes, a tudo desobedeceu, e só se lembrou do interesse particular que lhe resulta de ter comsigo e em sua casa a primeira cabeça de uma parcialidade d'esta ordem para cuja sustentação e regalo concorrem todos os rendimentos applicados ao commum da religião.»

O magnífico cardial D. Thomaz de Almeida, feitas as contas, era um ladravaz galopim, que levou dos mosteiros do Minho o preço do chapéu cardinalício.

II

Enfade-se o leitor, que tem de quê. Estas especies historicas são más de esmoer em estomagos deliciosos ; mas affaça-se a esgaravatar n'este lixo onde aqui e alli se topam os biscatos de pechisbeque com que se enfeitava a hypocrisia do seculo passado. A historia de então é isto, e pouco mais.

Digamos d'outros galopins illustres, sem desfazer em ninguem.

Os frades bentos do Minho capricharam sempre em eleger geraes, prelazias e o restante governo da Congregação entre monges filhos d'aquella provincia. Pelo commum, os dons abbades eram quasi todos oriundos de Arrifana de Sousa, chamada depois Penafiel, ou alternadamente de Braga. Governo que viesse do sul era desobedecido e mortificado até mais não poder. Ao findar o triennio os galopins reuniam-se em Tibães, congregavam-se em consistorio e gizavam a traça eleitoral. Se a lei implicava ao traçado, violencia no caso. Frade ou eleitor adverso, mudavam-n'o de mosteiro, ou prendiam-n'o no tronco. Se a opposição era rija, a «situação» armava-se no claustro, e o terreiro da portaria coalhava-se de soldados armados, que afugentavam os interventores, como vimos na reeleição de D. fr. Antão de Faria.

Tenho presente um officio autographo de Pedro da Motta e Silva ao presidente da mesa eleitoral de Tibães, em 4 de abril de 1734.

É el-rei queixando-se de que os frades tumultuosos teimam pervicazmente em querer eleger abbades de

Arrifana de Sousa com notoria affronta da virtude e letras d'outros monges nascidos fóra da restricta área minhota.

Baldaram-se as admoestações e ameaças do ministro.

No começo do seguinte triennio, o mesmo secretario de estado, officiando ao presidente do concilio geral, lanceta a soberba apostemada dos benedictinos, enviando ao dom abbade geral uma acre censura de Clemente XII, e, peor que a censura, a restricta eleição de geral da ordem, já feita em Roma, e a concedida faculdade ao eleito de eleger as prelazias subalternas á sua descripção.

Agora é que ellas foram!

Os frades conjuraram tão sanhudos contra o papa e contra o rei que já no seguinte triennio de 1737 o suffragio eleitoral correu por conta d'elles. Quem lucrou na rebeldia foi o galopim por excellencia, fr. Sebastião de S. Placido, abbade do mosteiro de Coimbra, desde muito inimistado com os frades minhotos, bem que nascido na Povoa de Lanhoso, razão de o andarem sempre os galopins do norte a sacudir das prelazias nos seus conventos. (1)

---

(1) Este fr. Sebastião de S. Placido escreveu, e publicou em Barcelona, em 1738, um curioso livro intitulado «Manifesto e apologia sobre a reforma dos habitos do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra». É livro de 330 paginas para mostrar que as freiras deviam usar habito pardo côr de cinza, e não, a seu bel-prazer, droguete panno, droguete fileli, estamenha, burel, soria, pepetuana, serafina, duqueza, picote, calamania, saéta, droga, meia droga, *etc.* Notem a variada nomenclatura dos estofos do seculo passado, e cessem de admirar a de hoje em dia. A terminologia do fausto, ou luxo como se diz á moderna, até na clausura se demasiava.

Fez-se eleger dum abbade geral de S. Bento fr. Sebastião. E, no intento de achanar porvindouros impecilhos á seguinte eleição, arguiu de relaxados os frades, e enviou queixas ao nuncio. Os monges do Minho sahiram então com um libello contra o seu geral. O nuncio recebeu a cópia do rascunho que pára entre os papeis dos meus manuscriptos, joias que os meus bisnetos hão-de restituir aos frades, quando elles voltarem a pôr hombro á cruz da santa religião de Christo derrubada sobre os ossos de fr. Sebastião de S. Placido.

Contra o qual articulavam os frades :

1.º Que era usurario ; porque comprara um hiate e uma falua com os quaes mandava ao Alemtejo comprar trigo, que vendia á porta do convento de Lisboa por alto preço. 2.º que mandava comprar ao mesmo Alemtejo varas de porcos a milhares, que entravam sem pagar direitos, ou se vendiam no sertão. 3.º que mandara fabricar pratos pequenos para se perceber menos a minguada refeição conventual, e apoucara a medida do vinho. 4.º que vendia o bom trigo que o mosteiro colhia nas suas herdades de Alcacer do Sal, e comprava do ínfimo para a communidade ; a par e passo que elle geral usava do melhor pão de Lisboa e de especial padaria. 5.º que empenhara o mosteiro em 26$500 cruzados, afóra 400$ réis que encontrou em dinheiro do espolio de certo frade. 6.º que, para não comprar lenha, esmoitava os olivedos contiguos ao mosteiro, com prejuizo grave das rendas conventuaes. 7.º que subornara e prevertera tres definidores, e se desfizera de dois contrarios á sua reeleição. 8.º que, sem embargo das nullidades eleitoraes, teimava em desprezar os protestos, e se proclamara legalmente geral. 9.º que elegera frades estupidos para governarem

os mosteiros. 10.º que tomara a juro de 6 % cem mil cruzados d'um irmão, forçando a congregação a pagar 6, tendo quanto quizesse dinheiro a 3. 11.º que fizera encarcerar frades sem culpa formada, e só depois de tres mezes lhes enviava a nota da culpa, arguindo-os de tumultuarios em actos de suffragio eleitoral, etc.

O nuncio não respondeu á representação. E o geral vingou ainda ser reeleito no seguinte triennio.

Vejam que nuncio! que religião benedictina! A unção evangelica de tudo isto!

Se á mão sacrilega do snr. Joaquim Antonio de Aguiar, que lavrou e assignou o decreto de extincção dos frades, chegar este papel, que fistulas da alma lhe não ha-de abrir o remorso!

III

Rodearam annos vexatorios para os monges do Minho.

Os geraes e mais prelados do sul venciam sempre as eleições, excluindo da governança os filhos de Arrifana e Braga.

No triennio de 1771, rebentou a repreza do velho odio.

N'aquelle tempo o galopim emerito da ordem era um frade bracarense chamado fr. João de Guadelupe, procurador geral da Congregação. (1)

---

(1) Filho de Manoel Rebello da Costa e D. Maria Vieira, da freguezia de S. Victor. Professora em 1737. Pertenceu á familia dos ascendentes D. Jeronymo, que em nossos dias morreu bispo da diocese do Porto.

Com este monge desvelara-se a fama preconisando-o orador primaz da ordem igualmente no pulpito que nas assembleias eleitoraes.

Os descendentes estribavam esperanças de ganhar a eleição dos seus prelados minhotos na eloquencia de fr. João. Accedendo o generoso orador aos rogos, acceitou a commandancia dos galopins logrados por outros mais ladinos nos suffragios anteriores.

Chegado o dia 2 de Maio, e congregado o consistorio, fr. João de Guadelupe levantou-se na sessão dos venerandos padres capitulares, e tirou do peito, impando de santa cólera, umas vozes que reboavam nas abobadas do capitulo e claustros.

« Não sei — exordiou o monge — não sei, padres gravissimos, se a minha lingua terá aquella efficacia, bastante a expôr a infelicidade a que está reduzida a nossa republica ! Não sei se as minhas vozes, até agora mudas á violencia do sentimento, se farão sensiveis á vossa deliberação. Não sei se as minhas palavras poderão persuadir a generosidade do vosso animo á nossa e vossa liberdade. A mais viva eloquencia é a que se concilia com a attenção. Pouco importa que se purifique a lingua, que retumbem as vozes, e que seja uma sentença cada palavra, se indispostos os animos desattenderem as expressões . . . E necessario, senhores, que vos dispaes de vós mesmos e de qualquer particular interesse : só assim me ouvireis desapaixonados. »

Entra o orador historiando a origem da ordem benedictina : a sua importancia no mundo ; o seu esplendor nas Hespanhas ; os seus meritos em Portugal ; a rigida observancia de sua regra no Minho.

Invectiva acrimoniosamente os mosteiros da Extremadura e Beira, os quaes se deixaram assaltear de

fidalgos ambiciosos que os converteram em padroados, commendas e palacios. Exclamava o frade, ao proposito : « E foram tão remissos e descuidados os monges que deixaram levar ás mãos lavadas um patrimonio que houveram de defender a ferro e fogo ! Não fizeram assim os nossos patricios e amigos e parentes. Armaram-se de valor e espirito ; e, sem que os aterrassem espadas de regulos, nem roncarias de grandes, conservaram e defenderam a maior parte dos seus mosteiros. E ficamos vencedores ! Em Portugal só ficou de pé o que era nosso ».

Prosegue malsinando a covardia dos frades da Beira que se deixaram desbalizar, até á extremidade de se tornar aquella espaciosa e rica provincia um safaro deserto, ao passo que a do Minho exuberava de riqueza e braços. Depois, inclinando ao intento, que era propulsar dos conventos do norte as prelazias de forasteiros, bradou :

« Pois senhores, tudo isto que vemos está hoje em poder de estranhos ! Aquelles mesmos que, na sua terra, deixaram perder o que era seu, estão na nossa patria governando o que é nosso. Succede-nos o que choraram os Romanos quando os Graccos se introduziram em Roma. Admittiram ao senado aquelles estrangeiros ; e, havendo elles perdido os seus domínios, queriam já ser senhores do imperio, que tanto sangue tinha custado aos filhos de Romulo. A tempo emendaram este erro os padres conscritos, expulsando do governo uns homens que, por forasteiros, eram os maiores inimigos da republica ».

Recamando de persuasivos argumentos a historia de Roma, ajustados á eleição do geral, a impressiva alocução, em breves linhas explica o orador a sua evan-

gelica raiva : « Não ignoraes, padres doutíssimos, que estabelecida a reforma foi sempre succedendo em patrícios nossos, filhos do Minho, esta republica e o seu governo. Os primeiros geraes eram de Braga. Os segundos de Villa do Conde. Os terceiros de Basto, Guimarães e Arrifana. Os quartos outra vez de Braga. Aqui se introduziu um de Lisboa, e notae que com bala e polvora se quiz levantar com o estado. Temerosos porém do perigo da sua republica, desbaratamol-o. Os quintos vieram outra vez da Arrifana ; e os ultimos, até á entrada d'estes forasteiros hoje dominantes, foram todos da nossa provincia. Emquanto, pois, a benedictina se governou pelos seus legitimos herdeiros, floreciam o governo, a religião e nós e os nossos. Os noviciados tinham grammaticos, os coristados cantores, os collegios estudantes, as aulas mestres e as cadeiras barretes. Hoje mudou-se a scena ; porque estrangeiros enchem os noviciados, coristados e collegios. As grammaticas com que entram são fidalguias ; os cantos que se entoam são de pavão, e as letras que se estudam são as da negligencia ».

Prosegue no elogio da educação da mocidade minhota, louvando os pais que aperreiam os filhos. Depois, desfazendo na criação dos beirões, argumenta d'esta laia : « São estes uns individuos que a natureza criou por si mesmo, sem mais artificio que o da vaidade. Dança, jogo e caça foram os rudimentos da sua infancia. Liberdade e desobediencia as faixas infantis. O senhoril, a tenacidade e presumpção foram as potencias de suas almas : esta é a educação que na Beira se dá aos filhos cujos pais são pela maior parte uns homens que se presumem nascidos no céo estrellado, e sempre para este alto inclinam os filhos. »

Agora vai fr. João atacal-os por conta dos appellidos : « Vêem elles n'aquelle céo cancros, leões, lôbos, panteras, pardos, outros signos d'esta farrapagem ; e tomando d'elles a influencia, seguem a sua denominação. Á vista do quê, nenhum progresso virtuoso se póde esperar de uma juventude, cuja substancia são sómente fumaças. Diga-o já o estrondoso rumor de appellidos com que na religião nos quebram a cabeça ! Tão influidos estão, estes meninos dos lôbos, dos pardos, das pantheras e escorpiões, que contemplam no seu céo, que nem o noviciado e coristado bastam a lhes quebrar o orgulho ! Tão dominados os vemos que ainda embrulhados em mantas e estamenhas querem ser leões, cameleões, silvos, pantheras e outros animaes d'este calibre ! Oh Jupiter divino ! e não há um raio que fulmine estes cyclopes ? ! É possivel que no sagrado da benedictina se consintam appellidos que não sejam todos de santidade ? Ah, meu Deus ! As veneraveis invocações da vossa santissima mãe e dos vossos santos já não bastam para os filhos de Bento ! Por que uns novos forasteiros, que temos agora como irmãos nossos, só se satisfazem com appellidarem-se Lôbos, Pardos, Gamas, Falcões, Gaviões, Escorpiões e outra sarandagem d'esta ralé ! E como não depennaes todos estes passarôlos e não encarceraes nas leoneiras estes bichos ! . . . »

Assanhada apostrophe ! Todavia, escuse-se a iracundia ao frade, descontando a vaidade genealogica dos filhos do Minho, enxovalhada pelos beirões. « Dizem — explicou o monge — como eu já por duas vezes ouvi, que nós, os do Minho, todos somos mal nascidos, de pais plebeios e mecanicos ; e que esses poucos que ha illustres todos tem fama de judeus ! . . . Vêde, se-

nhores, que consolação esta para vós que me ouvis! . . . E ainda assim vos não resolveis? Não o posso crêr, por que vos contemplo, com accordo, juizo e amor patrio. Porém ainda aqui não pára a corrente das nossas injurias; por que vos quero lembrar aquellas blasphemias que proferiu um dos parciaes d'estes estrangeiros depois que acabou o capitulo. Dizia elle, esgaravatando os dentes e mofando dos que eram nossos: «Já se acabaram os jacobeus, e já Braga e Arrifana se acabaram, por que todos estão já bem salgados.» Ó céos! e não cahis sobre este blasphemo! Forte sardinheiro que tanto sal tem para tudo salgar! Como consentis, ó céos! que dentro das claustras de S. Bento se ouçam improperios que escandalisam o proprio diabo! Salgar a uns religiosos que tem sido exemplares do mundo! Que é isto? estamos entre catholicos ou na cafraria? . . .»

Vai o orador crescendo em eloquencia á proporção da raiva até destampar neste hyperbolico estoiro: «Ó blasphemo! dá cá essa lingua, que a quero arrancar do intimo d'essas entranhas para entre as furias ser a pregoeira do Averno!»

Devia de estar erriçado o pêllo do auditorio! Os placidos argumentos moviam medianamente o animo dos trinta e cinco vogaes: mas a troante apostrophe sacudiu-os por tal maneira que, todos em pé, com os braços esculpturalmente estendidos e as cogúlas regaçadas, conclamaram:

— Vivam os filhos do Minho!

O orador entendeu que devia fechar o discurso n'este culminante ponto de enthusiasmo. Os monges, já fóra da fórma, e possessos do demonio galopim, sacudiam os fraldosos habitos, pateando rijo no pavimen-

to. Fr. João de Guadelupe estava espantado de si e aquecido dos proprios lumes que lhe irradiavam de latejante calva. Ora o discurso levava já hora e meia de caminho para a immortalidade, que lhe principia hoje.

« Vamos pois, padres gravissimos ! — concluiu fr. João — vamos ao capitolio, e seja com a resolução de buscarmos nossa liberdade, e segurarmos nossa herança ; que, para a gozarmos sem contradição, é que de todos se implora aquelle espirito de união que houve sempre nos benedictinos, nossos tios e bons patricios. Este é todo objecto dos meus desejos, este é o remedio que todos esperam, e este o unico recurso de uma republica que depressa acabará, se a minha oração não fôr attendida. »

Foi. Desfilaram os frades para a casa capitular. Trinta e cinco vogaes eram os dominados pela eloquencia do procurador geral, treze os votantes que dos conventos do sul tinham concorrido a Tibães. Venceu o S. Bento minhoto por grande maioria. Venceu fr. João com a omnipotencia da sua phrase gorda. O geral sahiu de entre os filhos do Minho. Triumphaste, religião do crucificado ! Salvou-se a republica benedictina !

Ahi está, muito pela rama, o escorso da origem dos galopins eleitoraes em Portugal.

Esta raça degenerou em dotes de elocução ; mas aperfeiçoou-se na audacia com que dispara surriadas de tolices nos palcos onde se farçanteiam as ridentissimas scenas da liberdade.

Ah ! que saudades eu tenho dos frades, quando os vejo justificados pelos sandeus que lhes herdaram todas as manhas, sem a minima das virtudes !

Bordoada sacrilega

Jacome Raton, bem conhecido negociante francez, residente em Lisboa desde 1747, e alli fallecido em 1821, escreveu, como todos sabem, as suas *Recordações*, que publicou em 1813.

As *Recordações* é um livro util aos estudiosos do seculo passado, sem embargo das muitas inexactidões e falsidades que o desvaliam. Vamos entender na averiguação de uma anecdota, que o negociante francez vestiu galhofeiramente, consoante á costumeira dos seus patricios que não perdem lanço de chancear por nossa conta.

Refere elle (pag. 205 e 206) que o ministro da marinha, Francisco Xavier de Mendonça, irmão do conde de Oeiras, morrera de paixão, occasionada pelo seguinte desastre: Contra um requerente que não cessava de importunal-o, o ministro impacientado rompeu n'es-

tes brados : « Que queres tu que eu faça ? A decisão depende de el-rei. Elle não te despacha. Vai dar-lhe com um pau. » O requerente não impugnou o alvitre do ministro. Pegou d'uma cacheira ; *e ao recolher-se el-rei D. José da coutada de Villa Viçosa para o palacio*, diz Raton, *lhe atirou uma paulada que roçando pelas costas do monarcha, se foi descarregar na anca do cavallo.* Um dos da comitiva abocou a espingarda para matar o agressor ; porém o rei susteve o matassem, que era doudo.

O ministro Xavier Mendonça, avisado do successo, impressionou-se a pontos de morrer d'ahi a poucos dias, *deixando aqui*, ajunta o historiador em toada de moralista, *um memoravel exemplo para que os ministros de estado sejam claros, graves e não jocosos nas respostas que dão aos requerentes que os procuram.*

Ora o caso podia ser verosimil e até verdadeiro, se o ministro não tivesse morrido dezoito dias antes que o rei levou a sacrilega paulada. Morrer de paixão um ministro seria caso bonito na therapeutica, e mais extraordinario que bonito se elle houvesse morrido de paixão dezoito dias antes de se apaixonar. O mais certo e liquido, porém, é que elle morreu *d'un abcés dans la poitrine*, como diz a *Gazette de France*, de 15 de dezembro de 1769, ou *de uma postema*, como escreve o conde de Oeiras, irmão do defunto, ao governador de Angola, em 19 de dezembro d'aquelle anno.

Quem destrinçou estes miudos foi frei Claudio da Conceição a quem se deve, em desconto do muito que mentiu no *Gabinete historico*, acceitar estes esclarecimentos da verdade historica offendida pelas invencionices de Jacome Ratão. O bom do arrabido, justamente soberbo da luz que dardeja sobre a falsidade do francez,

exclama : « Estes trabalhos são os maiores serviços que os historiadores podem fazer á historia. » Chamava o frade historia á coisa, e chamava-se historiador a si ! O porte do historiador frisava com a importancia do caso.

Fr. Claudio não folheou memorias coevas para dilucidar aquella grave escureza da historia patria. Duas testemunhas presenciaes lhe haviam contado o caso ; uma era seu tio Antonio Diniz, picador, fallecido em 1828 ; a outra era o criado particular de el-rei, um José Teixeira Pilão, fallecido em 1821. Estes lhe referiram que el-rei cavalgava um cavallo chamado o *Cordovez*, quando lhe bateram ahi entre onze e meio dia, á sahida para a caça, e não de volta para palacio, como dissera Raton. Accrescenta que o sacrilego era um soldado com baixa do regimento de artilharia de Alemtejo, e se chamava João de Sousa. Conclue que o homem *estivera muitos annos na prisão do pateo dos bichos, d'onde passou para a Torre a acabar seus ultimos dias* (Tom. 16, pag. 233 e seg.).

Não duvido da palavra honrada do sr. Pilão, do Diniz e de seu benemerito e reverendo sobrinho Claudio. Em abono d'elles, tenho á vista a carta original e autographa nos cumprimentos e assignatura, que o conde de Oeiras enviou ao principe D. Gaspar, irmão do rei e arcebispo de Braga, relatando o succedimento horrendissimo. Reza d'este teor :

« Senhor Dom Gaspar, Arcebispo Primaz. A Sua
« Magestade fiz presente a carta com que Vossa Alteza
« me honrou em dezoito do corrente. O mesmo Senhor
« ouviu com tanta benignidade como estimação as ex-
« pressões que Vossa Alteza lhe dirigiu, com o assumpto
« do horroroso desacato succedido em Villa Viçosa. E

« para n'elle tranquillisar o animo de Vossa Alteza do « justo cuidado em que se acha ; e de que a Omnipoten- « cia Divina nos livrou com especialissima providencia : « Manda significar a Vossa Alteza o que vou referir.

« No dia de Domingo, tres do corrente mez, sahiu « El-rei Nosso Senhor do seu Palacio de Villa Viçosa « para se divertir na caça da Tapada, acompanhado de « toda a Sua Côrte. No fim do Terreiro do Paço se acha « uma porta chamada do Nó, que pela sua estreiteza « não admitte que por ella possa sahir mais de uma « carruagem ou de um cavalleiro. Apenas Sua Mages- « tade ia sahindo a cavallo pela dita porta quando viu « detraz do muro do lado esquerdo um homem na figura « de mendigo, que com um grande varapau, ou cacheira « armou e procurou descarregar sobre a Real Cabeça « do mesmo Senhor um sacrilego golpe, que seria mor- « tal, se a superioridade e presença de espirito de Sua « Magestade em logar de procurar desviar-se da pan- « cada, quebrando o cavallo sôbre a mão direita, o não « fizesse levantar sobre o lado esquerdo contra o dito « malvado assassino, em tal fórma, que o primeiro gol- « pe armado contra a cabeça apenas pôde offender a « mão da rédea com uma leve contusão, e a segunda « pancada que ainda intentou descarregar o mesmo as- « sassino já não pôde ter espaço para offender senão o « cavallo. Cahindo n'este tempo toda a comitiva de « Sua Magestade sobre o referido monstro, foi tão obsti- « nada a sua ferocidade que maltratou a algumas das « pessoas que estavam mais perto emquanto não foi « preso ; principalmente por que Sua Magestade com « estranha presença de espirito, que só na grandeza do « seu Real animo podia caber no meio do conflicto de « um tão inesperado insulto, ordenou que ninguem ma-

« tasse ou ferisse o mesmo malvado assassino, mas só o « prendessem. E dada esta ordem continuou Sua Ma- « gestade successivamente o seu caminho para a Tapa- « da onde se divertiu até á noite na fórma do costume « dos mais dias. O execrando Réo, sendo com effeito « tomado ás mãos, preso e atado, foi conduzido para a « segura prisão em que se acha.

« No meu particular beijo muito reverentemente « as Mãos de Vossa Alteza pela honra com que me fa- « vorece na falta de um irmão que Deus chamou ao « Céo ; e na enfermidade de outro que ainda se acha « com pouco allivio na perigosa doença que padece ha « perto de seis meses. (1) Em todas as occasiões que se « me presentarem de servir a Vossa Alteza me empre- « garei sempre com a mais fiel, e gostosa obediencia.

« Deus guarde a Vossa Alteza por muitos e muito « felices, e muito dilatados annos. Sitio de Nossa Se- « nhora da Ajuda em 24 de Dezembro de 1769. De « Vossa Alteza, mais reverente criado — *Conde de Oei- « ras.* »

Está pois explicado o caso, provada a discrição do ministro da marinha e abonado o historiador fr. Claudio de esquecida memoria.

O *desacato horroroso*, como o conde de Oeiras diz da paulada, deu pouco de si. Os fidalgos estavam moralmente esmagados desde que as carnes e ossos dos Tavoras e Mascarenhas o tinham sido a pancadas de ma-

(1) Era o prior-mór de Guimarães Paulo de Carvalho, que morreu quando o chapéu cardinalicio vinha de Roma, caminho de Lisboa.

ço. Jesuitas de todo em todo os tinha varrido o vento que levou as cinzas de Gabriel Malagrida. Senão, o soldado João de Sousa havia de ser torturado até revelar, em arrancos de angustia, victimas para a hecatombe do neto do mestre João.

Quem era este neto de mestre João ? Custa-me declaral-o em aggravo de Sebastião José de Carvalho e Mello, que se inculcava descendente por varonia dos primeiros administradores do morgado de *Carvalho*, fundado em 1215.

A verdade é que o primeiro marquez de Pombal era sexto neto por varonia do physico, cirurgião ou medico, João de Carvalho, cujo pai não se sabe quem fôsse. Casou mestre João em Cernancelhe com Filippa de Seixas, e morreu em Anciães. Foi enterrado na igreja da freguezia, em tumulo aberto na parede de um altar lateral sob um arco, onde se lê : *Aqui jaz o mestre João de Carvalho.*

O segundo neto d'este mestre chamou-se Sebastião de Carvalho, e casou na Villa da Feira com D. Luiza de Mello, filha do dr. Gaspar Leitão Coelho, desembargador da supplicação, e de Joanna de Mesquita, neta d'outro Gaspar Leitão, escrivão e distribuidor na Villa da Feira e de sua primeira mulher Cecília de Mello.

Mas que tem que vêr os avoengos do conde de Oeiras com o desacato horroroso e sacrílego golpe da cacheira do doudo ?

Não tem que vêr ; mas são idéas confederadas. Aquella mal-certeira bordoada surtira grandes avanços em sequencia de enormes barbaridades, se o sexto neto de mestre João não tivesse já empolgadas ou promettidas para seus filhos as corôas de conde da Redi-

nha, do marquez de Pombal, da condessa de Sampaio, da condessa de Rio Maior, dos nobilissimos Vilhenas. Ainda bem que já desbordava a medida da ambição do homem! Não lhe era já mister levantar corôas rebalsadas em sangue.

Manoel de Faria e Sousa

(ESTUDO HISTORICO)

I

Nasceu Manoel de Faria e Sousa no anno de 1590, aos 18 de março, na parochia de Pombeiro, ou Couto de Felgueiras, dizem outros, e quinta da Caravella ou de Souto. Chamaram-se seu pai Amador Peres de Eiró e sua mãe Luiza de Faria. Alguns biographos acostados á affirmativa do hespanhol Francisco Moreno Porcel, auctor coetaneo, apaixonado amigo de Faria e primeiro noticiador de sua vida, (1) dizem que eram pessoas nobres os ascendentes d'elle. (2)

---

(1) *Retrato de Manoel de Faria y Souza. Relacion de su vida y cathalogo de sus escritos*, etc. Lisboa. 1733. A 1.ª edição é de 1650.

(2) A noticia inclusa na *Bibliotheca scriptorum Hispaniæ*,

O que sabemos da sua prosapia é elle quem principalmente o conta. Preza-se e ufana-se de neto de Estacio de Faria, poeta do tempo de D. Sebastião. (1) Affirma que o soneto de Camões que principia :

> Agora toma a espada agora a penna,
> Estacio nosso, em ambas celebrado . . .

se entende com o pai de sua mãe ; o qual, no dizer do neto, foi fidalgo da casa real.

Todavia, Sousa, na sua *Fonte de Aganipe*, em uma ecloga, dirigida ao genealogico Alvaro Ferreira de Vera, desfaz acrimoniosamente nos meritos da fidalguia herdada remoqueando-a com versos sobremaneira desenchabidos e antepondo a honra adquirida á nobreza advinda de avoengos. (2) Em outra passagem chanceia com os fidalgos de Cabeceiras de Basto, e rara vez perde lanço de invectivar contra genealogias, bem que, levado de attenções influidas por vontades estranhas, annotasse o chamado *Nobiliario do conde D. Pedro*. (3)

---

de Nicolau Antonio, é posterior e estribada nas informações de Porcel. Quanto á nobreza de Faria concede-lh'a de pai e mãe : *nobili estirpe tam paterna quam materna prognatus est.*

(1) Nada se conhece impresso d'este poeta. Veja *Bibliotheca Lusitana*, artigo *Estacio de Faria*.

(2) Quem não tiver a *Fonte de Aganipe (parte 4.ª ecloga 12)* póde lêr os versos a pag. 10 e seguintes do 1.º vol. dos *Estrangeiros no Lima* e a pag. 129 do 7.º vol. do *Ensaio biographico* de J. M. da Costa e Silva.

(3) Veja o *Prologo e 1.ª nota* do *Nobiliário*. É bem fundada a suspeita de que esta edição levou em mira aspar do *Nobiliario* primitivo um judeu ou neophyto Ruy Capam, tronco de muita fidalguia da nossa peninsula. Ao marquez de Castello Rodrigo, com quem Manoel de Faria estava em Roma quando annotou o *Nobiliario*, convinha principalmente que as palavras referidas a Ruy Capam, « *baptizado em pé* » fôssem canceladas como effectivamente foram.

Proposta a averiguação esteril da estirpe dos moradores na quinta do Souto ou Caravela, dizem alguns biographos que Manoel de Faria seguira seus primeiros estudos em Braga ; mas D. Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará, recolheu em 1728, no mosteiro benedictino de Refojos de Basto, a tradição de ter alli estudado alguns annos com os frades Manoel de Faria, protegido pelo bispo do Porto, D. Gonçalo de Moraes, que n'aquelle mosteiro tinha noviciado. Emquanto alguns historiadores consideram Faria aparentado com D. Gonçalo, o bispo do Pará o accusa afilhado, ou criado do prelado portuense. É de notar que o collegial benedictino Queiroz entrou em Refojos, decorridos setenta e nove annos áquem da morte de Faria. Os frades velhos, então existentes, provavelmente ouviram de frades, talvez companheiros da mocidade de Manoel de Faria, o que transmitiram a Queiroz. O certo é que o prelado paraense accusa de ingrato Manoel de Faria, porque *devendo tanto aos padres bentos, nunca o elogiou.* (1)

Do parentesco de D. Gonçalo de Moraes com Faria é bem fundada não só a duvida senão a certeza de não ser nenhum. Os Moraes da provincia transmontana, cuja linhagem temos presente, eram parentes proximos de Cabraes e Veigas, de Osorios e Camaras, remotos de Sampaios, Mesquitas, Correias e muitos appellidos em que não entram Farias. A contrariedade é futilissima sobre estas miunças genealogicas ; não obsta isso,

---

(1) Veja *Memorias ineditas* de fr. João de S. José, bispo do Pará, publicadas no *Jornal do Commercio*, e especialmente o n.º 3978 em que Manoel de Faria é desconsiderado por motivos talvez mesquinhos.

porém, a que desde já vamos compulsando o espirito inconsequente de Faria, uma hora verberando a fidalguia de outrem, outra hora recommendando indirectamente a sua.

Incontestavel, porém, é que Manoel de Faria muito na primeira mocidade, passou ao Porto a viver na casa do bispo D. Gonçalo seu protector. Um dos biographos, o snr. visconde de Juromenha, guiado por D. Francisco Moreno, e Costa e Silva, escreve que Manoel de Faria entrara na qualidade de secretario do bispo em 1604. (1) Secretario do bispo aos quatorze annos de idade é maravilha!

Corridos alguns annos, menos de oito, Faria revelou engenho de poeta primoroso segundo o tempo, e defeituosissimo aos olhos da sã critica de todas as idades. (2) Amores lhe incenderam o estro e o tresmalharam do redil de clerigos que D. Gonçalo antevira criados e feitos sobre sua vigilancia. Amava elle, pelos modos como o conta, tres mulheres, que tambem lhe queriam deveras. Uma era Candida, de olhos azues, e natural de Lisboa. A outra era Pallida, (o engenho de as baptizar pela côr da pelle!) tinha olhos pretos e era do Porto. A terceira, de olhos verdes, e sem pelle que lhe d'esse nome, era de Vizella. Renhiam as tres meninas sobre a primazia de belleza em olhos, e convidaram Apollo a alvitrar qual das tres levasse o premio da maçã de oiro predestinada á dos olhos mais lindos. Apollo

(1) Veja o vol. 1.º da nova edição dos *Lusiadas*. pag. 338.

(2) Não é mau recordarmos que Manoel de Faria inventou os seguintes adjectivos para as eclogas: *amorosas, maritimas, rusticas, funebres, judiciarias, monasticas, criticas, e fantasticas*. Veja Ferdinand Denis, *Resume de l'histoire littéraire du Portugal*, pag. 368, Paris, 1862.

chama Manoel de Faria, pastorilmente dito *Ménalo* e o manda examinar por Homero, Virgilio, Horacio, Camões e Petrarcha.

Em virtude do qual exame, considerado o modesto Ménalo no caso de ser juiz entre cantores e mais ainda entre mulheres de olhos gentis, judiciou a favor dos olhos azues. Ora aconteceu que a dos olhos azues era a snr.ª D. Catharina Machado (diz o poeta) com a qual casou em 1614.

Em 1618 foi para Pombeiro com sua familia, e, no anno seguinte, passou a Madrid, como secretario do conde de Muge. Ainda n'este anno acompanhou Filippe III a Lisboa, e logo, fallecido o conde, passou a Madrid, desesperançado da boa fortuna que o embahira.

Correu alguns annos de fraudados esforços ao poeta, pai de já numerosos filhos, e pobre como devemos presumir do teor de sua vida e propria confissão nos versos.

É razoavel suppor que a esposa, posto que filha do contador-mór D. Pedro Machado, não lhe levasse algum pequeno dote como benigno e sustancial supplemento aos olhos azues. Crivel é tambem que Faria, beneficiado dos frades e do bispo, tambem não seduzisse a noiva com a fortuna dos bens. As *Memorias* do bispo do Pará entremostram que os desposorios de Faria com a dama, ajoelhada n'um templo em terça-feira santa, seriam arrebatados e poeticos a termos que o contador-mór levaria em desagrado.

Como quer que fôsse, Faria e Sousa entre 1623 e 1628 deu á estampa as suas primeiras publicações, por lhe ser, por desventura, preciso viver do lavor da escripta.

Não é facil determinar a razão da sovinaria de Filippe III com um requerente de não vulgar capacidade, de mais a mais protegido de D. Gonçalo de Moraes, um dos velhos prelados portuguezes mais affeiçoados a Hespanha e dilectos de Filippe II. (1)

Em uma encyclopedia franceza moderna, encontramos a explicação da má sorte de Faria em Madrid. Acceitemol-a com a cautela precisa em noticias que a França nos dá das coisas peninsulares. Vá como hypothese : *Ses manières franches jusqu'à la rudesse, son caractère bizarre et tenace choquerent les seigneurs castillans, au point qu'il dut renoncer bientot à tout espoir d'avancement.* (2)

Verdadeiramente, Faria e Sousa, se foi infeliz, não podemos arguil-o de negligente no emprego dos meios com que, áquelle tempo, devia ser-lhe prospera a grangearia de boas mercês. Qual meio mais efficaz e operatorio que escrever um livro em que louvasse Filippe e Christovão de Moura ? Um livro em que a legitimidade, a prudencia, a probidade e caridade do usurpador realçassem á custa de muito denegridos os portuguezes rebeldes á canga de Castella ? Que melhor documento que um tal livro para captivar a benevolencia do monarcha e bater moeda que o levantasse barba com barba dos deshonrados que elle encomiasse ? !

Pôz mãos á obra, escreveu o livro intitulado : *Epitome de las historias portuguezas*, que viu a luz em 1628. (3)

---

(1) Veja D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos bispos do Porto*, Cap. XLI.

(2) *Dictionaire de la conversation et de la lecture*, vol. 9, pag. 284, edição de 1855.

(3) Alguns biographos, e d'elles o mais moderno, e menos

II

Manoel de Faria e Sousa começou a obra immoral da lisonja posta no traço negro da historia de sua patria. Começou por onde devia historiando a lucta dos pretendentes travada em volta do leito do moribundo cardial-rei. Chegou ao lanço em que lhe cumpre elogiar o caudilho dos apostatas da religião da patria, Christovão de Moura.

Escutêmol-o. (1)

D. Christovão de Moura com maravilhosa placidez mostrava maravilhosa diligencia : é certo que muitos animos se lhe oppunham ; muitos, porém, que estavam quietos, quasi concordavam com os muitos que se lhe affeiçoaram : conheciam já o direito de seu príncipe, *e punham olhos em sua força.*

Por emquanto é licito duvidar se o animo do historiador está com os affeiçoados de Moura, que *conheciam já o direito do seu principe.* Quem inclinar á affirmativa tem muitas probabilidades de acertar.

Continuemos.

Não fiquem desattendidas umas graçolas com que Manoel de Faria zombeteia do cardial que nos seus paroxysmos symbolisa as vascas da nação portuguesa.

---

esclarecido, o snr. visconde de Juromenha, persumem que, em 1628, Manoel de Faria quizera retirar-se desgostoso para Lisboa. N'aquelle anno publicava elle o *Epitome das historias* com que fomentou novas esperanças que só, passados alguns annos, o desampararam.

(1) Convertemos em portuguez o texto, e o fazemos da edição de Francisco Foppens, Bruxellas, 1730, fol.

Sirva a passagem de mostrar ao menos a sisudeza do historiador :

. . . Propunham que o cardial se casasse . . . Nomearam-lhe como noivas a filha de Bragança e a rainha-mãe de França, cujo retrato mandou vir e trazia comsigo ; e o certo é que, segundo sua disposição e idade, tendo-a pintada, tinha-a como a podia ter ; e posto que já tivesse sido mãe, quanto a elle estava como a sobrinha ; e, comtudo, os que o desejavam casado, conhecendo que nem com mulher já casada teriam fructo do casamento, ousaram dizer . . . que lhe trouxessem mulher, ainda que já viesse pejada. (1)

Os politicos petintaes do tempo não discorreriam mais gandaeira e desbragadamente n'uma taverna de Alfama. A jogralidade assim convinha para que Filippe se risse.

Descreve em seguida as incertezas das parcialidades já temerosas, já confusas de sorte que Moura, receioso de que a sua mensagem não surtisse a ponto, avocou a si o auxilio do duque de Ossuna.

Diz de D. Antonio : trata-o com severidade ; e aos que lhe são fieis nas côrtes de Almeirim, chama-lhe *escoria inexoravel.* E assentando um engenhoso dilemma sobre ser ou não ser a legitimidade de Filippe, conclue que os portuguezes, que se venderam, devem restituir o recebido, por que venderam o que já era de quem lh'o comprou. N'este sentido, louva D. Christovão de Moura, por que nunca permittiu que seu pai visse o rei para não receber d'elle mercê. (2)

Insulto aos vendidos, indecoro a elle que se estava apregoando em venda, e lisonja ao comprador.

---

(1) Pag. 335.
(2) Pag. 337.

Lastima que os rebeldes se não aquietem nem movidos *pela auctoridade real e veneravel do rei, nem com o exemplo dos principaes do reino . . . nem com as forças da razão.* (1)

Morre o cardial.

Começaram na averiguação da precedencia dos pretensores, mas esta é já do novo principe Filippe que entra a mostrar seu direito com as armas áquelle pedaço intimo de plebe impaciente, pelo que os jurisconsultos lhe mostraram com a penna. (2)

Principia o reinado de Filippe II.

Faria no *Proemio* d'esta *quarta parte* do seu *Epitome*, encarecendo a felicidade de cahirmos nas unhas de Castella, aduz esta ignobil imagem a outras : *Assim como ficou parecendo ditoso o pecccado de Adão, por que resultou d'elle a vinda de Christo ao mundo, havia de ser venturosa a ruina d'esta corôa com o reparo . . .*

Isto é vilissimo, sem embargo do parche com que intenta cobrir a ferida aberta no cadaver da patria : *mas o valor com que se competiam duas nações unicas no mundo, traz sempre o pensamento do quanto convinha que permanecesse Carthago para Roma.* (3)

Que situação angustiosa ! Está o homem entalado entre o opprobrio de portuguez e o susto de pretendente em Madrid !

Segue a historia com a invasão do duque d'Alba.

Conta como certas cidades ao avizinhar-se Filippe, *abriram os olhos, e quando o rei o não esperava, lhe enviaram as chaves. Isto acabou de despeitar a canalha que*

(1) Pag. 338.
(2) Pag. 338.
(3) Pag. 341.

seguia D. Antonio, o qual, atropellando toda a razão e ordem, se acabou de confundir, e em Santarem o acclamou rei. (1)

Ao maximo da gente que o segue chama *escravos animados do desejo da liberdade.* Lisboa occupada por D. Antonio, *viu-se opprimida por um rei que não queria.*

Relata a batalha de Alcantara. Apouca a victoria do duque ; consente, porém, que se lhe dê tal nome, não para gloria da patria, mas *para gloria das mesmas armas de nosso principe, que acostumadas a conseguir grandes triumphos, fôra descredital-as, se lhes não concedessemos este.*

Dura ainda o crudelissimo aperto do historiador entre a ignominia e o susto de descomprazer a Filippe.

Traz D. Antonio, passados sete annos, com a armada de Inglaterra. É infeliz ainda o proscripto porque o não acceita a *lealdade portugueza, depois de reconhecido o seu principe.*

Porque repulsam todos D. Antonio ? Porque *fazia mais a natural virtude e amor com que D. Christovão andava conquistando o reino para elles, assim como a elles os havia conquistado para rei.* (2)

Convoca Filippe côrtes a Thomar, *onde já com alegria e applauso o tinham jurado legitimo herdeiro d'aquelles estados.* Entra em Lisboa o *legitimo herdeiro.* Descreve Faria o jubilo da cidade e ajunta : *Por esta quietação e contentamento se viu como tinha ganhado os corações dos portuguezes com seu direito e valor natural, e não com suas armas, como diz o vulgo ; porque a al-*

---

(1) Pag. 345.
(2) Pag. 346.

teração de pouca gente, e essa esquecida, não podia desluzir a conformidade e fé de quasi todos.

Seguem novos louvores a D. Christovão de Moura. O maximo assenta nisto : O duque d'Alba entrega as chaves de Lisboa a Filippe ; Filippe quer dál-as a Moura, e diz-lhe : *Tenedlas vós, por que a vós se devem ellas.* (1)

D'esta honra de D. Christovão, portuguez, repartamos com Manoel de Faria, portuguez. E quem fôr sensivel cubra a face diante da historia. A bizarra offerta de Filippe ao corrupto e corruptor em chefe foi lama eterna que elle atirou á cara de Portugal ; e Manoel de Sousa enquadrou-a no seu *Epitome*.

III

Expõe integralmente Faria e Sousa os *privilegios* com que Filippe II respondeu ao preito dos portuguezes. Depois exclama : *Saibamos agora quem é o conquistado : o rei de quem um reino auferiu taes graças ou o reino de quem um rei não póde sel-o sem ellas?*

Isto é mais para assombro, volvidos quarenta e oito annos depois dos artigos jurados e logo perjurados do usurpador ! De cada promessa pendia o infame labéu da transgressão. Faria e Sousa mal podia e devia já amordaçar-se sem grandissimos trances de vergonha ; mas quanta maior ignominia lhe não seria precisa para acalmar com exultante rhetorica a conquista, que fizera

(1) Pag. 346.

o esphacelado Portugal, d'um rei para quem o juramento fôra — peor que uma frivolidade — um sacrilego escarneo ? !

Mas se ainda, além d'aquillo, está o pessimo, é isto : *Com publica satisfação compoz o rei em Lisboa as coisas passadas e presentes e depois de haver usado algum castigo com alguns culpados, usando da clemencia de Julio Cesar com os romanos, perdoou a outros, deixando purificada em poucos a prudencia de todos os enganados, e todos foram tão poucos, que, querendo reservar alguns, numerou, pela primeira vez, quando o rigor estava em seu auge, vinte e cinco sómente : e, á segunda, sómente cinco.* (1)

Pasmemos !

O historiador, propriamente castelhano, Herrera, é mais portuguez que Manoel de Faria, asseverando que as pessoas exceptuadas do indulto foram cincoenta e duas.

Como entende Faria que *se purificou em poucos a prudencia de todos os enganados ?*

Com a prisão da condessa de Vimioso e das filhas, cujo pai e esposo morrêra nas fileiras do prior do Crato. Com o destêrro da esposa e filhos de Diogo Botelho. Com a morte de D. Violante do Couto n'uma enxovia de Castella. Com o arrastarem a mulher do bravo Fonseca da Nobrega de ao pé do cadaver de seu marido, retalhado em Alcantara, para uma masmorra. Com a degolação de D. Diogo de Menezes, e a forca de Henrique Pereira de Lacerda. Com o envenenamento de Sfortia Orsini nas cadeias do Porto. Com a decapitação de

(1) Pag. 348.

Pedro de Alpoim. Com o cravejarem n'uma cruz Antonio Guedes de Sousa. Com o cadafalso em que acabou fr. João do Espirito Santo. Com a peçonha de Heitor Pinto. Com a degolação de D. Ruy Dias e forca de Balthazar Rodrigues. Com mais de dois mil religiosos mortos nas trevas, cujos cadaveres, revessados pelas ondas, chamaram ás praias o arcebispo de Lisboa e exorcismar as aguas com estupido espirito de piedade. (1)

Manoel de Faria chamou a isto : PURIFICAR.

E sobre o louvor da parcimonia na sangria depurativa do sangue ruim das arterias portuguezas, vem consecutivo o elogio á sua magnanimidade : *As muitas mercês que fez Filippe, as muitas acções, com que se mostrou digno d'aquelle imperio, assaz lhe dariam no animo de todos o titulo, quando já não fôsse seu.*

IV

A baixeza e abjecção não lograram o estipendio com que os Filippes costumavam pagar as consciencias almoedadas. O habito de Christo e fôro de fidalgo já Manoel de Faria os recebêra antes de 1621, sem impe-

---

(1) Veja Manoel Rodrigues Leitão, no *Tratado analytico*, pag. 226. — António Velloso de Lira, *Espelho de Lusitanos*. — Manoel Fernandes de Villa Real, *Anti-Caramuel*. — João Pinto Ribeiro, *Usurpação*, etc. pag. 10. — Fr. Francisco de Santo Agostinho, *Filippica portugueza*, pag. 5, 7, 32. — D. Francisco Manoel de Mello, *Eco politico*, pag. 5, v. — Conde de Ericeira, *Portugal Restaurado*, vol. 1.º fol. pag. 37. — Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, 2.º vol., pag. 613 e seguintes.

dimento do menoscabo em que elle tinha as distincções nobiliarias.

O notorio é que o servil auctor do *Epitome*, passado tempo, sahiu dissaboreado de Madrid ; e, aposentando-se com familia numerosa em Lisboa, diligenciou empregar-se quer no pingue officio de secretario da camara, quer no de secretario de estado da India mais lucrativo e honroso. Dizem os biographos, harmonicamente com o primeiro, que o marquez de Castello Rodrigo, representante da familia Moura, muitissimo recommendada á posteridade nas paginas do *Epitome*, se atravessara aos requerimentos de Faria, demovendo-o de solicitar despachos inferiores ao seu merecimento, para se dar por melhormente galardoado acompanhando o marquez na embaixada á côrte pontificia.

Deteve-se Faria e Sousa dois annos incompletos servindo em Roma com caracter de secretario os interesses do senhor que o levara como objecto de estado e pompa. Ahi ganhou Faria grande renome como poeta, e grandes gabos de Urbano VIII. Em 1634 voltou a Madrid, e logo foi preso por inconfidencia, e tres mezes e meio depois solto, illibado em seus creditos, e amerceado com sessenta ducados mensaes por graça do rei, com promessa de maiores vantagens.

O motivo da prisão collige-se de suspeitas avêssas ao affecto demonstrado no *Epitome*. Não se póde dar outro mais favoravel a Faria ; porém, se o foi, bastou o calmante dos ducados para aquietar a febre patriotica do enfermo. (1)

---

(1) Um escriptor francez quer que Faria tenha sido preso á ordem da inquisição. Não se funda o parecer em base alguma judiciosa. Faria e Sousa renhiu com as inquisições

No anno seguinte, dizem que o historiador, atacado novamente da molestia nostalgica, já tinha o pé no estribo para se evadir, quando o conde-duque de Olivares o reteve. Deixou-se ficar, não sabemos por quantos ducados.

Desde este anno de 1635 não constam novas tentativas de repatriar-se o desgostoso escriptor. Esta foi a temporada mais operosa e fecunda da sua intelligencia e memoria.

Restaurado o sceptro portuguez, em 1640, Faria e Sousa continuou a residir em Madrid. Com honra e proveito ? Logo diremos pela bocca dos que o louvam. Se o desejo de se vêr com os portuguezes resgatados era forte, não o foi tanto que o esporcasse, como a D. Francisco Manoel de Mello, como a tantos portuguezes, a pôr peito ao perigo. Deixou-se estar. E, em 1644, fallecida D. Izabel de Bourbon, mulher de Filippe IV, escrevia tres nénias á morte da soberana de Castella, nas quaes a musa lisonjeia mais o rei vivo do que chora a rainha morta. É notavel coisa ! poetando Faria, tão por gosto e costume, em castelhano, sahiu-se com a mais comprida elegia em linguagem portugueza, como querendo que a lingua lusitana se fizesse ouvir em louvor dos reis de Castella, ao tempo que um só

---

de Madrid e Portugal por causa dos *commentos aos Lusiadas :* mas desviou-se-lhes das garras. (O mesmo auctor quer que Sousa tenha recebido um habito de Christo de D. João IV e outro de Filippe III. Invenções de historiadores francezes). Quanto á causa da prisão, diz Porcel : *suspeitas e causas originadas da sua assistencia em Roma (não convém referil-as).* Collige-se que esteve incommunicavel durante o tempo da prisão. Veja Porcel, pag. 27 de *Retrato*, edição de 1650.

portuguez os encomiava, e este portuguez era Manoel de Faria e Sousa.

A memoria d'este homem, extincto em 1649, seria menos gravada e carregada de opprobrio, se alguns portuguezes com o intuito de lh'a honrarem, a não denegrissem torpemente.

O hespanhol D. Francisco Moreno Porcel tinha escripto que Faria e Sousa, fiel a Filippe IV, vivera pobre e morrera miseravelmente em Madrid, desprezando as alliciações com que o chamavam a Portugal. Deixassem-no dizer isto que era verosimil, provavel e até, para assim dizer, perdoavel. Se havia pundonor, ainda para admirado, era a valentia de acceitar na indigencia, no leito emprestado do marquez de Montebello, sob cujo tecto morreu, as legitimas consequencias do seu renegar da patria e escarnecer dos infortunios d'ella, mentindo desbragadamente para lisonjear o usurpador.

Não o quiz assim a desgraça d'aquella ossada que a viuva trouxera a terra portugueza.

Sahiram pessimos amigos contra o biographo salvador da memoria de Faria e disseram que *elle, o auctor do Epitome, fôra um fidelissimo confidente do seu rei verdadeiro D. João IV, e por esse motivo não viera a Portugal, conservando-se d'elle muitas cartas de 1640 a 1649 em que morreu, com as noticias mais seguras, os avisos mais occultos e os conselhos mais prudentes, expondo-se a maiores perigos do que os que serviam na guerra.*

Pelo conseguinte : ESPIÃO. (1)

---

(1) Veja o *Discurso Historico* do conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, sobre os escriptos de M. de F. e Sousa, Lisboa 1733. E o juizo critico do mesmo, em

A palavra é atroz, ainda que a necessidade d'esse aviltado officio justifique os reis e os bandos que procuram taes servos a quem atiram oiro, oiro que, ao bater no rosto, esculpe um estigma.

Como assim ? O auctor do *Epitome*, e inventor da palavra *purificar* para absolver os algozes de 1580 e de 1589, Manoel de Faria e Sousa, espião em Castella ! avisador e conselheiro secreto de D. João IV ! mettido entre os aulicos do prestito funebre de Izabel de Bourbon, com tres poemas, tres insensorios a vaporar aromas, e o ouvido á escuta dos movimentos militares do duque de Medina e Sidonia ! . . .

Ora, assim como os Filippes não tinham tido portuguez, senão Manoel de Faria, que diffamasse Portugal na historia, aconteceu que D. João IV, querendo negociar em Hespanha espião e denunciante, encontrasse sómente o mesmo Manoel de Faria. Era justo. Não havia outro azado para se penitenciar da infamia pela perfidia.

Terá, porventura, o conde da Ericeira falsificado o caracter de Faria, como Faria falsificara a verdade historica ?

Tudo nos compulsa a crêr que D. Francisco Xavier de Menezes desgraçadamente foi verdadeiro.

Morre Manoel de Faria, e logo seu filho, Pedro de Faria, vem para Portugal. D. João IV recebe-o affavelmente, agracia-o, chama-lhe benemerito no diploma, galardoa-o dos serviços do pai, dando-lhe uma tença de cincoenta mil réis no reguengo de Aguiar.

---

adição ao *Retrato de Manoel de Faria e Sousa* por Moreno; e o snr. visconde de Juromenha, 1.º vol. da ediç. das *Obras de Camões*, pag. 340.

De quaes serviços o galardoavam ? Dos do *Epitome ?* Não : dos avisos, alvitres, e conselhos, expressões postiças com que graciosa e diplomaticamente se colorava a palavra *espionagem*.

V

Pedro de Faria trouxe comsigo os ineditos de seu pai.

A *Europa portugueza* era um d'esses ineditos. Dizem alguns litteratos que Manoel de Faria consubstanciara na *Europa* o *Epitome*. Irreflectida conjectura ! Como ousaria o filho reproduzir as aleivosias, as lisonjas, as falsidades da historia que seu pai offerecera á munificencia de Filippe III ? Deixal-as-ia correr a censura ? Não seria banido de Portugal Pedro de Faria, se as editasse sem licença ? Não o vimos condemnado a degredo para o Brasil, e mandado sahir do Limoeiro para providenciar na publicação das obras de seu pai ?

Então é certo que a historia escripta em 1628 não é a historia publicada em 1667 ?

Não é.

Confrontem-a nos lanços essenciaes, nos pontos em que a dualidade artificiosa lança uma linha divisoria entre o portuguez dos Mouras e o conselheiro dos Braganças.

Dispensamo-nos d'essa fadiga, emquanto a preguiça alheia, por se forrar ao trabalho, nos não encommendar o confronto. De passagem, porém, notaremos que a celebre *purificação* do *Epitome*, desappareceu da *Europa*. Os *cinco*, excluidos do perdão na historia de

1628, sobem aos *cincoenta e dois*, na de 1667. Cotejem, que ha ahi materia para lastima, riso e vergonha.

É admissivel que as alterações sejam de estranhos ? D. José Barbosa (1) diz : « Na *Europa* apresenta algumas opiniões contra as que emittira no *Epitome;* mas isso procede de que sahindo a *Europa* posthuma, bem se sabe que n'ella lhe introduziu a lisonja algumas clausulas de que não era capaz a severidade da sua penna. »

Taes palavras abrem campo a nova questão. Se D. José Barbosa capitula de lisonjas as phrases que desfavorecem Castella, não justifica d'esta arte o patriotismo de Manoel de Faria ; o mais que póde é salval-o da mancha de versatil e denunciante dos secretos de Castella. Nós, porém, desinteressados em provar a segunda camada de opprobrio, remettemos D. José Barbosa a D. Francisco Xavier de Menezes. Lá se avenham.

CONCLUSÃO

Ahi está Manoel de Faria e Sousa.

Se quem isto lê encara o historiador a luz diversa da nossa, ou a paixão o cega, ou a nossa exposição foi obscurissima. Não soubemos nem já poderemos elucidal-a melhor. Outrem o fará coordenando com mais engenho os elementos que para ahi amontoamos, segundo o pendor que nos faziam no animo desapaixonado. Se alguem nos arguir de peccado de má fé, provem-nos primeiro que elle é de ignorancia, afim de que nos aproveitemos pela emenda.

---

(1) *Catalogo das Rainhas*, pag. 207.

Se nos sahirem defensores do patriotismo de Manoel de Faria e Sousa, não nos espantaremos; porque temos diante de nós uns livros que prezamos muito, e não nos enfadamos de os ouvir elogiar o merecimento das historias de Manoel de Faria. Apenas nos assombram, e não sabemos a que attribuir esta anomalia, se á ignorância, se á obcecação.

Offerecemos os suffragios dos nossos velhos amigos a quem elles possam prestar:

Francisco Soares Toscano: «... Manoel de Faria e «Sousa consagrou o seu talento á gloria da sua patria, «e compoz... muitos livros..., conservando-se entre «os inimigos da sua patria com incorrupta fidelidade...» (1)

D. Francisco Manoel de Mello: «... Pois se da historia houvessemos de fazer differença aos Epitomes «(como é razão fazel-a) a qual dos antigos não igualaremos o Epitome das Historias Portuguezas de Manoel de Faria e Sousa?» (2)

Padre Francisco de Santa Maria: «Foi insigne historiador... Illustrou a sua patria e nação... Amou «muito a verdade, e foi inimigo declarado de lisonjas... «De acre e severo juizo... Ninguem mais liberal de «louvores ao benemerito, e ninguem mais difficil de os «dar ao indigno, etc.» (3)

Francisco Freire de Carvalho: «Manoel de Faria «e Sousa, famigerado até entre os estrangeiros por sua «erudição e engenho, qualidades de que deu claras

---

(1) *Parallelos*, pag. 381 e 382, ediç. de 1733.
(2) *Cartas*, 1.ª da 4.ª *Centuria*, pag. 495. Ediç. de Roma.
(3) *Anno historico*, tom. II, pag. 158 e 159.

«mostras . . . no seu *Epitome da Historia de Portu-«gal . . .*» (1)

Ferdinand Denis : . . . *Soumis, comme ses compatriotes, à une puissance étrangère, il dédaigna la langue nationale ; mais il faut dire à sa louange que son cœur resta portugais . . .* (2)

Aqui estão José Carlos Pinto de Sousa, João Salgado de Araujo, Antonio de Sousa de Macedo, João Baptista de Castro, Diogo Barbosa Machado e muitos de igual porte, uns mortos, outros vivos, uns encarecendo-lhe a pleno os gabos, outros cerceando-lhe o renome á conta do desprimor do estylo ; mas nenhum lhe asseteia o despatriotismo, bem que nenhum tambem lh'o applauda, salvo o francez, que sabia das nossas coisas mais que muitos portuguezes.

Quem não deve ficar embaralhado entre os mortos, como juiz de pouco aviso, é o bom de José Maria da Costa e Silva, cuja auctoridade devia ir na cabeceira da lista offerecida condignamente aos propugnadores do patriotismo de Faria e Sousa. Aqui o teem : «Lon-«ge de desfigurar os factos para lisonjear os poderosos, «como praticava a maior parte dos seus contempora-«neos, elle procura apresentar sempre a verdade com «toda a sua pureza, descartando-se de prevenções, «etc.» (1)

Concluindo, mais queremos referir a insufficiencia de lição das obras de Faria que a desprimor de inconsiderados filhos de Portugal os encomios com que tantos escriptores mais ou menos estimaveis, laurearam o

---

(1) *Primeiro ensaio sobre a historia de Portugal*, pag. 152.
(2) *Résumé . . .*, pag. 367, ediç. de 1826.
(3) *Ensaio bibliographico-critico*, 7.º tom., pag. 107.

descaroado historiador que sacrificou a propria dignidade e a honra dos seus. Se, porventura, lhe quizeram elles salvar a memoria, quebrantando a verdade, no intuito de esconder da posteridade um feio e talvez unico exemplo, o proposito não foi louvavel nem util. Virtude que gera erros e fomenta a ignorancia, é bom que a desçamos da peanha, e a despojemos das louçanias usurpadas á verdade.

O anel da benção

Contam antigas e indubitaveis chronicas uma passagem que merece resurgir-se do esquecimento.

Lá no principio da monarchia portugueza floreceu em altas cavallarias um fidalgo, de nome Fernandianes de Lima, neto de D. Thereza Vermudes, irmã de el-rei D. Affonso Henriques.

O qual fidalgo, sahindo a espraiar cuidados fóra da tenda erguida em arraial contra a moirisma, topou uma brava cobra remettendo contra duas doninhas, que defendiam a toca d'um castanheiro onde ellas haviam aninhado os filhos.

A serpente, bem que repellida a impetos das doninhas que a dentavam, se alguma vez as cingia nas roscas, despicava-se coando-lhes peçonha que as fazia logo inchar. Era então de vêr, e louvar a Deus, a pressa com que as doninhas iam espojar-se e tozar n'uma

moita de saramagos, d'onde sahiam desinchadas e rijas. para a peleja.

Sem embargo dos seus conhecimentos pharmacologicos, os bichinhos, assoberbados pela pujante cobra, iam já fugindo de esfalfados, largando os filhos á voracidade do inimigo vencedor.

O fidalgo, visto o desfecho da lucta e o rastejar da serpente para o ninho, enviou-se contra ella e escalavrou-a a bordoadas.

Contente do feito, Fernandianes de Lima voltou ao campo, e relatou aos seus camaradas o caso.

No entremeio da narrativa, deram tento os ouvintes de uma doninha que se acercava destemida e airosa do grupo. Calou-se o narrador mui attento no silvestre brutinho que parecia demandal-o. Como de feito. Abeirou-se d'elle a doninha, e depoz-lhe aos pés uma pedra preciosissima, mostrando (moralisa fr. Pedro de S. Francisco) que devia gratificação ao favor que d'elle recebera e a vingança que por ella havia tomado de seu inimigo ; e que pois a não podia dar com a bocca que d'ella acceitasse aquella pedra que lhe alli deixava. (1)

Levantou o insigne capitão a pedra e encastoou-a em um annel, que deixou a seus illustres descendentes. Chamou-se o legado o ANNEL DA BENÇÃO, e assim denominado ficou em vinculo no seu morgadio, cuja representação gozaram os viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte do Lima.

Que será feito do annel do sobrinho do rei Affonso Henriques ?

Quando fr. Pedro de S. Francisco, no fim do seculo

---

(1) Explicação do psalmo cincoenta ; na Dedicatoria.

XVI, dedicava a sua *Explicação do psalmo 50* a soror Izabel de S.to Antonio, da casa dos Limas, oriundos de tronco real, ainda o annel da benção estava no morgadio.

Vive em Lisboa o desvalido representante d'aquella realenga prosapia. Não cuideis que possua o annel quem se ha visto a braços com a pobreza, sem resvalar do fidalgo pundonor de seus avós.

Manoel de Sousa Coutinho

E

Miguel Cervantes

I

É coisa corrente que fr. Luiz de Sousa, o famigerado chronista da ordem dominicana, e não menos luzido pela poesia tragica da vida que mais ou menos lhe fabulou o visconde de A. Garrett, antes de ser frade correu desventuras de cavalleiro, com o seu primeiro nome de Manoel de Sousa Coutinho. Quer elle haja sido noviço maltez, quer simplesmente passageiro em uma galé de Malta, é provado que os piratas argelinos o captivaram ao sahir do porto da Sardenha.

O insigne bispo de Vizeu, D. F. Alexandre Lôbo, o mais esmerado biographo que ainda tiveram Camões, Vieira, e fr. Luiz de Sousa, avisadamente presume que

Manoel de Sousa esteve em captiveiro durante o anno de 1577 ; e, como áquelle tempo, Miguel Cervantes estivesse tambem captivo, inferiu o illustre biographo a possibilidade do encontro dos dois escravos. O abbade de Sever, auctor da *Bibliotheca Lusitana*, historiando o que sabia de fr. Luiz de Sousa, já tinha dito que Miguel Cervantes de Saavedra contrahira estreita amizade com Manoel de Sousa Coutinho ; e fundamenta a impensada affirmativa em uma passagem extrahida da novella de Cervantes, intitulada *Los Trabajos de Persiles y Sigismunda.*

O douto bispo leu a passagem justificativa da tal supposta estreita amizade ; e, se não tirou d'ella a mesma illação Barbosa quanto á amizade, veio em que Cervantes mostrara ter conhecimento de Manoel de Sousa Coutinho.

De pessoa tão notavel com pormenores da vida tão ignorados, afervora-se a curiosidade de saber tudo que ser possa. A biographia do frade de Bemfica tem dado que farte incentivo á imaginativa de poetas ; porém, a historia mal póde ir tomar emprestadas ao drama e ao poema as louçainhas que não quadram á sua gravidade. A historia, pois, sabe pouco da vida de fr. Luiz de Sousa ; e já agora nada novo ha que esperar do lavor dos antiquarios ; que tudo a meu vêr escudrinharam os romanticos estimulados pela sublime tragedia de Garrett.

Por isso mesmo, nos moveu a curiosidade a procurar na novella de Cervantes a prova da amizade intima dos dois captivos, como Barbosa affirmara, ou sequer a prova de se haverem conhecido como cautelosamente inferira D. F. Alexandre Lôbo.

Lemos a passagem indigitada pelos dois litteratos

e ainda outra que elles provavelmente não viram na mesma novella. E do confronto do que é notorio na escripta e na tradição, com o romantico retrato que Cervantes nos dá de Manoel de Sousa, tiramos ao claro que o manco de Lepanto apenas conhecia de nome o cavalleiro portuguez. E, se outra inferencia couber no possivel, então as tradições de fr. Luiz de Sousa são por tanta maneira transtornadas que não será estranhavel a suspeita de que Manoel de Sousa Coutinho é um mytho. Não ha ahi mais que encommendar a demonstração d'esta legenda a um dos muitissimos discipulos de Nieburh que por aqui enxameiam em barda.

Vejamos em que assenta a hypothese de se haverem entre-querido ou sequer conhecido os dois escravos.

II

Periandro e Auristela iam cortando o mar em demanda de uma ilha. As barcas eram duas cada uma a dois remos. Um dos remadores cantou em lingua portugueza umas trovas tristes e logo outras em castelhano. Os amorosos navegantes perceberam que o cantor ia enamorado. Mandaram-no passar do outro batel, em que ia, para o d'elles. O mysterioso barqueiro em termos portuguezes á volta com castelhanos disse :

— Ao céo e a vós e ao meu cantar agradeço esta mudança e melhoria de barco ; ainda que seguro estou da brevidade com que o deixarei livre do peso do meu corpo ; que as pennas sentidas n'alma me vão dando signaes de que a vida me está nas ultimas.

— Melhor o fará o céo — respondeu Periandro

Continuaram conversando até á ilha. Fizeram barracas, accenderam fogueira, cozinharam a ceia, iam dormir a trancos, quando Periandro, trasnoitado pela curiosidade, pediu ao remador que lhe contasse sua vida. O barqueiro fallou assim :

« Sou portuguez de nação, de nobre sangue, rico de bens da fortuna, e não pobre dos da natureza. Meu nome é Manoel de Sousa Coutinho, minha patria Lisboa, e minha profissão soldado. Junto ás casas de meus pais, quasi paredes meias, morava um cavalleiro da antiga linhagem dos Pereiras, o qual tinha uma só filha, herdeira unica de seus bens, que eram muitos, apoio e esperança da prosperidade de seus pais. Por linhagem, riqueza e formosura desejavam-na todos os maiores do reino de Portugal ; e eu, que por mais vizinho de sua casa, mais commodamente a via, contemplei-a, conheci-a e adorei-a com esperança mais duvidosa que certa, de que pudesse vir a ser minha esposa. E para poupar tempo e entender que requebros nem dadivas pouco valeriam com ella, deliberei que um parente meu a pedisse aos pais para minha esposa ; pois tão ajustados eramos em fidalguia, haveres e idades.

« A resposta dos pais foi que sua filha Leonor não estava ainda em idade casadoira ; que deixasse passar annos, que lhe dava sua palavra de não dispor da filha em todo aquelle tempo, sem me avisar.

« Levei este primeiro golpe nos hombros da paciencia e no escudo da esperança ; mas não deixei por isto de servil-a publicamente á sombra de minha honesta pretensão, que tudo logo se soube na cidade ; ella, porém, retirada á fortaleza de sua prudencia e recamaras de seu resguardo, com honestidade e licença dos pais

recebia meu cortejo, e dava a perceber que, se lhe não correspondia, ao menos não o desprezava.

«Aconteceu, n'este tempo, enviar-me o meu rei capitão-general, officio de qualidade e confiança, a um dos presidios que tem na Barberia. Chegou o dia da partida; e, se tambem não chegou o da morte, é que não ha ausencia que mate nem dôr que consuma. Fallei ao pai, consegui que tornasse a dar-me palavra de espera dois annos, commovi-o, por que era discreto, e consentiu-me que me despedisse de sua mulher e de Leonor, a qual em companhia de sua mãe sahiu a vêr-me a uma sala, e com ella a honestidade, galhardia e silencio. Pasmei quando vi ao pé de mim formosura tamanha! Quiz fallar e pegou-se-me a voz á garganta, e a lingua ao céu da bocca. (1) Não soube nem pude fazer coisa senão calar-me e dar indicios da minha torvação com o silencio. O que visto pelo pai que era tão cortez como discreto, abraçou-me e disse: — Snr. Manoel de Sousa, nunca os dias de partida dão licença á lingua que se desmande, e talvez que este silencio falle em favor de vossemecê mais do que outra rhetorica. Vá vossemecê exercer seu cargo, e volva em boa hora, que não faltarei ao que lhe devo. Minha filha Leonor é submissa, minha mulher deseja comprazer-me, e eu desejo o que já disse. Com estas tres cousas me parece que póde vossemecê esperar boa sahida a seu desejo. — Ficaram-me na memoria todas estas palavras, e de tal modo impressas na alma, que jámais me esqueceram nem hão-de esquecer emquanto eu vivo fôr. Nem a for-

(1) O futuro fr. Luiz de Sousa a dizer estas coisas assim plebeias em estylo tão baixamente anatomico!

mosa Leonor nem a mãe se disseram palavra, nem eu pude, como já contei, dizer-lhes nada.

« Parti para a Barberia e exercitei meu encargo com satisfação do meu rei dois annos. Voltei a Lisboa, e achei que a formosura e fama de Leonor tinha sahido do reino, e chegara a Castella e outras partes, das quaes vinham embaixadores de príncipes e senhores que a pretendiam para esposa; porém, como ella tinha a vontade tão sujeita á dos pais, não curava de saber se a solicitavam ou não. Finalmente, decorridos os dois annos, tornei a supplicar ao pai que m'a desse . . . Ai de mim! não posso deter-me n'estas miudezas! . . . Ás portas da vida me está já chamando a morte; temo que me não dê tempo a contar minhas desventuras, que, se assim fôsse, não as teria eu por taes . . . Emfim, participaram-me um dia que, no seguinte domingo, me entregariam minha esposa. Esta nova quasi me ia matando de alegria . . . Convidei parentes, chamei amigos, fiz galas, enviei presentes com todos os requisitos que pudessem mostrar ser eu quem me casava e Leonor quem havia de ser minha esposa. Chegou o dia. Fui acompanhado da flôr da cidade a um mosteiro de freiras, chamado da Madre de Deus, onde me disseram que minha esposa me esperava desde a vespera, pois tinha sido gosto seu que n'aquelle mosteiro se celebrasse seu desposorio com licença do arcebispo da cidade . . . Cheguei ao mosteiro que real e pomposamente estava adornado; sahiu a receber-me quasi toda a gente principal do reino, que me esperava alli com infinitas senhoras das principaes da cidade. Retumbava o templo de musica vocal e instrumental. N'este comenos sahiu pela porta do claustro a sem par Leonor, seguida da prioreza e de muitas freiras, vestida de

tafetá branco golpeado com saia inteira á hespanhola, apresilhados os golpes com ricas e grandes perolas, a barra da saia era tella de verde e oiro. Cahiam-lhe pelos hombros as soltas madeixas, longas a beijar o chão, e louras a deslumbrar o sol. Cinto, gargantilha e anneis que trazia valiam um reino, segundo lá diziam. Repito que sahiu tão bella, tão esbelta e opulentamente adornada que era inveja das mulheres, assombro dos homens. De mim sei dizer que ao vêl-a, fiquei tal que me julguei indigno d'ella, por me parecer que se eu fôsse imperador do mundo, ainda lhe faria aggravo.

« Em metade da igreja estava armado um como tablado theatral, onde desafogadamente sem empêços se havia de celebrar nosso desposorio. Subiu primeiramente a formosa donzella e de lá ás claras ostentou sua gentileza e galhardia. A quantos olhos a contemplavam figurou-se-lhe, o que soe parecer a aurora ao repontar do dia, ou o que a casta Diana parecia nos bosques, no dizer das antigas fabulas ; e discretos ahi foram que não acertaram a comparal-a se não a si mesma.

« Subi ao tablado cuidando que subia ao meu céo, e posto em joelhos diante d'ella, quasi dei vislumbres de idolatral-a. Surge uma voz no templo precedida d'outras que diziam : *Vivei felizes e longos annos no mundo, ó ditosos e bellissimos amantes ! Corôem preste, formosissimos filhos vossa mesa, e ao largo andar se prolongue vosso amor em vossos netos. Não saibam os raivosos ciumes nem as duvidosas suspeitas a morada de vossos peitos. Caia a rendida inveja a vossos pés, e a boa fortuna não acerte a sahir de vosso lar.*

« Todas estas razões e deprecações santas me desbordavam a alma de jubilo, vendo o geral prazer em que o poeta levava minha ventura.

« N'isto a bella Leonor me tomou pela mão, e assim em pé como eramos, ergueu um tanto a voz, e me disse : — Bem sabeis, snr. Manoel de Sousa, como meu pai vos deu palavra, que não disporia de mim em dois annos, que se haviam de contar desde o dia em que me pedistes para esposa ; e tambem, se bem me lembro, eu vos disse, vendo-me instada de vossas solicitações e obrigada aos infinitos beneficios que me heis feito, mais por effeito de vossa cortezia que de meus meritos, que nenhum esposo acceitava d'este mundo se não vós. Meu pai cumpriu sua palavra, como vistes, e eu vou cumprir a minha como vereis. E assim, sabendo eu que os enganos, bem que honrosos e proveitosos, tem não sei que de traição quando se dilatam e entretem, quero sem demora desvanecer-vos a idéa de que vos atraiçoei. Senhor meu, sou casada ; e com esposo vivo, por maneira nenhuma posso casar com outro. Por nenhum homem da terra vos deixo, senão por um esposo do céo que é Jesus Christo, Deus e homem verdadeiro. Este é meu esposo ; a elle primeiro dei minha palavra ; a elle sem engano e espontaneamente, e a vós sem firmeza alguma e com dissimulação. Confesso que se eu houvesse de escolher esposo da terra, nenhum competiria comvosco ; mas, tendo de escolhel-o do céo, quem como Deus ? Se vos isto parece perfidia ou trato descommedido, dae-me a pena que quizerdes, e o nome que vos aprouver, que não haverá morte, promessa ou ameaça que me aparte do meu esposo crucificado.

« Calou-se, e logo a prioreza e as freiras começaram a paramental-a e a cortar-lhe as preciosas tranças. Emmudeci, e por não mostrar fraqueza contive as lagrimas que me vinham aos olhos, e lançando-me em joelhos dianted' ella, quasi á força lhe beijei a mão, e ella

christãmente compassiva me lançou os braços ao pescoço. Levantei-me e erguendo a voz de modo que todos me ouvissem, disse : *Mari optimam partem eligit!* e, dizendo isto, desci do tablado, e com meus amigos fui para casa, onde, trabalhando com a imaginação n'este estranho successo, quasi cheguei a perder a razão ; e agora pela mesma venho a perder a vida . . .» E dando um grande suspiro (accrescenta Cervantes), fugiu-lhe a alma e deu comsigo em terra.

III

E assim acabou o Manoel de Sousa Coutinho da novella, quando promettia fallar muito mais n'aquelle empolado estylo, que não cheirava a discorrer de moribundo. Morrer tão de subitas um sujeito que tinha remado, cantado, ceado, e promettia dormir, se o snr. Periandro o não convida a um cavaco sobre ceia ! Eis aqui um Manoel de Sousa Coutinho quasi ridiculo á feição do molde em que o vasou o chronista do *Cavalleiro da Triste Figura*.

Pospondo, porém, a critica mal ajustada ao motivo d'este artigo, retrocedamos ao particular intento de perguntar se uma tão desnatural historinha argue intimidade ou sequer conhecimento entre Manoel de Sousa e Miguel Cervantes. A meu juizo, o auctor de *Persiles y Segismunda* usou d'um nome portuguez que succedeu ser o de um captivo seu coevo na escravidão em Argel, ou porque lhe soasse a noticia de tal escravo, com alguma historia diversa de amores, ou casualmente lho desse assim a phantasia, quando compunha a no-

vella. Inferencias de intimidade entre os dois insignes escriptores só poderá tiral-as do logar citado da novella quem tiver mais paradoxal imaginação que o novellista.

Diogo Barbosa Machado e D. F. Alexandre Lobo não viram, ao que parece, outra passagem da novella de Cervantes referida a Manoel de Sousa Coutinho. O bispo de Vizeu, indicando os logares onde topou as citações de Barbosa, não dá conta do cap. 1.º do *Livro terceiro* da *Historia de los trabajos de Persiles y Segismunda.*

Periandro, Auristela e outros personagens da historia de Cervantes vão caminho de Roma e aproam a Lisboa. Periandro sahiu um dia de casa e sentiu-se na rua abraçado pelas pernas por um homem que lhe dizia :

— Que ventura, snr. Periandro, a que estás dando a esta terra com tua presença ? Não te admires chamar-te eu por teu nome, que eu sou um dos vinte que cobraram liberdade na abrasada Ilha Barbara onde a tu tinhas perdida. Achei-me na morte de Manoel de Sousa Coutinho, cavalleiro portuguez . . . Trouxe-me boa sorte á minha patria, contei aqui aos parentes d'elle a sua morte de amor, e acreditaram-na, e crêl-o-iam ainda que eu lh'a não affirmasse de vista, por ser quasi costume morrerem de amor os portuguezes. Um irmão d'elle, que lhe herdou os bens, fez-lhe exequias, e n'uma capella da familia, lhe poz em uma lapida de marmore branco, como se debaixo d'ella estivesse enterrado, um epitapho que quero vejam todos quantos aqui sois, porque espero vos agrade por discreto e gracioso . . .

Foram ao templo, e viram a capella e sepultura,

sobre a qual estava esculpido em lingua portugueza o seguinte epitapho :

> *Aqui faz a viva memória do já morto Manoel de Sousa Coutinho, cavalleiro portuguez, como se vivo fóra. Não morreu ás mãos de nenhum castelhano, senão ás do amor que tudo póde. Caminhante, procura saber-lhe a vida, e lhe invejarás a morte.*

Os circumstantes admiraram a discreção do epitaphio, genero de escripta em que, no dizer de Cervantes, *tiene gran primor la nacion portugueza*. Perguntou depois Auristela ao portuguez se a freira tinha sentido a morte de Manoel de Sousa. Respondeu o portuguez que a freira, poucos dias volvidos sobre a noticia de tal morte, expirou de pura mágoa.

Os peregrinos, em seguimento, passaram a Hespanha, guiados por dois cavalleiros de Lisboa, um dos quaes era *Alberto*, irmão do defunto Manoel de Sousa Coutinho.

Tudo pois nos assevera que Miguel Cervantes ideou uma historia aventurosa á feição das mais estimadas do seu tempo, e a muitos respeitos mais desconcertadas do que hoje as figuram os romancistas acoimados de inventores absurdos.

O que ahi não ha, salvo o nome, e analogia de aventuras que auctorisem a hypothese e menos a certeza de que o grande escriptor portuguez e o maior espirito de Castella se encontraram e confidenciaram em Argel. A mim me parece que Miguel Cervantes, se houvesse co-

nhecido algum amoroso lance de Manoel de Sousa, não lhe attribuiria a historia de uns atrapalhados amores que o mataram, estando seu amigo velho e vivo em Lisboa, e póde ser que já frade ou perto d'isso. (1)

Fechamos a já fastidiosa impugnação ás crenças do abbade de Sever e dos que estribaram no erro por lhe parecer de boa fonte. Por fim, lembro ao leitor que repare outra vez no epitapho do phantastico Manoel de Sousa Coutinho. Aquillo tem que vêr e rir. *Não morreu ás mãos de nenhum castelhano se não ás de amor que tudo póde.* Quer dizer que os cavalleiros portuguezes escapados ás mãos dos castelhanos, eram em numero tão diminuto que valia a pena mencionar o caso extraordinario !

Não lhe parece, leitor, que Miguel Cervantes, á custa de muito lidar com o seu D. Quixote de la Mancha já estava gafado das mesmas roncarias ?

---

(1) Presume-se que a ultima obra de Miguel Cervantes haja sido a novella de *Persiles y Segismunda*, publicada posthuma. Cervantes morreu em 1616 e Manoel de Sousa Coutinho professou em 1614. Se o auctor da *Galathea* quizesse dar ao seu amigo a celebridade da novella, é de crêr que aprimorasse mais o desenho de tão illustre portuguez e se acostasse a factos verdadeiros que os tinha bons para entretecer um ameno episodio na sua historia.

Passagens de uma carta autographa de um grande sabio

O famigerado portuense João Pedro Ribeiro, (1) nos seus numerosos escriptos recheiados de erudição, argue um sabio grave, ponderoso e incapaz de gracejar nem entreter-se com assumptos jocosos. Quem leu as *Dissertações chronologicas e criticas* do eminentissimo antiquario difficultosamente ha-de crêr que o doutor, nas suas conversações e cartas, era jovial e epigrammatico. João Pedro Ribeiro, se houvesse nascido cincoenta annos depois, talvez se estreasse pelo «folhe-

(1) Presbytero secular, doutor em cânones, lente de diplomatica, conego doutoral nas Sés de Vizeu, Faro e Porto, desembargador honorario da casa da supplicação, conselheiro da fazenda, chronista dos dominios ultramarinos, censor régio do desembargo do Paço, socio da Academia real das sciencias de Lisboa, etc.

tim » e capitancasse a turba alegre dos rapazes que, ha vinte e cinco annos, recamavam de galhofas as gazetas portuenses, hoje em dia tão carrancudas, tão avelhentadas, tão puxadas á ficira da sã moral, que tudo, afóra ellas, trescala á podridão do vicio.

Pois João Pedro Ribeiro, o « fundador e patriarcha da sciencia diplomatica entre nós » (como avisadamente o douto bibliophilo Innocencio Francisco da Silva o conceitua), (1) sem sahir do seu officio, topava motivos de rir nas suas profundas investigações de velharias.

Aqui vai um exemplo frisante.

Escrevia elle desde Coimbra a um seu amigo do Porto ácerca de pesquizas feitas nos conventos do seculo XIV :

« . . . Continúo — escreve o doutor — com Pedro-
« so, e cada vez acho mais. No reinado de D. Diniz,
« vagavam duas freiras de Semide *extra-claustra* (fóra
« do mosteiro) a titulo de passarem para a ordem de
« Cister ; mas, temendo a justiça do bispo de Coimbra
« ou a de Deus, recorreram a Clemente v que expediu
« Breve pela Penitenciaria para se recolherem a mos-
« teiro da ordem. D. Gonçalo Pereira, deão do Porto,
« executor do Breve, lhes impoz a penitencia, e absol-
« veu, e permittiu entrarem em certo mosteiro da or-
« dem. Talvez v. s.ª não adivinhe qual. Pois foi no
« Pedroso, aonde benignamente as recebeu o dom abba-
« de d'aquelle tempo, o snr. D. João Domingues, assig-
« nando-lhes a sua reção e vestiaria para ellas e suas
« mancebas. É bem verdade que a snr.ª D. Goncinha

(1) *Diccionario bibliographico*, tômo 4.º, pag. 8.

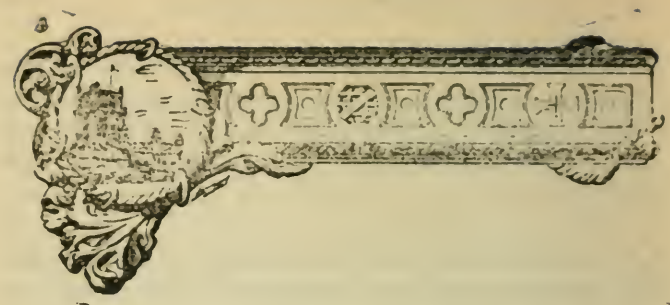
« Simões, uma d'ellas, (e á sua sombra iria a outra) le-
« vava comsigo de herança dos pais uns sete casaes alli
« por perto do mosteiro em Avanca, Valga, Fermedo.
« Agora, pergunto eu : ao pé de Pedroso ficava Villa-
« Cova, de freiras benedictinas ; por que buscavam
« ellas antes mosteiro de monges ? E como entendeu
« D. Gonçalo Pereira as palavras do *Rescripto : « intra*
« *trium mensium monasterium sui ordinis ingrediantur*
« (no praso de tres mezes se recolham a mosteiro de sua
« ordem por mosteiro de monges) ? Não passe esta no-
« ticia ao publico ; senão, sabendo-o as freiras, e achan-
« do Gonçalos Pereiras, irão todas pelo caminho d'a-
« quella boa velha Joanna Domingas, levadas da boa
« fama de Pendorada, e agora do prelado que tem , . . .
« e levarem para lá o que tiverem em louvor de Santa
« Maria do Corporal, e precisarem de parar as obras
« rusticas para fazer cellas para as monjas, e será nova
« especie de emigrados, sem serem francezes, que te-
« nham de aturar. »

Estas reflexões um tanto alegres do insigne juris-consulto não nos auctorisam a rastrear-lhe na vida acto que recendesse perfumes de amoríos com freiras ou seculares. Os affectos principalissimos de João Pedro Ribeiro, depois dos codices, eram as flôres : conjectura justamente inferida d'outra passagem d'esta carta com que me brindou o meu velho amigo Carlos Nogueira Gandra :

« Eu tenho-me já dissuadido — accrescenta o con-
« selheiro da fazenda — de viajar ao Porto no Natal, e,
« como passa o tempo, quando tiver occasião me faz
« favor remetter as taes plantas . . . que são o Solano,

« Mogarins, Pelludo, Mangericão roxo, Cassia branca,
« Merculiana, Botões de ouro das duas qualidades,
« Cravos grandes rajados, Poenia, Angelica. Flôr de
« Liz não será agora tempo, e, sendo-o, tambem póde
« vir. »

A carta é escripta em 17 de dezembro de 1812. João Pedro Ribeiro, com mais de oitenta annos, morreu no Porto em 4 de janeiro de 1839.



Antiguidades de Braga

(EXTRAHIDAS DE UM CODICE DO SECULO XVII)

A misericordia de Braga esteve primeiramente na claustra da Sé, onde está a capella de D. Diogo de Sousa. D'alli mudou-se para a capella de Sant'-Anna, no campo do mesmo nome; e d'aqui para o logar onde está. Os irmãos vestiam opas pretas.

•

Lomar (1) chama-se assim por que no tempo dos Suevos e mais longe havia ahi um lago artificiosamente feito, na chã, que ainda hoje se vê, e, segundo os ves-

---

(1) S. Pedro de Lomar, freguezia circumvizinha de Braga.

tígios, tinha de circumferencia meia legua, e lhe ia do rio Deste a agua. Era quinta real de prazer. E como a linguagem antiga se parecia com a galega, e o lago por sua grandeza semelhava o mar, os que lá iam divertir-se ou pescar em botezinhos, diziam uns a outros : « Vamos a *lo mar ?* » Juntas depois as duas dicções em um só nome ficou *Lomar*, onde se edificou mosteiro benedictino.

*

D. Fr. Bartholomeu não fundou o collegio, onde os jesuitas ensinaram, com o proposito de lh'o dar, nem para albergaria dos peregrinos de S. Thiago, como outros asseveram. O seu intento era fundar convento dominicano ; porém, como não conseguisse do commendatario de Tibães renda para elle, deu-o á companhia de Jesus.

*

Na claustra da Sé houve antigamente tres cemiterios : um para os conegos, que era todo o vão da capella de D. Diogo de Sousa e o atrio fronteiro ; o segundo era de gente commum, e hoje é claustra ; o terceiro era de pessoas reaes, onde hoje está a capella de S. Jeronymo, Nossa Senhora da Boa Memoria, Santo Amaro e tudo o mais circumposto. Aqui se enterravam os reis suevos catholicos, e por isso detraz do retabulo da Senhora da Boa Memoria, haverá sessenta annos (1) foram

(1) Relembramos ao leitor que o manuscripto conta para cima de cem annos.

achadas tres sepulturas com effigies de vulto em cima e coroadas ; as quaes a confraria barbaramente soterrou quando fez obras. Como aqui era cemiterio real, mortos que foram o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza, D. Affonso Henriques fundou a capella hoje chamada de S. Thomaz no que era cemiterio real, para trazer para alli, como trouxe, os ossos de seus pais ; e aqui jazeram até o tempo de D. Diogo de Sousa que os trasladou para a capella-mór da Sé. Ha poucos annos que na capella de S. Thomaz appareceu uma sepultura com uma effigie em vulto de mulher coroada e aos pés um leão. Por se fundar a capella no logar onde se enterravam reis, se ficou chamando «Capella dos reis». D. Affonso Henrique a dedicou ao evangelista S. Lucas, e n'ella collocou uma cana do braço do santo, que lhe tinha mandado de Roma um cardial, e não Paulo Horosio como alguns dizem. Aqui estava uma imagem que depois se mudou para o corpo da Sé em frente de Santo Agostinho.

Depois da batalha de Aljubarrota, o arcebispo D. Lourenço reedificou a dita capella dos reis para um jazigo ; e é de advertir que do corpo da Sé havia uma porta para o dito cemiterio real por onde os conegos iam fazer os anniversarios, a qual depois se empedrou, e ficou por detraz do altar de S. Francisco, e sahia onde hoje está o corpo de D. Lourenço ; e por esta razão nos remates dos arcos da abobada se vêem escadas e n'ellas grelhas, cascos de navios e corvos, alludindo a S. Lourenço e S. Vicente, santos do seu nome, pois se chamava D. Lourenço Vicente ; e no altar-mór póz os dois santos, e no meio Nossa Senhora da Apresentação. Os quais santos estiveram no altar até que entrou a confraria de S. Thomaz, á qual o cabido deu licença para

erigir santo no altar, com obrigação de ter n'elle os acima referidos. Na dita capella e no remate do retabulo se acham as armas de el-rei D. João I.

*

O caminho de Braga para Guimarães e Porto era pelo postigo que hoje se chama de S. Sebastião ; descia por entre as casas de Antonio de Macedo ; d'aqui ia ao monte de Penas, procurava a ponte de S. João do rio de Ave, passando primeiro por Esporões e Brito. A do Porto levava o mesmo principio, e se apartava da de Guimarães para o poente, e ia passar o Ave á ponte de Lagoncinhos.

O sitio por onde ia esta estrada logo ao sahir de Braga se chama ainda «a cividade», nome corrompido de *sahida da cidade*, por ser aquella parte um declive que desce muito.

D. Diogo de Sousa abriu o caminho que hoje se chama «as conegas» que depois tomou aquella denominação, por que as primeiras casas que alli se edificaram foram terreas onde hoje é o quintal de Pedro da Cunha, e n'ellas moraram tres irmãs d'um conego, e por isso eram chamadas «as conegas» ; e, como eram mulheres de prestimo, boa vida e capacidade, se dizia : «vamos fallar ás cónegas», *etc.*

O collector e redactor das noticias transcriptas foi o mesmo fr. Manoel da Ascenção a quem devemos o importante esclarecimento da *Mesa* das Carvalheiras.

Haverá quem dispense uma das suas horas feriadas

em esquadrilhar antiguidades de tal ranço ? Póde ser. Os dissaboriados das pompas de hoje em dia, tão insignificativas, tão ocas de idéa que levem ao porvir a noticia de alguma coisa grandiosa d'estes tempos, antes se querem com as ruinas do passado, por que, ao menos, estas são a historia, são a fé, são a índole das gerações extinctas. O que hoje se faz, volvidos trezentos annos, que traços physionomicos do viver actual ha-de offerecer aos antiquarios ? A meu vêr, nenhuns. Materialisando o que não póde em verdade ser idealisado, a geração actual, para os vindouros ha-de figurar-se o que hoje nos parece a estatua mythologica esbrucinada, com os relevos carcomidos, já indecifravel e sem fórma ou feição caracteristicas.

Não hão-de assim pensar os criadores de bazares industriosos e industriaes. Alguns dirão : D. João, o guerreiro victorioso, fez a Batalha ; D. Manoel, o senhor das frotas que escumavam o domado oceano, fez Santa Maria de Belem ; D. João v, o devoto irracional, fez Mafra ; nós, século XIX, que não batalhamos, nem navegamos, nem oramos, *fazemos progresso.* A gente o que anda a fazer é progresso. Já se lhe fabricou uma casa digna, onde elle mora, o Progresso ; um palacio grande onde o Pluto moderno se estende á perna solta, e dá de renda 15 contos annuaes aos proprietarios. Os seculos XV, XVI e XVIII faziam casas de marmore onde só cantavam frades ; o XIX faz casarões de crystal onde canta quem quer. A « Suripanda » não vos regala mais que os threnos dos poetas hebreus ?

E, rodados tres seculos, que dirão os antiquarios apontando para a praça onde hoje campeia o torreado palacio do Progresso ? Prefigura-se-me que os vejo e ouço :

— Aqui, ha trezentes annos, existiu um salão, onde bailavam mascaras ; e um restaurante onde se comiam ostras ; e uma rampa onde cantavam bufos e se ostentavam os primores dramaticos de *Ignez de Castro* e *Pedro Sem*, dois brilhantes da corôa da Thalia portuense. E, como diversão aos graves espiritos d'aquelle tempo, tambem o Progresso deu aos seus amigos representações de tramoias chamadas *Magicas*. Chamava-se isto o *Palacio de Crystal*.

Mas que faz isso ou que tem que vêr as *Antiguidades de Braga* com as modernices chôchas do Progresso ?

É um disparate realmente !

Burundangas de escrevinhador que mistura alhos com bugalhos.

Carta de D. Antonio, prior do Crato, aos lentes da Universidade de Coimbra

---

O cardial-rei D. Henrique desterrou seu sobrinho D. Antonio para o Crato ; como o pretendente, porém, contravindo ás ordens do rei, estanceasse por Coimbra, conjurando e grangeando bandos para a sua parcialidade, o timido cardial aggravou a pena do desterro estendendo-a até á expatriação. No acto de sahir, o infeliz pretendente escreveu aos lentes da Universidade uma carta, que não vimos entre as *Provas da Historia Genealogica*, e encontramos entre os papeis do douto antiquario o conselheiro Nunes de Carvalho, ha pouco fallecido em Coimbra. É do teor seguinte :

Carta do snr. D. Antonio aos lentes da Universidade para a publicarem a seus ouvintes nos Geraes. (1)

« Fezei-me mercê de dizerdes a esses senhores vossos ouvintes que o alvoroço que n'esta vida tive foi de vir para esta terra por podel-os tratar, conversar e servir como bom companheiro e verdadeiro irmão, que n'esta conta me tenho, e que ha muitos annos trago estes desejos que não pude effectuar até agora, por cousas que succederam. Agora que cuidava tinha alcançado o que tanto desejei, me manda sua Alteza me vá de seus reinos, e me há por desnaturado d'elles ; que lhes affirmo pela verdade que devo fallar, e assim Deus me console, que mais sinto esta abzencia pelos deixar, que pelo que ella está promettendo ; e lhes peço por mercê cuidem isto assim de mim, e tenham por muito certo que em todo o estado que me achar lhes terei este amor, e me honrarei tanto de me admittirem a esses nomes que me ponho, que será esse sempre o titulo de que mais me honrarei, e com este os servirei em tudo o que se offerecer : que se fiquem muito embora, e que nosso Senhor lhes dê a todos o que podem desejar. *D. Antonio.* »

Com esta carta captivou D. Antonio o coração generoso e arrebatado dos estudantes ; não assim o sisudo animo dos lentes que propendiam a favor da legitimidade de D. Catharina de Bragança. Rei caste-

(1) Não seguimos a ortographia da cópia textual, por nos parecer que a noticia tem tudo com a história e quasi nada com a philologia.

lhano e que mestres e discipulos repulsavam com igual repugnancia.

Morto o cardial, D. Antonio voltou ao reino, e fez-se acclamar em Santarem. Emquanto Lisboa, corrompida nos seus magnates, fechava as portas ao filho do infante D. Luiz, a formosa do Mondego anciava o momento de embandeirar suas torres e miradouros para de novo receber o rei amigo que tão saudoso lhe sahira dos seus encantos. A mocidade destemida propugnava em discursos publicos a favor de D. Antonio ; ao mesmo passo que os tolerantes professores, avessos a Castella, denotavam certo pendor a deixarem-se levar na torrente do enthusiasmo juvenil.

Vingou, n'este entrementes, Christovão de Moura seduzir um clerigo de Coimbra, chamado Ambrosio de Sá, ancião venerado na terra e havido em grande conta de santo e politico. O padre Ambrosio agenciou o reviramento d'alguns espiritos, e conseguiu predispol-os contra o filho da zingara. Os animos revirados deviam de ser dos mais grados de Coimbra, por que entre estes logrou alliciar a favor de D. Filippe II os membros do Senado. (1)

Ainda assim, a magnanima alma dos moços estudantes não resvalou da sua patriotica dedicação ao prior do Crato. Quando o temerario, derrotado em Alcantara, ia fugindo, Coimbra recebeu-o carinhosa. Muitos estudantes se alistaram nas suas escalavradas fileiras ;

---

(1) A *Deducção Chronologica* de José de Seabra, ou, mais exactamente, do marquez de Pombal, diz que o padre Manuel Godinho andou disfarçado em estudante, alliciando os animos a favor de Castella. Este disfarce figura-se-nos inverosimil.

o povo seguiu os estudantes ; e D. Antonio, compungido por tão amorosa vassallagem, amaldiçoou talvez a má fortuna que lhe contraminava a devoção de tantos e tão leaes amigos.

Pobres moços ! mui cara lhes havia de sahir a honrosa loucura de seguirem até ao Porto o foragido ! . . . D. Antonio, verdadeiramente, não merecia o culto de tantos martyres. A posteridade não póde louvar o neto de el-rei D. Manoel ; mas exalça e santifica a illustre memoria dos que lhe foram leaes até á escada do patibulo.

Nota ao «Leproso»

DE

XAVIER DE MAISTRE

O conde Xavier de Maistre na tão formosa quanto conhecida narrativa do «Leproso» descreve a porção deserta da antiga cidade d'Aoste. (1) «Entestando com

---

(1) Nos Estados Sardos, capital da provincia do seu nome, a 75 kilometros de Turim, com sete mil habitantes. Foi remotamente capital dos *sallassii*, valorosa tribu da Gallia transpadana. Destruiu-a Terencio Varro Murena por ordem de Augusto. O maior numero de seus moradores morreu afogado pela torrente do rio, que o destruidor desviou do seu leito, e levou á cidade, sabendo que os habitantes se tinham soterrado. Sobre as ruinas, os pretorianos levantaram a *Augusta Praetoria*, da qual ainda campeia um magnifico arco, e á volta acervos de ruinas na parte meridional. Assim mesmo, Aoste é ainda terra importante commercialmente. Nos seus arrabaldes demoram as celebradas minas e aguas termaes de S. Didier.

a porta da cidade (diz o insigne escriptor) jazem as ruinas de antigo castello, no qual, se a tradição é exacta, o conde Renato de Chalans, enfurecido por ciumes, deixou morrer de fome, no seculo quinze, a princeza Maria de Bragança, sua mulher. D'isto se deriva o nome de «Bramafan» *(grito de fome)* dado ao castello pelos naturaes do sitio. Esta anecdota, cuja authenticidade é duvidosa, torna interessantes estes pardieiros ás pessoas sensiveis que a julgam verdadeira.»

Não informam os moradores d'Aoste exactamente o illustre visitador do leproso, nem de Maistre consultou informações historicas. O conde de Chalans foi decerto casado com uma senhora da casa de Bragança, quarta filha do duque D. Diniz. Chamava-se ella «Mécia» e não «Maria». *Lencastre* era o seu appellido.

D. Mecia, em qualidade de dama da infante D. Beatriz, (1) filha de el-rei D. Manoel, passou a Saboia, quando aquella princeza, em 1521, casou com o duque Carlos III. Dotada com tão illustre nascimento, foi pretendida dos fidalgos de Saboia, e esposa de Renato de Chalans, conde, barão e marechal.

Carecemos de documentos comprovativos da tradição popular desairosa á memoria de D. Mecia, e da cruel vingança do trahido esposo. O que sabemos dos genealogicos é que ella teve de seu marido duas filhas: uma, D. Izabel, a qual casou com o marquez de Suriano. A linhagem d'esta senhora acabou no marido de sua neta, Annibal Grimaldi, degolado em 1621. A outra, D. Filisberta, casada com o conde de Brione, é

(1) *Brites* diz D. Antonio Caitano de Sousa, na *Hist. Geneal. da C. Real.*

hoje representada pelos duques de Lorena e marquezes de Gerbevillier.

É tambem certo que Renato casou segunda vez: probabilidade que favorece a tradição do povo, ligada ao castello de *Bramafan*. Póde ser que a imprudente senhora, por um lapso vulgar nas fidalgas do seu tempo, se fizesse digna de exemplar castigo. Sua ama, a snr.ª D. Brites de Saboia, tambem deu ciumes ao esposo, quer lh'os suggerissem a tristeza e saudades da esposa que sempre viveu desconsolada, consoante dizem poetas, quer — e isto frisa com a fraca natureza humanal — a princeza se descuidasse da sua honestidade. Como quer que fôsse, a memoria da filha do duque de Bragança, sem embargo de ter morrido de fome, está infamada em Aoste.

Já que não lh'a podemos rehabilitar, sirva este escripto de emenda ao erro de nome e de seculo que vem na commovente narrativa do conde Xavier de Maistre. Alguem nos tinha dito que era pura invenção o caso de *D. Maria de Bragança*, mulher de *René de Chalans*. Não é.

As regras geraes do snr. J. M. P. S., da cidade do Porto

Este snr. passou trabalhos grandes em sua vida, da qual nos contou o essencial em um folheto de 32 paginas, publicado em Lisboa, no anno de 1816, com este laconico frontespicio : *Definição da amizade, seu augmento no tempo da felicidade, e diminuição total no da desgraça. Obra muito útil para a mocidade, que principia a entrar na ordem do mundo, onde lhe parece que tudo o que luz é ouro, quando é tudo falso, e só lisonjeiros mostrando-se amigos para lhe comerem o que tem ; e depois de os verem pobres voltaram-lhe as costas ; á maneira dos pardaes, que se ajuntam em bandos a fazer muita festa ao Lavrador quando este traz o milho na eira ; e logo que o recolhe na tulha desapparecem, e só vem um por um chamar-lhe vilão, esquecidos do bem recebido, que pagam com tal ingratidão insultante. Composta por J. M. P. S. da cidade do Porto, no anno de 1816.*

Se titulo d'este tamanho abastecia uma encyclopedia de sciencias moraes, cresce a admiração de ponto quando o vemos invadir a zoologia contando-nos as costumeiras e linguagem dos pardaes, em dialogo com os lavradores.

E tanto mais para assombro quanto o auctor nos recommenda a sua ignorancia n'este requinte de modestia : « Não me inculco por sabio em faculdade alguma, por não o ser. » Todavia, confessa que o parece. Sobre ser novo, é sublime desprendimento, isto ! Não quer que a gente se engane com apparencias. « O tempo (escreve elle) me tem ensinado a *parecer* sabio n'esta materia. »

A materia referida vem logo tratada depois do *Prologo* que diz derivar-se de *Para-logo*. Foi elle quem primeiro disse esta coisa. Como de passagem o philologo ia cavando nas raizes das palavras ! (1)

Entra o snr. *J. M. P. S.* a contar a sua vida.

Aos 8 annos foi para o Brasil, enviado por um tio. Arranjou-se em casa d'um negociante chamado Pedro, *que mostrando o fio de tal nome lhe não parava caixeiro em casa*. Não cae a gente depressa na significação do *fio de Pedro*. É metaphora.

No fio estava já o biographo, ao cabo de tres annos de má vida. Deixou o patrão, e foi com outro, e com fazendas por sua conta, mercadejar ás Minas de Goyazes.

---

(1) O snr. Francisco Gomes Freire, tambem filho do Porto, e negociante no Rio, descobriu, ha pouco tempo, que *entrudo* é derivado de *Entre-tudo*. Conta o illustre portuense, ao proposito, uma historia persuasiva e inedita. Não sei que outra terra haja dado assim no mesmo século dois talentos para etymologias !

Opportunamente nos dirá o que viu, sendo que a disposição em que leva gizada a sua biographia lhe ordena começar pela noticia do Rio de Janeiro. Aproveitemos da descripção o que nos parece, além de curioso, importante ao confronto da cidade moderna com a que foi ha sessenta annos . . .

« É muito plana e regular, suas ruas são muito direitas, e só a d'este nome é a mais torta, e fazem um xadrez á maneira de jardim : são seus nomes os seguintes : A primeira que corre de Leste a Oeste ao longo do rio, é a da Praia do peixe, que comprehende o palacio com seu grande largo, onde se faz a parada, seu chafariz no meio, caes de pedra com assento, passeio, *etc.* A segunda é a Direita, onde está a alfandega, e esta tem fundo tal que chega á da praia, onde ha uma grande estacada pelo rio dentro forrada de tabuado, e coberta com um telhado a que chamam Ponte da Alfandega . . . N'esta mesma rua, que é bastante larga, moram a maior parte dos negociantes de atacado, supposto ha muitos de mercadores de retalho e de forragem. A terceira rua, que corre do mesmo rumó, é a Quitanda, que é de mercadores de retalho desde a rua do Ouvidor até Santa Rita ; e desde a dita rua do Ouvidor para a parte de S. José tem o nome de rua do *Soçocusarará*, cuja derivação do nome lhe vem de certo homem que alli morou com tal chaga no assento que todos perguntavam se o *seu c. sarará*. (1) O que deu nome á dita rua. A

(1) O auctor, forçado pelo rigor etymologico da sua noticia, desviou-se algum tanto das boas praticas dos topographos seus coevos. Lido com toda a probabilidade em Jorge Ferreira e Gil Vicente, não quiz ser mais delicado que elles. Se a rua procedia d'uma raiz suja, a culpa não era d'elle.

quarta rua é a dos ourives do ouro e da prata que vai ter á igreja de Santa Rita.

A quinta rua é a da Villa na qual só moram povo de officios. Depois segue-se o campo de S. Domingos onde até o anno de 1797 só haviam algumas casas pequenas, e em muitas d'estas moravam os ciganos, que foram degradados de Portugal no tempo do Snr. D. Francisco, pelas suas virtudes de enganadores em contratos de que ainda usam n'aquellas e n'outras cidades em que existem. As outras ruas, que fazem o xadrez, botando em linha recta, desde a da Praia ao campo de S. Domingos, são dez, a saber : a de S. José, da Cadeia, do Ouvidor, do Rosario, de Traz do Hospicio, Travessa da Alfandega, Sabão, S. Pedro, das Violas, e Pescadores ; e só esta ultima é morada de muitos negociantes de atacado, e a do Rosario de tavernas de vinho, de que quasi todos os taverneiros são ilhéus ; as mesmas são morada de diverso povo de officio ; na mesma a Rua da Cruz, que bota da rua Direita para a da Praia, e a de mercadores ; e a rua da Carne Secca, que tambem bota da rua Direita para a da Praia, e fica em frente da do Rosario, e é de lojas de carne sêcca vinda do Rio Grande ; e mesmo ao pé da praia ha lojinhas de diversas quinquilharias miudas, a que chamam armarios, que são á maneira dos da Natividade na cidade do Porto. Ha mais algumas travessas e viellas, *etc.* As ditas ruas são todas tão direitas que da Praça e Rio se avista o campo de S. Domingos, e são todas ladrilha-

---

Quem tresandava, n'este caso, era o senado a quem competia dar nome novo á rua para fazer esquecer a parte ulcerada que lhe dera o nome velho.

das de pedra miuda pelo meio, e de larga pelos lados para passeio ; porém não tinham peões de pedra n'aquelle tempo. A rua Direita, Largo do Palacio e caes tem lampiões de 12 em 12 passos, que em noites de escuro são accesos pelos presos das galés, e fazem boa vista olhando-se do rio.»

Quem houver visto a capital do imperio brasileiro espanta-se da transformação ; mas não descreia da pintura que lhe offerece o prestante sujeito que a descreveu ha meio seculo. Póde ser que ainda vivam contemporanos d'elle que lhe abonem a fidelidade da descripção.

Ouçamol-o na analyse dos costumes dos fluminenses.

Conducta e caracter dos nacionaes

«São tão inimigos do trabalho que muitos poucos se vê aprenderem officio e menos applicados ao commercio ; pois tem por desprezo serem caixeiros para chegarem a ser negociantes, e mofam dos filhos de Portugal, quando principiam n'aquella carreira ; e, ainda que seus pais lhes dessem cabedal sabem bem gastal-o e em breve ficam como S. Sebastião de calções. São, comtudo, activos e aptos para tudo quanto se applicam, que é quasi geral ser para doutores em medicina e leis, frades, clerigos ou soldados. As femeas tem muito juizo, por que preferem o casar com filho de Portugal, sem ter vintem, ao do seu compatriota com milhões, cuja preferencia fazem ainda que tenham ricos dotes. Chamam-se cariocas aos filhos da dita cidade, derivado o dito nome do chafariz *carioca*, unica agua que até áquelle tempo tinha a cidade, e da mesma é que era

encanada para o chafariz do Largo do Palacio ; o que era incuria da camara, por haver muita agua no logar de Andrahi, só distante duas leguas, que muito facil se podia metter na cidade. Esta incoherencia motivou vender-se um pote de agua por duas patacas, 640 réis, quando o Principe regente nosso senhor alli chegou com a sua côrte, e agora é que o mesmo senhor mandou metter agua em abundancia. O vicio na falla é nos nomes seguintes : Para dizerem *milho* dizem *mio ;* para *melhor* dizem *mió*, para *pior pió ;* para *telha* dizem *têia;* para *telhado* dizem *teado ;* para *melhorar* dizem *miorá*, *etc . . . etc., etc.* »

Segue o roteiro a peregrinação para Goyazes. O auctor estranhou os mosquitos do Porto da Estrella : « Eram muitos os mosquitos pernelongos (diz elle) que assobiam e mordem diabolicamente, primeiro trabalho que senti, e estranhei por falta de costume. »

Descreve trezentas e vinte leguas de sertão, onde se lhe acabou o feijão e toucinho. Felizmente, elle e os seus vinte e um companheiros comiam macacos assados ; e « era tal a fome (accrescenta o peregrino) que ainda mal assados, e que ainda pareciam gritar, já cada um cortava o seu pedaço. » Infelizes macacos !

Declara que a villa de Goyazes tem theatro ; mas *que as figuras não são boas*, e lembra-se então de ter omittido que o theatro do Rio de Janeiro *é bom e situado atraz do palacio, e que as figuras são boas.* Gaba grandemente a indole liberal dos moradores de Goyazes, comparando-os aos sovinas do Rio, que nunca lhe offereceram um jantar.

Ao cabo de dezoito mezes, voltou com o lucro de cinco mil e tantos cruzados. Tornou ao Rio Grande de

S. Pedro do Sul, com vinte e seis mil cruzados de fazenda em três sumacas. Naufragou na barra do Rio Grande. Morreram muitos passageiros que se lançaram ás ondas, e salvou-se elle com mais seis por não saberem nadar. Eu tive o accôrdo (pinta elle) de amarrar debaixo dos braços uma capoeira de gallinhas, e quando a sumaca se fez em pedaços (que foi no espaço de uma hora, pouco mais ou menos), fiquei sobre o mar, o qual me foi levando de banco em banco de areia ; ora muito fundo ora ganhando pé, sustentei bastante tempo o meu juizo, até que o perdi quando já avistava a praia, em que andavam os bons moradores d'alli, homens e mulheres, com grandes bicheiros a salvar os que abordavam á mesma. Eu nada soube de mim, senão quando vim a meus sentidos, e me achei em uma boa cama, e tratado com tal modo e amor como se faz em Portugal a um proprio filho. D'esta boa e santa familia soube que me viraram as pernas para cima, e que tinha botado pela bocca muita agua salgada e que me tinham despregado os dentes com uma colher, para me botarem por ella agua de gallinha, e que para vir a meus sentidos levara algumas oito horas. Tambem soube d'ella que só morreram quatro dos meus companheiros. »

É de saber que as sumacas, em que o narrador levava os seus cabedaes, sahiram do Rio depois d'elle e chegaram a salvo.

Chegado á villa de S. Pedro, o negociante abstem-se de descrever a terra por já estar cabalmente descripta n'um soneto d'um poeta da mesma villa. Visto que elle nos recommenda o primor do poema e da pintura, transcrevemol-o :

Tectos de herva, paredes de pantano, (1)
Nome de Villa e construcção d'aldeia,
Quasi coberta da volante areia
Dos combros que aqui crescem todo anno :

Brisas do vento leste e *minuano*,
De moscas, pulgas, bichos é bem cheia ;
Não sei quem tanto insecto aqui semeia
Para causar ás gentes nojo e damno !

De pé um diminuto batalhão,
De cavallo os dragões mais esforçados,
De voluntarios uma legião.

Dizem que ha nos campos muitos gados ;
Esta é do Rio Grande a habitação
Onde purgando estou os meus peccados.

O poeta purgava mais que os peccados, e devia tambem purgar os seus vizinhos com a jalapa de taes sonetos.

O seu admirador embarcou para Porto-Alegre, d'onde se foi com a fazenda em canoas para Rio Pardo. Trocou os generos por couros e chifres. Os chifres ficaram-lhe muito em conta a 400 e 500 réis o cento. Arranjou dez milheiros d'elles, que vendeu depois no Rio á razão de 3$600 réis cada cento. Bom negocio! Diz elle que comprara bois a 1$200 réis, e depois de os comer ainda vendera o couro por 1$000 réis. Quantos bois comeria elle a dois tostões cada boi ? Com quatro sumacas de couros e chifres, fez-se no rumo de Rio de Janeiro o ditoso commerciante. Os lucros sahiram lhe tamanhos, que estabeleceu casa de negocio por ata-

(1) Barro.

cado. Depois, pegaram com elle umas sezões rebeldes que o obrigaram a sahir para Portugal na corveta *Nossa Senhora Mãe dos homens*.

Assim que se fez ao largo, entrou a comer bem. Já as maleitas se tinham ido, quando lhe sobreveio o revéz de dar á costa a 26 leguas ao sul da Bahia, entre as ilhas de Quiepe e Camamu. Desembarcaram os passageiros na Praia dos Carvalhos, e de madrugada veio a corveta varar em terra. Salvou-se a carga e casco; mas em tal estado que foi mister leval-o a compôr na Bahia, onde esteve nove mezes, esperando o comboio grande, que trazia o «diamante grande» e veio a Portugal escoltado por dezeseis navios de guerra. O auctor, receando a corveta, embarcou no navio «Trovoada», e aportou em Lisboa com 116 dias de viagem.

Agora, daqui por diante, encurtar a narrativa, seria defraudar o leitor. Escreve o snr. J. M. P. S.:

«Demorei-me só 14 dias em Lisboa, e depois parti por terra para o Porto, onde chegando fui festejado dos meus parentes, e rodeado de tantos amigos que me deixou satisfeitissimo; e muito maior numero se me ajuntou d'elles quando estabeleci casa de negocio de atacado n'esta cidade, uns a vir comer e beber a minha casa, e a convidar-me para a sua e para funcções: e como eu nunca tinha tido desgraça alguma, unica pedra de toque para os conhecer falsos, e me via com vinte mil cruzados, não sabia que a sua festa era a estes e não a mim; e ora me pediam quantia emprestada, ora para lhe firmar letras, o que tudo eu fazia com sinceridade, e o tempo que esta ficção me durou o descrevo no seguinte:

Tempo da minha fortuna no Porto

Seis annos passei engodado dos taes amigos, sempre obsequiado d'elles como verdadeiros; mas ah! quanto me enganei!!! O céo queira que os meus leitores aprendam na minha cabeça, e que não quebrem a sua fiando-se no tempo feliz, em Deus e depois no dinheiro que são os unicos amigos em quem nos podemos fiar, seguramente, o que vou demonstrar no seguinte:

Tempo da minha desgraça

Tendo no meu principio vendido porção de anil que trouxe do Brasil aos fabricantes da Covilhã, a trôco de pannos e baetões, mandei quantia d'estes para o Rio de Janeiro, e vendi outra quantia a diversos n'esta cidade com letras aceitas para servir de desconto d'estas, na falta de remessas do Rio. Este plano prudente falhou-me em tudo; por que as remessas falhando, descontei as letras que para isso firmei; e ao seu vencimento quebraram os aceitantes meus devedores, e fui obrigado a tomar novo dinheiro com firma de meu tio e minha, e com usura de ser em papel moeda, que o desconto estava a 28 por cento: o que soffri esperando as remessas do Rio. Eis que são tomados sete navios pelos francezes, todos d'esta cidade, e em que perdi maior quantia do que tinha, e fui então obrigado a vêr fugir todos os meus amigos, e os primeiros os que mais obrigações me deviam, que nem o chapéu me tiravam; até tive um a quem eu firmara 1:800$000 réis e elle a mim só 400$000 réis, o qual foi dizer ao meu honrado credor, que não firmava mais a letra, o que este me disse em segredo. Fui então ter com o tal amigo, e lhe

dei em pannos azues valor maior dos 400$000 réis para servir de penhor ; e, chegado o vencimento da reforma, fui pagar ao meu credor, e levei a letra para o dito amigo vêr e riscar o seu nome, e depois pedi-lhe os meus pannos, que me disse tinha dado em penhor da divida sua ; os quaes nunca mais me deu, e d'ahi a pouco fez ponto. E que vos parece este amigo ? Este e outros quasi semelhantes, junto aos prejuizos já contados, me obrigaram a fazer ponto ; porém com honra ; pois mostrei claro os ditos prejuizos em balanço dado mercantilmente, e em que metti e entreguei perto de 3:000$000 réis que tinha em casa de fazendas, e tomando conta os meus honradissimos credores, que nomearam um caixa, sahi eu pela porta fóra com 1$320 réis ; de sorte que para levar minha mulher e uma filha de quatro mezes para Cambra (d'onde a mesma é) d'aqui sete leguas, empenhei um guarda-sol por 2$400 réis a Manoel José de Oliveira Braga, negociante e morador n'este tempo na Ponte Nova ; pois que nem minha mulher trouxe dote, nem lh'o fiz por ser furto ; bem que alguns dos meus devedores m'o fizeram nas suas quebras. Com o meu braço a escripturar livros do commercio vou vivendo agora, graças a Deus ! »

Não ha duvidar da probidade de um homem que atirou assim á cara dos que o roubaram a sua defeza e justificação. A coragem de sahir a lume com a sua autobiographia quem lh'a deu senão o desassombro da honra infeliz, mas intrepida ? Tivesse elle estylo, veriam que commovente lance não seria o da esposa, e filhinha de quatro mezes, caminho de Cambra, ratinhando as migalhas procedentes do guarda-sol, empenhado

pelo probo negociante, que entregara aos credores tres contos de réis, e não dotara a mulher para os não prejudicar!

E, depois, a serenidade da narrativa! Quando accusa um ladrão, pergunta: «e que vos parece este amigo?» O reportado animo com que elle escreve: «com o meu braço a escripturar livros de commercio, vou vivendo, graças a Deus!»

Quando parecia estar fechado o protesto, o laborioso escripturario conta dous casos que *lêra e ouvira em rapaz sem os attender*. O primeiro caso que elle ouviu foi «que o sabio Ovidio Romano disse no seu tempo que no tempo feliz muitos e innumeraveis amigos teremos, e que no da desgraça sós nos acharemos.» O segundo caso, que lêra, foi um soneto, que termina:

> Tenho experiencia, e tenho entendimento:
> E, se ha no mundo amigos verdadeiros,
> Será só no paiz do fingimento.

Outro caso que lêra é o de um pai que deixou em determinado logar uma corda ao filho para que se enforcasse quando empobrecesse. O rapaz, reduzido á miseria por desvarios e prodigalidades, deliberou enforcar-se na corda atada a um caibro por mão do pai. Pendurou-se, esperneou, o caibro rangiu, partiu-se, cahiu, e uma burziguiada de peças chove sobre o suicida. O prodigo regenerou-se.

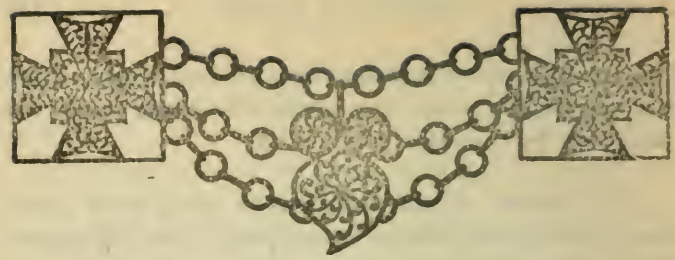
Remata o snr. J. M. com as tres *Regras Geraes* seguintes:

1.ª *Não confies em homem que sempre e para todos se ri; pois ha provas de ser fingido, e é impossivel que o*

coração seja sempre igual como quer mostrar o rosto. Tambem nos templos o que reza muito alto e bate muito nos peitos não ha a melhor prova d'elle.

2.ª *Quando algum individuo te vier propor algum negocio, não o decidas em ajuste logo, e dize-lhe que verás; por que elle quando t'o vem offerecer já o tem considerado, e tu deves tambem pensar se te convem ou não.*

3.ª *Quando alguem te vier pedir pequena quantia de dinheiro ou fazenda até certo dia, e t'a vier pagar promptamente, espera, que logo depois te vem pedir maior quantia, que não deves emprestar para não perder esta segunda; pois é este o estylo de caloteiros geralmente, e que admitte pouca excepção tal regra.*



José Balsamo em Lisboa

Os leitores das *Memorias de um medico*, por Dumas, conhecem José Balsamo; saibam, porém, que o homem prodigioso inventado pelo esplendido romancista é uma innocente burla. O conde de Cagliostro não merecia as honras de excitar a phenomenal phantasia de tão ardente cabeça. Se A. Dumas lêsse de espaço o processo de José Balsamo, preso no castello de S.to Angelo, correr-se-ia de cooperar para a immortalidade d'um sujeito que principiou a ser um pobre alarve desde que a desfortuna lhe desafivelou a mascara de velhacaria, cujo requinte parecia medir-se pelo da sandice dos seus admiradores.

No principio d'este seculo publicou-se em Barcelona um livro com êste titulo: *Compendio de la vida y hechos de Joseph Balsamo, llamado el conde Calliostro. Que se ha sacado del Processo formado contra el en Roma*

el ano de 1970, y que puede servir de regla para conocer la indole de la secta de los franco-masones. Traducida del Italiano.

São 313 pag. em 8.º, cheias da vida sordidissima do aventureiro de Palermo, e de modo escriptas que se insinuam como verdadeiras por serem o texto das revelações que de si fez José Balsamo na inquisição, corroboradas pelo depoimento de Lourença Felisiani, sua mulher.

Esta Lourença seguiu-o a Hespanha em trajes de peregrina de S. Thiago ; mas não consta que o santo se possa gabar de tal visita, porque os romeiros quedaram-se em Madrid, elle a propagar que fazia ouro, e ella a ganhal-o da maneira mais aviltadora.

São historias ruins de contar n'um paiz em que certas desmoralisações se figuram impossiveis como o parricidio para o legislador grego, que lhe não estatuiu castigo.

Não obstante, seja-nos concedido referir o que está escripto da deshonestidade da snr.ª Lourença, ou condessa de Cagliostro, como ao depois ella a si se agraciou.

Foragidos por certos motivos, vieram dar a Lisboa. Agora que conte o anonymo biographo de José Balsamo. Vertemos do hespanhol que o traduziu : « Chegados alli, (a Lisboa) o primeiro pensamento de Balsamo foi informar-se, como soia fazer, das pessoas ricas e desenfreadas, e soube que alli havia um negociante, homem de caracter, como lhe convinha. Enviou-lhe logo a mulher a pedir-lhe uma esmola, e o soccorro que obteve foi uma moeda acompanhada de uma torpe pergunta, citando-a para tal effeito em um seu jardim campestre. Por espaço de tres mezes amiudaram-se as idas

áquelle sitio de . . . . . (1) O medo, porém, de algum desaguizado com a familia do negociante, furiosa por taes amorios, fez que Balsamo deixasse Lisboa e passasse a Londres . . . onde uma criada lhe roubou porção de topazios que tinha ajuntado em Lisboa.» (2)

O negociante que teve a fortuna de hospedar entre as suas flôres a esposa do maravilhoso José Balsamo era o opulento Anselmo José da Cruz Sobral, ascendente do actual conde d'aquelle ultimo appellido.

Quem quizer saber pormenores d'esta familia predilecta do ministro de D. José I, leia-os nas *Recordações* de Jacome Raton desde pag. 341 a 350.

Ácerca de Anselmo, ditoso mercador da consorte d'um heroe de Alexandre Dumas, transladaremos algumas passagens do seu contemporaneo Jacome Raton : « . . .O irmão mais moço da familia, Anselmo José da Cruz Sobral, foi mandado . . . a Genova para aprender a lingua italiana e o commercio, d'onde voltou casado com uma senhora chamada Maria Magdalena Croca . . . Anselmo José da Cruz tinha viveza e sabia do commercio ; porém o que elle sabia melhor era distribuir dinheiro com liberalidade em todas as occasiões que se offereciam de promover o seu interesse . . . Em todas as occasiões de regosijo publico dava funcções que mais pareciam de um principe que de um particular... Nada d'isto admira em um homem que soube grangear com a sua liberalidade tantas fontes de riqueza.»

---

(1) O historiador adelgaça tanto o fiado da historia que não se esquece de designar a quantia estipulada no tal convivio bucolico do negociante e da romantica amadora das flôres. De Lourença diz um escriptor francez : *Ses charmes fournirent plus d'or a son mari que le creuzet d'Hermès.*

(2) Pag. 39 e 40.

Anselmo da Cruz não se pejava de apresentar José Balsamo nas salas das mais gradas familias. Vê-se que o marido de Lourença Felisiani lhe merecêra em deferencia o que a esposa lhe ganhara do coração. Em prova d'isto, vem o snr. marquez de Rezende com um estimavel opusculo ha pouco publicado com este titulo : *Pintura de um outeiro nocturno e um sarau musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado.* S. exc.ª descreve as pessoas que confluiram ao velho solar das Picôas, residencia da familia Freires de Andrade, cujo varão depois houve o titulo de conde de Camarido. Na série das damas e cavalheiros reunidos para o sarau poetico, estavam, escreve o snr. marquez : « . . . o cavalheiro Pinetti, grande prestigiador; o famoso impostor italiano José Balsamo, que depois de viajar pela Europa, com os nomes suppostos de marquez Pellegrini, de conde de Harat, de conde de Pheniz, de marquez de Anas, e por fim de Cagliostro, que tomou em França, onde, na opinião de muita gente que, sem ter fé em Deus, cria em feitiços, passou por evocador das sombras dos mortos, foi depois a Londres, d'onde veio a Lisboa, com cartas de recommendação para Anselmo José da Cruz Sobral, por meio das quaes se introduziu em varias casas, onde, com a impudencia da raça charlatã, se inculcou a algumas pessoas por fazedor de ouro. Do lado opposto estava com os olhos pregados n'elle e apontando para elle o perspicaz intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, dizendo ao seu particular amigo marquez de Lavradio : . . . *não me cheira bem aquella cara* . . . » (1)

(1) Pag. 13 e 14.

Esta noticia do snr. marquez de Rezende desdiz da relação biographica já citada. Propendemos a desconfiar dos apontamentos do esmerado escriptor, por que o livro coevo e traçado em face do processo do grão-Cophta ou veneravel da maçonaria nos faz maior força.

José Balsamo, quando estanceou por Lisboa, chegara de Madrid e não de Londres. É possivel e até provavel que Anselmo da Cruz Sobral, a fim de honestar a apresentação do forasteiro, se inculcasse auctorisado a isso por cartas recommendativas de boa procedencia. O que elle não ousava, decerto, era contar a pessoas tão fidalgas e pelo conseguinte honestas a origem das suas relações com tal familia, consoante as denuncía a historia conformando-se ás declarações da propria consorte do réo processado. O embusteiro, quando esteve em Lisboa, ainda se não tinha agraciado com os varios titulos lembrados pelo snr. marquez. As corôas nobiliarias inventou-as depois, á proporção que ia mudando de terra, perseguido pela justiça. O que elle fazia vislumbrar em Lisboa era que suspeitava ser filho do Grão-mestre da Ordem de Malta, Manoel Pinto da Fonseca. (1)

A aureola do prestigio formaram-lh'a depois os resplendores de Paris, irradiados de formosos olhos de mulheres, captivas do seu magnetismo satanico. Ainda assim, tão assignalado patrocinio não impediu que o conde Cagliostro se amofinasse por carceres e tribunaes, até que, levado a Roma em cata d'algum repouso, a inquisição lh'o deu maior do que elle quizera, con-

(1) José Balsamo, nascido em 8 de junho de 1743, em Palermo, era filho de Pedro Balsamo e de Feliza Braconieri gente de baixa condição.

demnando-o a perpetua prisão, em 1789. Seis annos depois, José Balsamo, o *illuminado*, teve a ventura de fechar os olhos á luz d'este mundo. Lourença, a denunciante das miudezas mais abominaveis na vida do marido, foi tambem condemnada a prisão perpetua em um convento.

Quando passardes em frente do palacete das Picôas, e vos acudir á lembrança que alli esteve José Balsamo, o propheta da guilhotina de Maria Antoinette e da destruição da Bastilha, rezae-lhe por alma, visto que elle morreu contricto, e se habilitou, por isso, a entrar no reino da gloria, que eu a todos vos desejo, *Amen*.

Carta inedita do cardial de Alpedrinha

Na chronica de D. João II, conta Garcia de Rezende que o principe D. João, cioso das honras que seu pai D. Afonso V fazia ao cardial de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, sahira um dia de Santarem cavalgando, com grande comitiva, em companhia do cardial. Á entrada da ponte de Alpiarça, o principe mandou ficar os criados, e transpôz a ponte a sós com D. Jorge, e alguns moços de estribeira na vanguarda, e a distância onde não pudessem ouvil-o.

Rompeu o principe em virulentos queixumes contra o prelado, que se desculpava sem vingar amollecer o animo irrascivel do futuro Luiz XI portuguez. Até que o principe, repellindo as desculpas do espavorido prelado, exclamou : « Para que é nada, senão a um cardial tão mal ensinado e desagradecido e de má con-

dição, mandal-o tomar por quatro moços de esporas, e afogal-o em um rio, e dizer que cahiu e se afogou d'um desastre! » (1)

D. Jorge ouviu, reparou, e viu que o Tejo estava alli á beira d'elle e debaixo dos olhos coruscantes do príncipe em quem elle conhecia summa capacidade para executar o programma.

Julgou-se morto o bom do cardial. Isto o confessava elle depois em Roma, para onde se deu pressa em ir, e d'onde mais não voltou a enrostar-se com o real carrasco.

Sem impedimento do desamor que lhe tinha o príncipe e da natural correspondencia com que devia retribuir-lh'o, o cardial D. Jorge escrevia desde Roma ao filho de Affonso v frequentemente.

Notaveis por muitas cousas deviam ser então as cartas do sabio prelado No collegio cardinalicio era de muito o seu voto, exalçado por saber e virtudes. Xisto IV enviou o seu legado a Veneza. Innocencio VIII deveu-lhe a tiara, sendo elle quem negociou os suffragios d'outros cardiaes, com a auctoridade do seu : e Alexandre VI não teria sido papa, se o cardial D. Jorge quizesse o pontificado. Por igual com tantos créditos e honras, corria mundo a fama de sua altissima sabedoria. Preciosa portanto devia ser a sua correspondencia com o príncipe D. João, da qual apenas resta

---

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccles. dos arcebispos de Braga* (p. 2.ª pag. 271) relata as mesmas intenções do príncipe algum tanto variadas no feitio : *Que vai agora na morte de um cardial ? tomál-o e mandál-o deitar por quatro lacaios de uma ponte abaixo, e dizer que cahiu d'ella.* Levava as mesmas voltas.

estampado um fragmento de carta, na *Historia Ecclesiastica de Braga* por D. Rodrigo da Cunha.

Se nos archivos nacionaes subsistem algumas cartas do cardial de Alpedrinha a D. João II e D. Manoel, não tenho quem m'o assevere. No códice 10245 da *Bibliotheque Royal de Paris* sei eu que laboriosos investigadores portuguezes, e nomeadamente o snr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz, acharam e trasladaram uma carta do cardial D. Jorge da Costa enviada ao principe D. João, desde Roma, com data de 4 de novembro de 1480.

A malquerença que os apartou não impediu que se carteassem os dous principes, sobre negocios da igreja e da politica. Muito pôde comsigo o cardial que tão deveras se mostrava devoto das coisas de D. João II resalvando para si o bom accordo de não voltar á patria.

Eis aqui o conteudo da carta, cuja ortographia é a mais esmerada dos sabios do seculo XV :

« *Carta que o cardeal de portugal escpreveo de Roma a elRey dõ Joham sendo principe.*

« Senhor.

« Despois de dadas graças a ds, por huu bacharel do porto meu familiar (1) vos escprevi asás largamete, os

---

(1) Este bacharel do Porto poderia ser Fernão de Sequeira, por via de quem o cardial escrevera ao principe em 4 de fevereiro do mesmo anno a carta, cuja passagem, do seguinte teor, estampou D. Rodrigo da Cunha :

« Senhor, enuio la Fernando de Sequeira meu escudeiro

feitos do turco. Assi que sse vossa senhoria ouve minhas cartas, de todo seres beem enformado. Elles eram em duas maneiras, huum que tocavão a Rodes, e outros a Italia. Dos de Rodes no he necessario fazer mays mençom, soomente que he desçercado, ficou muy destroydo, morrerã sobre elle de 16:000 turcos pera çima. (1)

Ho turco mandou ja matar o capytão principal q tinha degredado, por q lhe non tomou a dita çidade. (2) Y depois de todo passárão por aqui muytos cavalleiros

---

e familiar, homem muito vosso servidor de vontade e de quem eu muito confio. V. Senhoria lhe dê comprida fé, porque nom vai la por outra cousa, por que eu são (sou) homem de muito boa fé, e por tal me tenho em as cousas do serviço d'el-Rei vosso pay, e vossas, postoque me vós sempre tivesteis e tinhaes por homẽ doutra ley ; pero faço em meu officio, por sentir quanto esta embaixada releua vosso serviço, e a V. senhoria tique recebelio em serviço, senão recebermoá Deus, o qual acho, que é, o por q homem todelas cousas deve fazer, por não perder galardão. »

Em sequencia da carta que vamos trasladando, em reforço á embaixada de Fernão de Sequeira, mandou D. Affonso V, no anno seguinte, uma armada defender Italia do turco. O commando coube ao bispo de Evora, D. Garcia de Menezes que orou esplendidamente ao papa, e morreu tres annos depois na cisterna secca do castello de Palmella, onde D. João II o mandou agonisar e por caridade lhe aligeirou as angustias com peçonha. D. João, afinal, conseguiu que um papa lhe aquietasse com o perdão absolutorio algumas inquietações de consciencia. O bispo de Luiz XI estava de gaiola ; o do outro facinora de cisterna.

(1) Vai pouco augmentado pelo cardial o número dos infieis que o santo ferro espostejou. Vertot, o mais sisudo historiador da ordem de Malta, escreve : *Soliman, pour couvrir la honte de cette fuite, et por sauver l'honneur de ses troups, fait sonner la retraite, aprés avoir laissé sur la brèche ou au pied des murailles plus de quinze mil hommes.* Histoire des Chevaliers hospitaliers ; Tom. II, pag. 292, ediç. fol.

(2) Allude ao general Mustapha que o sultão mandou assettear por que lhe aconselhara o cêrco cuidando que assim lisonjeava o sultão.

frãçesses, e doutras naçoens pera la se não desse Regno, q não pareceo alguu, e fallavam muyto nisso. Asi que neste feto de Rodes nõ he necessario escprever mays do que vos tenho escprito. Mas vindo aos de italia, o que se de pois de vos ter escprito seguio he isto. A armada que el-Rey dõ fernando de napole fez por mar cõ ajuda que lhe deu o papa e collegio perdizimos de crerezia do Riame e 18:000 ducados em dn.º. E floreça e millam e outras potençias de italia as taxas postas pelo papa a cada huu, asi que comtãdo o que todos lhe dão achamos que haveria já çem mil ducados aalem das dez naaos que vierã de çeçilia armadas e pagadas atáa o presente, não fez proveito algum pellos tpos serem cõntrairos, E por que a gemte he muu mal pagada. Pollo qual a dita armada mygoa cada dia. Asi que homde se esperava como vos escprevi q a armada per mar tivesse o porto, e cõbatesse por sua parte, quando ho exercito por terra chegasse, segudo era acordado. Os navios do turco vem a Otrõto, cid.ᵉ que he tomada, e trazem artilharia e todo bastimt.º q lhe cumpre, E he o papa çerto que entrárão, poucos dias ha, 24 vellas nella. Vossa Senhoria veja se o pode bem bastecer e afortelezar. Outrosi o eixerçito per terra atáa agora nõ fez nada. antes receberã danos dos turcos, quehonde a a primeira erã poucos segudo per m.ᵃˢ cartas verieis, agora sam muitos, e ham lhe tamanho medo os nossos que os não ousam de os cometer, que dize que são muy estranhos homes de guerra : asi q como mingoa a frota, isso mesmo faz ho eixerçito da terra.

Os que la erã asi de pee como de cavallo foge pollo q dito he. E por que tambem sam mal pagos. Destas duas primisas tome vossa senhoria esta cõclusam, que

os turcos estãa e esperã destár a seu prazer atáa o começo do verãao, quãdo se espera por gemte grosa. O turco he já partido de costãtinople pera escutery pera dar aquelle aviamento que lhe cõpre, a armada sua q era em Rodes a vem ajuntar cõ a de otrõto. E assi ajuntará em este meio tpõ tam grãde frota per maar que outra lhe não posa resistir. ElRey nõ faz outra cousa se nã mãdar ao papa e a estas outras senhorias que lhe mãdem dinheiro, a famahe q do seu nom qr. despender nada. O filho duque de Calabria que he teudo por bom cavalleiro, esta desesperado com elle. E parece a cousa, segundo o processo, que leva, despachada, se ds (Deus) por sy o non Remedea. Ha poucos dias que lhe o papa mãdou dinheiro, e asi o collegio pera a gemte de pee dizendo elle que com 4:000 homees de pee que lhe pagassem cõ os que elle ja tinha por dous meses, esperava acabar seu feito. O dn.º pera os quaes lhe foy dado. Agora mãda pedir que lhe dem 8:000 o papa, e milão e floreça pagados por trez mezes, por que os nõ pode la achar ne tem dinheiro pera elles, e que poys o Reino he da Igreja que lhe soccorra o que nõ pode per sy Remediar. Elle emquãto a gemte do turco foi pouca nõ se quis soccorrer, e todo o tpõ despemdeo em mãdar pedir dn.º de quá prallá por nõ despemder do seu, homde he çerto que tem muy grãde tesouro. Agora bem se cre ja q elle nõ pode aynda que queyra, quãto mays que parece q nõ quer. E todos ham isto por cousa de çeeo e açoute de ds. Trabalha o papa quãto pode por ajuntar e unir Italia e buscar modos e remedios. Apartou (?) elle e o collegio que estivessem n'estes feitos, e em todos outros, seis cardeaes, por que elle he ja muito fraco, dos quaees eu sou o mays pequeno. E asi estamos nestes trabalhos, todo o que nos parece

Representamos em comsistoryo aa sua samtidade. E para vos verdes Senhor q isto hé cousa de ds contra o qual não ha hi comselho nê prudencia, esta Italia he tam apassionada e posta em tâtas cobiças, enfidelidade e outros maaos vicios que nunca se pode unir atáa ora. E cada huu vemdo manifestamete sua perdiçã qr perder huu olho por seu visinho ser çego de todo. E asi ham todos emfim de ficar çegos. Nõ querẽ cõsirar em como cada huu per si nõ pode Resistir se se todos nã unirem, e nõ se ham de unir senã depois que unidos tam pouco poderem aproveitar, o que seraa sem duvida, se os turcos ali imvernão. De florẽça agora esperamos que venhão ê o que eu trabalhey tamto quãto tenho escprito a elRey. Os venezeanos ẽ nenhũa maneira querem entrar nisto, dizemdo que poys tem paz cõ o turco, nõ querem guerra, ca 19 annos lha mãtiverão e nunca nenhũu os quis ajudar senã o papa só o que pode, e que el-Rey e os outros sempre rirão d'elles e tem perdido muyto do seu senhorio, que por tamto querem ver que fazem os que d'elles se riam. E que o primçipal era el-Rey que sempre lhes foy muy cõtrairo que aymda q saybam se o turco tomar Italia não ficarem elles de fora. Pero querem ser os derradeiros. O turco non mãtẽm verdade em cousa que prometa nẽ trato que faça, poys çerto he que sem elles Italia não poderia resistir segũdo a opiniam de todos os que sabem. O ducado de milam estáa em poder de hũua molher (1) e de hũu moço de doze annos, e he em tanto trabalho que

(1) Esta carta é datada em 4 de novembro ; a 2 do mesmo mez tinha sido expulsa de Milão a duqueza. Bonne de Saboia, a quem allude o cardial.

nõ pode remedear a si nẽ a outrem aproveitar. Agora estamos em fazer taixas e buscar dn° e gemtes per todo o mũdo, mas a my pareçe que começamos tarde, se ds por si nom toma cuydado desta fazẽdo comodicto he. De Roma a 4 de nv.° de 1480. Jorge Cardeal.»

Razão tinha D. Jorge da Costa para remetter a salvação e «fazenda de Italia aos cuidados de Deus». O terror na Europa era grandissimo, quando a armada ottomana ganhou de assalto Otranto, em 21 de agosto de 1480; mas as forças do papa e as do rei de Napoles vingaram afugentar o turco e retomar a praça. Mahomet II morreu em julho do seguinte anno. Seus dous filhos Bejazet II e Zizim vieram ás armas entre si, e a christandade pôde respirar e apparelhar-se para mais desafogada defeza.

Justificação de um frade

Os chronistas de D. João II, abarbados com estrondosos e sanguinarios successos, descuraram pormenores que os historiadores sobrevindos ou não investigaram, ou desanimaram de achar nas poucas e confusas tradições.

Christovão Rodrigues Acenheiro, coevo de D. João II, conta miudezas interessantes d'aquelle reinado; e posto que o snr. A. Herculano denomine *rol de mentiras* o livro de Acenheiro, bom é saber-se que Ruy de Pina e Garcia de Rezende não nos esclarecem mais do que o advogado de Evora. Nos pontos capitaes do desastroso reinado de João II conferem os tres chronistas, de modo que parecem copiar-se reciprocamente, sendo certo e sabido que Rezende trasladou com não vulgar despejo a chronica de Pina,

Lê-se attentamente Acenheiro nos capitulos que

entendem com o supplicio do duque de Bragança e a morte do de Vizeu ás mãos do filho do vencedor de Arzila. Aquella carta de fr. Paulo, confessor do duque, é commovente e transluz verdade.

A relação que o mesmo frade enviou á duqueza viuva repassam-n'a lagrimas (1). O real carrasco a quem infamissimos aduladores da corôa chamaram *Principe perfeito*, surge hediondo diante da posteridade, alçando-se por sobre a nuvem dos incensos com que thuribulos abjectos cuidaram escondel-o á execração dos vindouros. Raro ha que se canse em esgaravatar razões de estado que contrapezem a ferocidade do filho de Affonso v. A historia á volta d'elle o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns estrangulados, outros decapitados, estes mortos a punhal, aquelles a peçonha. *Oitenta!* confessou elle o numero, quando a morte lhe acenava de perto, e se lhe desabafava a consciencia supplicando ao papa contrictamente o perdão de seus peccados. (2)

Os lances capitaes de tão má alma contou-os a historia á tragedia. O theatro portuguez já se enlutou

---

(1) Está inserta no tom. 3.º das *Provas da Historia genealogica da casa real.*

(2) . . . *Orator confitetur sub colore et titulo justitio et sua iniqua suggestione, octoginta et plures decesserunt viri* . . . « . . .Confessa que sob color de titulo de justiça e por seu mau induzimento foram mortos oitenta homens. » *Súpplica que el-rei D. João II fez ao papa afim de lhe perdoar a morte do bispo de Evora* . . .

Não será prudente asseverar a genuinidade d'este documento que D. Antonio Caitano de Sousa trasladou no cartorio da casa de Bragança, onde o puzera um certo Gomes Enes de Freitas, sem dizer a procedencia. De todo ponto certo é que D. João II por si, por seus algozes e amigos fez morrer oitenta pessoas.

com os quadros de cannibalismo, trazidos á rampa e ao grande brilho dos lustres para que o povo visse justificada a razão que teve a villanagem dos chronistas de aligarem ao assassino do duque de Vizeu o antonomástico epitheto principe «perfeito».

A prisão traiçoeira de Fernando II, duque de Bragança, em Evora, executou-se em occasião que o prior-mór do Prado viera a Portugal, com embaixada de Hespanha, para desfazer as terçarias, ou refens em que estavam o principe D. Affonso, filho de D. João II, e a princeza D. Joanna de Castella.

O embaixador de Hespanha, confessor dos seus reis, e geral dos Jeronymos, chamava-se Fr. Hernando de Talavera. (1)

Bem que a suspeita de ter sido elle o falsario preparador da prisão do duque não transluza dos escriptores coevos, disse-se áquelle tempo que o prior desfizera ardilosamente os receios que o de Bragança mostrava em concorrer a Evora, onde se festejava a troca dos infantes e o accordo do casamento. Agravaram-se as desconfianças indecorosas ao embaixador de Hespanha, quando D. João II presenteou Fr. Hernando de Talavera com uma esplendida baixella de prata, que o frade enthesourou na sua pomposa cella conventual.

Injusta deshonra assacaram os maldizentes ao innocente prior do Prado. A sua defeza ressae indubitavel da seguinte carta que elle remetteu ao rei de Por-

---

(1) Não se encontra em algum dos historiadores portuguezes o nome d'este importantissimo frade. Soccorremo-nos da *História general de España* de Marianna, que nos esclarece, na P. 2.ª, pag. 364, ediç. de 1669.

tugal, e o snr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz copiou de um códice da bibliotheca real de Paris :

«Muy excelente primcipe, e muy esclarecido Rey e Sñor.

«Antam Gllz vosso cõtador veio aqui e me trouxe muita e muy booa prata de que vossa Real manificençia, me quiz fazer mercê, e prouveme muito que vossa Alteza a enviasse por que desejo eu muito que luzam e resprãdeçam as excelençias e vertudes dos primçepes que sam postos sobre os povos como em tochas sobre camdieiros para que alumiem a todos, em as quaes nõ sam pequenas a manificençia e liberallidade, porque aynda que sejam menores que as vertudes teologaaes, que sam fé, esperãça e caridade, e menores que a prudencia, e a justiça, e ainda que a fortaleza e temperança que sam primcipaes entre as moraaes, pero nisto tem grãde viguor e força a liberalidade e a manificençia, como dizem os Sabios que fazem os primçepes mais queridos e mais craros, pareçe isto craramente no primçipe dos primçepes, e Rey dos Reyes ds nosso Sñor. que aynda q he jnfimdamete sabio, jnfindamete justo, e jnfindamete poderoso, pero mais o amamos, e louvamos por bom, e por misericordioso que he ser largo e dadivoso, emtanto he jsto verdade que soo o dar tem assi apropiado o ser e nome da bondade, caução segudo eu cuydo que as outras virtudes tem em sy, hua como obrigação que queira ou nã queira as hadaver, e usar o primçipe, e que quizer, a qual nõ tem a manificencia e a frãqueza ao menos asi estreita e necessarea. Mas algua mayor liberdade, domde a lingoa latina lhes deu nome de liberalidade assi que he neces-

sario, e pareçe mui bem que o prinçipe seja catollico, e devoto, e q comfiamdo da graça de nosso Sñor cujas vezes tem, e de suas obras justas, e meritoryas, tenha esperãça çerta de alcançar a gloria do ceo. E que para a cõsseguir ame a nosso Senhor, e a seu proximo como assi mesmo, que são obras de caridade, e q seja prudente, e sabio para discernir o justo do jnjusto, e o maão do bõo, justo, e costante para dar a cada hun seu direito forte, e animoso para q por nehu temor deixe de fazello, temperado em seu comer, e beber em seu vestir, e trazer, e majs em os autos do matrimonio, mãsueto doçe, e benino, e majs clemete que severo, agradeçido a ds, e a gemte, e cõmpridamete verdadeiro. Mas o q principalmete o esclareçe, o doura, e o guarneçe e o faz querido, e amado he a frãqueza, e a misericordia. Pollo qual se jntitula ds nosso Sñor padre de misericordias, e ds de toda comsollaçam, e ajnda sua benta madre a virgem nossa Snorã de nenhua vertude se jntitula madre ou Rainha salvo de graça, e mesericordia q a faz frãca, e dadivosa, ajmda q teve, e tem todallas vertudes em cõprida perfeiçam. Pois como eu muy excellente Sñor tenha muito desejo de nosso verdadeiro serviço ouve muyto prazer q ca, e nesta maneira lozise vossa manifiçençia mas he verdade q ajnda q eu tenho em mujto preço ser de vossa alteza amado, e querido, por q sendo o lhe seria majs grato, e majs açepto meu serviço, e sey q creçe o amor co beneficio. Mas com tudo jsso fis quãto pude por nã no Receber, por q disse a verdade q he, *beaticis dare quã açipere.* Asi q estimo, e quero dar mays serviço q Receber merçe nê beneficio, e por q ajnda q aquello fosse dadiva deçerto segudo Real manifiçençia pareçia-me exceder a minha Religiosa proveza, e por q saiba vossa alteza que so-

obe a tamto a maliçia humana, q ouve quem usasse cuydar, cá ou lá, q eu dey alguña ocasiam aaprisam do duque, ho maliçia tam sobeja que tal ouza cuydar, nem ha hi milhor testimunha depois de ds que vossa Real excellençia, q aquisto he muy grãde falsidade asi q por nã criar esta tam maliçiosa sospeita, em alguñs maliçiosos ou fracos corações, ajuda me escusava deo tomar. Mas como què avia vomtade q sua merçe ouvesse efecto soube vossa Real prudençia cõ quem a enviava que me Repricou a tudo jsto antã gttz çerto bem discretamente, dizendo-me ao primeiro q cõ os Reys nõ ha lugar aquillo por q sam deuses na terra. E co verdadeiro, e soberano ds he milhor Receber q servir, aynda q vestido de nossa humanidade para nos dar exempro de humildade, quis majs servir q ser servido. E dizedome ao segudo, q vossa alteza sabia que elRei, e a Rainha meus senhores queriam q eu fosse promovido a Reçever huñ bispado, e q por jso me provia pera emtam desta hõrrada baixella, e q se agora ne amtã no quizesse usar della me dava liçeça, e ho avia por bem q a desse em esmola ao meu moesteiro ou aquem amj majs prouvesse, ao terceiro me disse q sse aquillo passou pollo pesamento a qualqr maliçioso ao tempo da prisam, polla maneira muj juridica e muy pubrica, q vossa alteza tivera no proceso q cõtra o duque se fez. Vi q me repricava sagesmente mas nem por jso me pode vemcer, pollo qual elle ouve daver recurso a a Rainha minha Snõra queixãdosse de my a sua alteza, E dizendo que em alguna maneyra jsto Redundava em mingõa da vossa, Sua alteza por cõprazer a vossa Real Senhoria me mãdou que ho Reçebesse e assi ouve de ficar comigo, beijo vossas Reaães maãos pollo manifico beneficio. Pois peçolhe muj Omilmete q se lembre que

alguãs vezes disse a vossa alteza, e aos seus, q amy nõ eram devidas graças nẽ merçes de cousa que eu la a seu cõtemtameto fezesse nesta deliberaçã das terçarias por q por jsso o fazia por q me era asi mãdado ou por q saiba certo q el-Rei, e aa Rainha meus senhores prazeria, e q assi por jsto, como por q eu nõ tenho neçesidade nehunã, lhe pedia q se algua merçe me queria ou cujdava que me devesse fazer fosse esta, Que servisse mujto a ds sendo muy bom Rey, e fosse muy bõo amigo, e muy parete daquestes meus senhores que tam boõs lho sam, e agora lhe peço jsto mesmo, em o do duque q antã gttz me fallou, eu lhe disse o q a vossa alteza diraa. O qual nosso Señor cõserve, e todos tempos prospere para seu muy grã serviço, ame.»

Está justificado fr. Hernando de Talavera, que poucos annos depois, mercê da sua austera independencia de favores e de reis, morreu arcebispo de Granada, e odiado dos parentes do duque de Bragança que o suspeitaram sempre cooperador de D. João II tão perfeito algoz quanto perfeito príncipe.

Um viajante no Minho em 1785

PREAMBULO

É viagem digna do preambulo de melhor editor, e mais eu não sei quem foi o viajante. Homem de letras e de illustrissima prosapia era. Isso verá o leitor. Os conventos do Minho eram as suas estalagens. Refazia o corpo no refeitorio e o espirito nas bibliothecas benedictinas. Viajava no Minho como já hoje ninguem póde viajar. As estradas não valem os mosteiros da congregação de S. Bento. Hoje anda-se; n'aquelle tempo andava-se, comia-se, lia-se nas livrarias e sobejava tempo de escrever as impressões de viagem. Os viajantes de agora, se revezam o prazer de percorrerem alguns kilometros de bom caminho com os tedios e depredações das estalagens, recolhem-se ás suas almejadas vivendas tão botos de entendimento que não ha tirar-lhes

mais trabalho litterario que a sobreposição columnar das addições que representam as unidades, dezenas, centenas, milhares e dezenas de milhares refundidas em bifes de cebolada, em frigideiras de Braga, em pasteis de Guimarães, em tudo quanto se livrou de pagar o auctor da seguinte viagem, cujo editor sou.

Não acho termo ajustado ao merecimento d'este sujeito, que solapou sua gloria no anonymo manuscripto. Que desprendimento! Que sonegação de talentos que podiam colher juro grande dos louvores da posteridade!

Segue a noticia de como ha oitenta e um annos se viajava n'este jardim de Portugal.

C. Castello Branco.

LEMBRANÇA DO QUE VI E PASSEI NA JORNADA QUE FIZ AO MINHO NO ANNO DE 1785

I

Sahi de Tondela a 16 de outubro de 1785, pelas 9 horas da manhã, com bom tempo, e cheguei a Villar pelas 10. N'esta terra se póde dizer acaba o formoso e aprazivel vale de Besteiros. Aqui se fez encontrado commigo Fructuoso Entalhador, que me fez muito boa companhia e me entreteve todo este dia, contando-me os melhores riscos de tribunaes do reino, que, diz, vira quasi todos.

Depois de passar por Boaldeia, não mau lugar e muito bom paiz, fui jantar a Basconha debaixo de um

grande parreiral, onde se ajuntaram mais de quarenta pessoas a vêr-me comer ; e posto que eu levava — que o bom velho Antonio Francisco me offereceu — carne de porco e tudo o que tinha em casa, acceitei-lhe só vinho e uma grande brôa para a besta, pelo que não quiz levar dinheiro, o que me obrigou, pois que não tinha conhecimento algum com elle. (1) Fiquei demasiadamente agradado da gente d'este povo, que me pareceu a mais innocente e sincera do reino.

Acabando de jantar, continuei a minha jornada por Queiran (?) abbadia, muito bom paiz similhante ao do Minho, e por Figueiredo das Donas, que me não pareceu tão antigo e magnífico como tinha ouvido. Ao noroeste estão as casas da commenda de Ansemil, que vi em distancia e que se me representaram ser grandiosas. Ao descer para Figueiredo está uma ladeira de caminho o peor que se póde imaginar.

Por estrada não muito boa cheguei a S. Pedro do Sul, cuja terra faz muito boa vista de longe, e principalmente a costa do monte em que está situada pelas grandes casas de quinta que tem. Todo o paiz, antes de chegar a S. Pedro, é muito desagradavel. A unica boa cousa que tem é todo o terreno que vai d'esta terra até ao Banho. A villa compõe-se de uma rua, que não é má e tem muitos mercadores. Aformoseiam-n'a muito as magnificas casas de Diogo Francisco e do Barão. Tam bem lhe serve de grande ornato e utilidade os dous rios Sul e Vouga, que correm perto, cada um com sua ponte. Junto ao Sul fica uma grande quinta do Barão, magni-

---

(1) Vê-se que o auctor tinha em vista immortalisar Antonio Francisco. Vingou o intento.

Nota do editor.

ficamente murada, com uma grande regada, onde levam por noras agua do mesmo rio. Mais abaixo está tambem outra fazenda de José Cardoso, com um bom engenho de agua, que o mesmo rio faz subir; e mais abaixo fica outra quinta de Alexandre da Cunha, onde está o celebre, famoso e custoso engenho ou machina em que gastou mais de doze mil cruzados, porém que não lança a metade da agua do de Cardoso, que lhe custaria apenas réis 300$000. Ainda que Alexandre da Cunha me fez os mais apertados offerecimentos para ficar em sua casa, não acceitei e fui dormir á estalagem do frade ou de Maria de Sousa, muito enraivada patrôa. Aqui encontrei José Vaz Pereira Pinto Guedes, estudante de Coimbra muito afidalgado, mas soffrivel e divertido moço.

17

Levantei-me pelas 5 horas e meia e parti na companhia do mencionado estudante para a villa do Banho, que é terra pequena, mas nas casas mostra bastante antiguidade. Vi as enfermarias e banhos, que estão soffrivelmente dispostos e aceiados. A grande quantidade de agua quente, que lançam as vertentes, foi o que mais me admirou: talvez que possam, bem á vontade, fazer moer dous moinhos. Tambem me causou sua novidade vêr que toda a gente do povo ou villa se serve d'esta agua quente para fazer o comer, não obstante o mau cheiro do enxofre, que dizem não se communica ao comer. Junto d'estes banhos passa o Vouga, que tem aqui sua ponte muito antiga.

Voltei para S. Pedro, onde vi o mercado que aqui

se faz todos os mezes, junto á ponte em muito mau sitio, ladeirento e sem sombras.

Depois de jantar na mesma estalagem onde dormi parti para o Crasto, que fazem tres leguas de soffrivel caminho, excepto ao sahir de S. Pedro, que é muito mau e sempre a subir, e ao descer para o Crasto, que se não póde explicar quanto é ingreme e trabalhoso. No caminho encontrei alguns rusticos de Alva que vinham da feira e me divertiram bastante com as suas simplicidades.

Uma legua distante de S. Pedro fica Villa-maior, abbadia rica, cujo abbade, com quem fallei, me offereceu com grandes instancias o seu verde e a sua casa, que não aceitei.

Ao sahir d'esta villa fica uma serra, onde todos disseram havia immensidade de lobos, por cujo motivo um homem só ou dous não podiam andar por alli de noute. Tambem me contaram todos os que me acompanhavam que anno passado appareceram alli tres bichos, quasi do tamanho e feitio de raposas que mataram immensidade de vaccas e carneiros, pois que bastava darem uma mordedela em qualquer animal para morrer sem remedio. Todos os povos vizinhos se ajuntaram a fazer-lhes montaria, e com effeito conseguiram matar dous e o outro nunca mais appareceu.

Cheguei ao Crasto ainda com sol. N'esse mesmo dia tinha partido o snr. bispo para Lamego. Sua irmã e cunhada me hospedaram com o maior carinho e benignidade Logo que fizemos os cumprimentos, fomos todos tres á quinta, que tem obras magnificas, se bem que mal empregadas. As casas estão tambem com a maior grandeza e todas acabadas. A capella tem já as paredes quasi de todo concluidas, e as escadas, e fonte

que fez no meio d'ellas ; talvez seja uma das cousas mais dignas de se vêr no reino.

18

Parti para Alvarenga, depois de bem almoçar. Logo ao sahir do Crasto começou a chover, por cujo motivo, e por não saber o caminho busquei um homem para m'o ensinar, que me fez muito boa companhia. Todo caminho é pessimo, principalmente a serra de Cabril, que me custou infinito a passar com uma grande trovoada que n'ella me deu, se bem que não trovejava. Duas leguas distante do Crasto está a igreja da Ermida, a mais antiga que talvez tenha o reino. No frontispicio por cima da porta principal tem a cruz dos Templarios, que por este signal e por outros parece sem duvida do tempo d'elles. Ainda se conserva um lanço da claustra dos mesmos. Esta igreja vi, com o maior escandalo, cheia de espigas de milho, carradas de telha, paus cortados e outros similhantes entulhos ; emfim com a mór indecencia, não obstante estar n'ella o Santíssimo.

Em Villa Sêcca, primeira povoação de Alvarenga, me offereceu um lavrador do seu vinho verde, que acceitei e de que gritei pelo não ter bebido há mais tempo. Cheguei finalmente a Alvarenga já de noite e fui pousar a casa do padre Bernardo, que me recebeu e toda sua familia com o maior alvoroço.

19

Fui de manhã á igreja, que está em miseravel estado. No corpo d'ella tem quatro moimentos : um pertence á casa dos Montenegros ; outro á casa dos Ca-

saes e de Tondela : dos mais não se sabe. Vi algumas fazendas minhas que não estão mal cultivadas, mas que andam arrendadas quasi de graça.

20

Fui visitar Manoel de Vasconcellos, que tem junto onde mora uma magnifica quinta. Fallou-me sua mulher, a mais feia senhora que tenho visto. (1)

Ao recolher-me para casa me disse Manoel Soares, velho de mais de 90 annos, que os seus e nossos Soares era fama constante e geral procediam de Lopo Soares de Alvarenga, cujos papeis e outros documentos tivera meu terceiro avô o snr. Manoel Soares Mendes, que lhe furtara um Mendonça uma vez que elle foi a Tondela, onde morrera, e pelos quaes alcançou o fôro e mercês de el-rei. Tambem me disse que os Soares da Lixa, de onde vem Christovão Soares, bispo de Pinhel, procedem d'aqui.

De tarde fui vêr a ponte altissima que o snr. bispo de Lamego mandou fazer sobre o Tamega, por cujo beneficio geralmente é acclamado de todo o povo. No caminho junto do mesmo Tamega está a nossa quinta de Soutêlo, capaz de receber grandes beneficios pela grandeza que tem, e naturalidade do vinho e azeite.

---

(1) Se um viajante de hoje em dia, a *palpitar da actualidade*, diria isto de uma senhora, ainda que ella fôsse mais feia do que a esposa do snr. Manoel de Vasconcellos! . . .

21

Parti de Alvarenga pela manhã, e sabendo que em Nespereira, meia legua distante, estava o abbade de Pendurada, fui-o visitar nas casas do recibo que ahi tem o mosteiro, mas muito más. Por serra e mau caminho vim passar o Douro a Fontelas, que dista duas grandes leguas de Alvarenga. Cheguei emfim a Pendurada, e depois de merendar do que tinha necessidade, fui á igreja, que está formosissima e bem acabada em tudo. Passei á cella do recebedor, onde achei varios prasos antigos soltos pelo chão com perigo evidente de se perderem. No mesmo se acham tambem varios prasos de 1400, que carecem de melhor arrecadação.

22

Vi a livraria antiga, que estava na casa mais immunda que imaginar se póde, cheia de teias de aranha e — o que é mais — de bacalhau, uvas, maçãs, etc.

Ainda que por causa da porcaria poucos livros pude vêr, pareceu-me que os não tinha de supposição nem manuscriptos de estimação. Topei com um «Commentarium in Trinitatem» de frei Leão, que merece alguma estima, e ainda maior uma soffrivel traducção do «Concilio de Trento», que não tem nome de traductor nem éra, mas parece que foi escripto ha mais de cem annos. Contaram-me que, querendo uma vez uns seculares vêr esta livraria, responderam-lhe que não apparecia a chave por estar fóra o hortelão, que a tinha! A nova casa na livraria tem já as estantes acabadas, e ficaram boas e com muita luz. Todo este mosteiro é hoje bom e nada lhe falta para estarem n'elle até de-

zenove religiosos, para o que tem todas as officinas necessarias. Não tem hoje necessidade de mais obras, e só se deve cuidar na cêrca e principalmente nas oliveiras, que estão perdidas, e plantarem mais. De tarde fui a Lama. No caminho junto a um cruzeiro, que fica ao sahir do terreiro do convento, se vê uma sepultura antiga, em cuja campa está esculpida uma espada e na cabeceira uma cruz que me pareceu de Aviz. Á direita fica o monte Arados, onde se vêem alguns vestigios de fortalezas e casas antigas. Tambem lá se vê uma cova ou porta d'ella, onde dizem estivera um fulano da familia dos Montenegros, fugido ou escondido por causa da justiça, e de quem contam muitas patranhas. Á noite chegou o abbade, que me tratou com toda a cortezia, apesar de ter fama de miseravel. A maior parte ou quasi todos os frades não estão muito satisfeitos d'elle, e quasi todos estão velhos e estropiados. Nenhum d'elles tinha um só livro que prestasse, nem pintura alguma, excepto frei Caitano, que conserva algumas soffriveis, mas não m'as quiz vender. Emquanto estive n'esta casa fez sempre demasiado vento.

23

Depois de jantar sahi de Pendurada em direitura a Paço de Sousa, onde cheguei pelas 4 horas, tendo sahido pelas 12. O caminho é muito mau, incomparavelmente porém melhor que os immediatos. Achei as portas todas fechadas com a maior cautela, pelo motivo, me disseram, da inquietação dos coristas. Tomadas as bençãos do costume, fui á livraria, que achei sem ordem alguma ; metade dos livros estavam pelo chão e muitos abertos por cima das mesas. Parece-me que ti-

nha poucos livros antigos de consideração e não muitos modernos. A casa estava immunda, forrada de teias de aranha. Lembrei ao abbade tamanhos descuidos e fiquei com o reverendo Dôres de principial-a logo a pôl-a em ordem, para o que lhe dei as instrucções necessárias, promettendo-me elle de logo cuidar n'isso. Passei á botica que está aceada e tem junto um bonito horto-botanico com agua, obra de frei Joaquim, actual boticario. A igreja é das mais ou a mais antiga da ordem no reino : tem naves cuja architectura mostra a sua antiguidade. No seu corpo para a parte da epistola está esculpida em relevo a jornada que se diz fizera Egas Moniz para livrar seu rei D. Affonso Henriques do feudo de Castella — o que é uma prova incontestavel d'este facto. (1) A capella-mór acaba de fazer-se e fica boa, e agora tem este mosteiro igreja decentíssima. Junto do terreiro está uma antiquíssima fonte, que dizem ser obra do tempo de Egas Moniz ou a mesma de que elle se servia. O cartorio não tem ordem e me pareceu que tinha muito bons manuscriptos. O recibo é soffrivel como tambem o refeitorio, mas nem o edificio do mosteiro nem a sua situação é muito agradavel.

---

(1) A legenda não diz que tal designio levasse a Toledo Egas Moniz. A esculptura tumular do aio de Affonso Henriques não provava o bastante para que Duarte Nunes de Leão se não risse da invenção ou imitação com que os legendarios trouxeram para Portugal o caso de Pero Ansures, aio de D. Urraca.

Nota do editor.

24

Depois de jantar (1) parti de Paço de Sousa pelo caminho de Penafiel, que me não pareceu má terra. Cheguei pelas 4 horas a Bustêlo, pequeno mas muito bonito mosteiro. Fui á livraria, que com effeito tem os livros nas estantes e com sua arrumação, se bem que muito má, ainda que o bibliothecario disse que tinha cuidado n'isto. No pouco tempo que tive para vêr, achei alguns livros portuguezes de primeira raridade, e não poucos, um dos quaes era : « Livro insigne das flôres e perfeições das vidas dos gloriosos santos do velho e novo testamento por Marcos Marulo, traduzidos por frei Marcos de Lisboa, 1579 » — livro que ainda não tinha visto. Tambem na mesma está manuscripta a historia da fundação do mosteiro de S. Bento de Lisboa e alguns casos succedidos n'este tempo, tudo com muita digestão e clareza, composta por frei Christovão de Almeida em 1678, obra digna de copiar-se e ajuntar-se aos MMSS. do mosteiro de Lisboa.

No caminho, distante meia legua de Paço de Sousa, passei por Corechas, onde vi o solar dos Brandões, que mostra bastante antiguidade. Ao pé tem uma magnifica quinta. Tudo isto pertence hoje a Carlos Alvo, do Porto.

A cella dos abbades está soffrivel, porém disforme a porta principal d'ella. O côro, igreja e mais officinas são excellentes, principalmente as duas primeiras. Tem tambem um optimo mirante feito ha pouco.

---

(1) Elle nunca partia senão depois de comer.

Nota do editor.

25

Sahi de Bustêlo pelas 7 horas e cheguei a Travanca pelas 10, sem novidade no caminho, que não é mau. Todos os collegiaes e mais padres d'esta casa me pareceram excellentes e me obsequiaram muito. Passei á livraria, que não achei tão boa como suppunha; e, posto que tenha maior numero de livros que a de Bustêlo, não os tem certamente tão bons e tão raros. Vi e examinei os manuscriptos de frei Alexandre da Paixão, que vão apontados n'outra folha. A historia do que succedeu a Affonso VI deve-se copiar e remetter para a livraria de Lisboa. Tambem tem muitos sermões de frei Jorge de Carvalho. A casa da livraria é soffrivel e estanteada de novo. A igreja, refeitorio e cozinha é tudo mau. Aqui me contaram o que não pude acreditar, mas parece-me que é certo e já publico não só n'este mosteiro . . . (1)

26

Parti d'aqui pelas 6 horas e cheguei a Pombeiro pelas 2, por bom caminho. Meia legua distante de Travanca, está á esquerda em pequena elevação uma torre, que parece ser antiquissima e inhabitada. Pombeiro fica n'uma grande baixa. Tem um bello terreiro bordado de assentos pelo lado do sul.

Mal cumprimentei o abbade, fui á livraria, que

(1) As reticencias, a meu vêr, encobrem a indignação do viajante contra um mosteiro benedictino que tinha mau refeitorio e má cozinha. Em tal caso, os crimes deviam exceder o espanto d'este sujeito.

achei composta do modo que sabiam. É maior que a de Bustêlo e Travanca, mas sem livros de consideração. Vi n'ella os manuscriptos apontados n'outra lembrança. A igreja é magnifica e no ultimo aceio, quasi toda pintada, porém os ataques não promettem muita duração. Logo abaixo da capella-mór está a sepultura de Manoel de Faria e Sousa, sobre a qual puzeram modernamente um muito mau e pedantesco epitaphio.

A sacristia é boa e soffrivel o refeitorio. Jantando eu n'elle, presenciei com bastante afflicção que os cinco reverendos que lá estavam nem uma palavra deram uns aos outros e sempre estiveram em profunda melancolia.

Sahi logo depois de jantar d'este mosteiro em direitura a Guimarães, onde cheguei pelas 3 e meia, pelo caminho da Cruz da Argola ; porque me diziam que na serra de Santa Catharina andavam ladrões. Estimei achar logo ao sahir de casa um irmão frade Bernardo, frei Paulo de S. Mauro, da casa de Juste, porque me fez optima companhia. D'este caminho para a parte direita se vêem as quintas ou solares de Sergude e Simães, que ficam distantes pouco mais de uma legua.

Logo que me apeei em Guimarães, não obstante ir um pouco molhado, fui vêr a villa, que não é má, e principalmente o Campo dos Touros e praça. A igreja de Nossa Senhora de Oliveira é antiquissima, e ainda mais o arco superior, no meio do qual está o oculo do côro. O resto é escuro. Tem muitos jazigos particulares tanto dentro da igreja em capellas como nas claustras. No terreiro defronte da porta principal está a famosa oliveira, que tem cercada com um muro alto para se poder conservar.

27

Parti de Guimarães para Braga pelas 6 horas por muito bom caminho, excepto a subida da serra da Falperra, que é muito má. Cheguei ás 10 e fui jantar a uma muito má estalagem. Vi a sé, que está ornadissima e é muito boa, porém não é de maior antiguidade, afóra um arco que tem no frontispicio, que parece do principio do reino. O palacio dos arcebispos é bom ; e tem muitissimas e aceadas igrejas. O todo da cidade é magnificente, e a primeira do reino pela sua situação, praças e arrabaldes que a cercam. Depois de jantar fui ao Bom-Jesus, que me tornou a parecer o mais bello sitio que se possa imaginar, seja pelas compridas e magnificas escadarias, engraçadas capellas, immensos e infinitos arvoredos que as bordam ; ou pela aprazivel vista que d'alli se descobre ; accrescendo multiplicadas fontes, que seguem sempre as escadas e brotam em todas as capellas. A principal capella d'esta romagem anda-se fazendo e apenas sobe dos alicerces. Este santuario dista meia pequena legua de Braga por bom caminho. Visitei tambem o nosso hospicio, onde os procuradores estão optimamente accommodados. Quando eu aqui estava, chegou o primeiro procurador muito doente.

Pelas 5 e meia parti d'aqui para Tibães, onde cheguei á noitinha. Fez-me novidade dizerem-me que era preciso dar primeiro parte da minha chegada — o que se fez. Recebeu-me com muito agrado o reverendissimo frei Bento.

28

Depois de missa fui á livraria. que está arrumada pelo reverendissimo Serafins em muito má ordem, mas

tem já seu index, posto que tambem muito mau. Pareceu-me que constaria de 7 a 8:000 volumes. Tem bastante direito canonico, muitos SS. PP. e um grande número de bons auctores modernos. O comprimento da livraria é de 43 pés e largura 29. Parece-me que não tinha manuscriptos de consideração nas gavetas. Os das estantes vão lembrados n'outra folha. Vi a cella dos geraes, talvez a melhor, mais magestosa, commoda e ornada que tenha prelado algum. As pinturas são soffriveis e melhores as dos philosophos, se bem que a de Platão está muito rota. A casa do capitulo ficará optima. Fallei com o mestre dos noviços, cuja figura e sentimentos achei ainda em grau mais subido do que me tinham dito.

Parti de Tibães pelas 10 horas e cheguei a Barcellos pelas 4, depois de vêr Villar de Frades, grande convento, mas pouco aceado e velho. Gostei da igreja, que reputo do tempo de D. João III. Quiz vêr a livraria, mas disseram-me que a não havia, conservando os poucos livros que tem n'uma cella, sem ordem nenhuma. A situação d'esta casa, banhada pelo rio Cavado, é boa. Junto d'este mesmo rio fica Barcellos, terra não pequena, bem situada e alegre. A collegiada terá 300 annos de antiguidade e não tem cousa notavel. Defronte fica a casa da camara, antiga e boa, assim como a misericordia. A ponte é grande, ao cabo da qual está um antigo e grande torreão, por baixo do qual é necessario passar para entrar na villa, que immediatamente principia. Este torreão é parte do palácio dos antigos condes de Barcellos, que só conserva as paredes e alguns obeliscos e pyramides sobre as mesmas. O Campo das Cruzes é formoso, e mais bello o faz uma grande fonte, que lhe fazem agora com muitos assentos parallelos á

mesma. Tambem o adornam muito o convento dos Capuchos, igreja das Terceiras, freiras bentas. A capella do Senhor fica a um lado, porém mais para o meio que os outros edificios. Busquei e mais dous rapazes, a quem paguei, as celebres cruzes, que me disseram ainda se viam havia dous dias, mas nada pude divisar. Vi as casas que aqui teem os Azevedos, que mostram serem feitas em 1400. A noite a passei em casa do mestre-escola, que está de cama e com poucas esperanças de se tornar a erguer. Aqui me veio vêr o prior, que toda a noite me entreteve comsigo e com as fidalguias e sapiencias de seus irmãos.

30

Parti de Barcellos pelas 9 e meia e cheguei a Santo Thyrso ás 3 e meia. No caminho, que é excellente, encontrei o cunhado do abbade de Vermuin, que m'o ensinou e fez boa companhia. No meio d'este fica Farelães, que está renovado, e mostra grandeza e antiguidade. Ao entrar no mosteiro encontrei o coristado com alguns padres, iam fazer um magusto á Batalha, e porque me pediram os acompanhasse, lá fui depois ter com frei Thomé. Esta quinta está de todo destruida. Quando me recolhi é que vi o abbade, que tinha sahido fóra e que me recebeu com a sua costumada sinceridade.

31

Fui ao coristado, que está bonito com a reforma que se lhe fez. Na botica não ha nada de novo. A igreja não ficou má com as grades, que sem razão alguns criminam. A livraria tem bastantes livros portuguezes

raros e muito boas obras modernas. A casa é optima e muito accada, porém tem o grande defeito de alta. Não tem ainda index algum. Foi preciso que o bibliothecario me dissesse que a tinha arranjado, porque de outra maneira não o podia conhecer ; não sendo facil de presumir que uma livraria onde está a *Europa* do Faria n'uma estante e a *Asia* n'outra, esteja posta em ordem. Tem já bastantes livros, e commodos para outros tantos. O seu comprimento é de 63 pés ; largura 29. O novo capitulo fica bonito. N'este dia fui ás matinas dos santos, que se cantaram muito desengraçadamente, porque o abbade, que tem grandes presumpções de cantor, atrapalha tudo.

1 DE NOVEMBRO

Parti para o Porto pelas 10 e meia, onde cheguei á noutinha por soffrivel caminho. Procurei o visitador presidente, que me encheu de cortezias. O abbade, que não estava em casa, logo que veio me buscou e me tratou com as maiores civilidades, fazendo-me sempre cear na sua cella, etc. O procurador geral tambem me obsequiou o mais que podia ser.

2

Fui á livraria. A casa não é má, mas tem poucos livros ; e não vi n'ella manuscripto algum. Fui ao officio dos defuntos ; e, depois de jantar, passear a Miragaya, que tem o defeito de ter más casas. O caes é baixo e está em parte muito arruinado, não havendo em todo elle cousa que respire grandeza. A rua nova de S. João tem muitas casas feitas e ficará magnifica de-

pois de acabada. A das Flôres é a principal, mas não tem boas casas, nem direitura.

3

Parti do Porto pelas 6 horas. É perigosa a passagem do Douro vazando a maré : pouco faltou para eu ir dar sobre uma amarra. O caminho para o couto é bom (1) e de quasi todo elle se avista o mar. Cheguei aqui á 1 hora. Este mosteiro é muito pequeno e não tem nada de bom senão a vista, que é larga e aprazivel principalmente a quem vai até Santa Luzia, d'onde é admiravel. Comtudo este mosteiro é mimoso de carnes, fructas, etc. A casa da livraria é pequena e não lhe cabem os livros, que não são de todo maus e ainda alguns raros. Vi só n'ella um manuscripto, de que faço menção n'outro lugar.

4

A rogos do reverendissimo demorei-me aqui este dia, e com elle fui passear a Santa Luzia e ao rio Hull, que passa junto ao mosteiro e vai acabar na ria de Aveiro. Jantei sempre com o reverendissimo, que me fez os maiores obsequios. Padre algum me cumprimentou, excepto o vigario grande prior e recebedor ; porque todos fugiam de mim. N'este dia me deu o reverendissimo uma medalha de ouro de el-rei S. Sancho I.

---

(1) Allude ao Couto de Cucujães.

5

Parti de madrugada para Aveiro, onde cheguei pela 1 e meia. São cinco leguas do melhor caminho que se póde desejar. Passa-se por Salreu, etc., e Angeja, onde o marquez tem palacio antigo com suas armas. Aveiro é optimamente situada. Póde-se dizer que fica no meio de um campo, porém tem más casas, e muitas arruinadas e cahidas. A convivencia é boa e em mais de quatro casas se ajuntam as senhoras. Rodam n'ella onze seges. A misericordia é hoje a igreja que serve de sé. Nada tem de consideração mais que uma imagem do Senhor Ecce Homo, que na verdade é admiravel, e que dizem viera de Inglaterra no princípio do scisma. A freguezia de S. Miguel é antiga e tem duas ou tres capellas particulares. A de Jesus é pequena, mas toda cheia de ouro. No côro de baixo está depositado o corpo de Santa Joanna dentro de um caixão de marmore com embutidos vermelhos.

O caes é agora de todo novo e regularissimo, e talvez o mais bello do mundo. Tem um quarto de legua de comprido, com largura proporcionada. As contínuas doenças e mortes da terra a fazem justamente desagradavel, sendo, se isto não fôsse, a mais commoda, divertida e aprazível do reino.

6

Depois de jantar sahi de Aveiro por muito bem caminho, até ao Sardão, que são tres leguas.

. . . . . .

Terminou a jornada no Sardão. Seguem-se dez paginas em branco, nas quaes provavelmente o viajante projectava proseguir a sua tão noticiosa quanto lyrica descripção do Minho. Em vista do estylo feiticeiro com que o magico nos leva aos mosteiros benedictinos, quem dirá que não é para tudo uberrima e florentissima a linguagem portugueza! Antes de Almeida Garrett, custa a crêr que passasse ahi um talento de tantos folegos a viajar na sua terra!

Corridas as paginas brancas que ficaram para todo sempre invejosas das outras, segue a noticia dos manuscriptos, dos quaes não trasladarei algum, porque o não ha que mereça o trabalho de ser relembrado. Antes de melhor animo tomo a peito defender o incognito viajante da pecha de inadvertido ácerca das pinturas de Tibães. Dirão: «como ficou despercebida d'este homem, que n'outro mosteiro quiz comprar pinturas, a opulenta galeria de Tibães?» É obvia a razão. Os quadros preciosos que por ahi estão não sei onde, e em Tibães estiveram até 1833, só alli entraram em 1810, legados áquelle mosteiro por José Teixeira Barreto. Possuo a carta autographa que o geral dos benedictinos escrevia aos abbades dos outros mosteiros do norte, recommendando-lhes suffragassem a alma do bemfeitor. Traslada-se para que saibamos como a congregação reconhecida pagava com o melhor ouro dos espiritos levantados a Deus os favores que recebiam. Diz a carta:

«Muito reverendos padres dons abbades.

«*Gratia Dei cum omnibus.*

«Foi Deus servido levar da vida presente para a

« eterna a José Teixeira Barreto, que foi leigo da nossa « congregação, o qual nos seus ultimos dias nos tinha « pedido instantemente o tornassemos a admittir na « religião ; attendendo pois ás circumstancias em que « pedia esta graça, ao que a nossa santa regra recom- « menda, e ao que a nossa mesma lei determina, be- « nignamente annuimos ás suas supplicas, e houve- « mos por bem de permittir-lhe que renovasse a sua « profissão ; mas, por uma circumstancia que occorreu, « não pôde satisfazer estes seus justos e ultimos dese- « jos, e morreu sem ter entrada em a nossa congrega- « ção. Comtudo, como elle n'um testamento que fez « deixou á congregação uma selecta, abundante e rica « collecção de pinturas, dizendo a deixava agradecido « á respeitavel congregação de S. Bento, e pedindo a « todos os religiosos que em recompensa da sua lem- « brança rogassem a Deus pela sua alma : julgamos do « nosso dever participar isto mesmo a vossas paterni- « dades, para que o communiquem ás suas communi- « dades, e todos roguem a Deus pelo seu descanço, « encommendando-o nos seus sacrificios como um bem- « feitor da nossa ordem. Aqui em Tibães lhe mandaram « fazer um officio solemne, como se faz pelos nossos « religiosos quando morrem. VV. PP. farão o que a sua « caridade e piedade lhes dictarem, etc. Tibães, 12 de « novembro de 1810. Assignado o geral frei Manoel « Ignacio das Dores. »

Se tu antevisses o destino dos teus quadros, pio José Teixeira Barreto !

Divertimento das freiras de Lorvão

Ha treze annos que o snr. Alexandre Herculano, condoído da penuria das religiosas de Lorvão, sahiu a publico pintando o compungente quadro do infortunio d'aquellas senhoras. Se o eminente escriptor vingou afugentar a esqualida fome da soleira do real convento, não sabemos. Se as defraudadas reclusas morreram já todas, tambem não asseveramos. O certo é que nem seu, nem estranho pregão se levantou depois a reinvocar almas á contemplação do tristissimo espectaculo. Comparemos agora a alegria das monjas de Lorvão, ricas e moças em 1791, com as tristezas de umas famintas decrepitas que em 1855 deviam ser as folgazãs noviças de meio seculo antes.

Vejamos um dos ridentissimos brinquedos que in-

nocentemente passaram no opulento mosteiro de Lorvão no fim do seculo XVIII.

Soror Barbara Leonor era grande chazista, e possuia um predilectissimo bule que um dia se lhe quebrou. A freira chorava consternadamente sobre os cacos do seu amigo da mocidade, ao passo que as travessas noviças e professas em verdura de annos tramavam solemnisar dignamente o defunto e as lagrimas de Barbara Leonor.

D. Ignez Benedicta, religiosa das mais novas, gozava fama de superior engenho para trovas de outeiro e chacotas em prosa, assim que se lhe ageitava azo de ostentar suas prendas. Entrou-se logo a perliquiteta senhora do animo de honrar com solemnes exequias o bule, sendo ella mesma a auctora e prégadora do sermão funeral. Proposto o alvitre, estrondearam os applausos, apesar das monjas velhas que entendiam a sinceridade das lagrimas de D. Barbara Leonor.

Chegado o dia aprazado, no mez de abril de 1791, reuniram-se as jovialissimas filhas de S. Bernardo na «Enfermaria velha», onde suffragaram o bulle, e d'ahi passaram á «Assembleia das Musicas» onde a snr.ª D. Ignez Benedicta prégou d'este feitio :

Pulvis es, & in pulverem reverteris.
És pó, e em pó te has-de tornar.

«Até quando, religiosas e amadas irmãs, até quando haveis de suffocar dentro em vosso peito a dôr acerba, que vos martyrisa ? Se o motivo, que espalha a tristeza em vossos semblantes, e afoga (para assim o dizer) vossos corações em um mar de saudades, é tão poderoso, que apenas permitte, que as lagrimas asso-

mem vossos olhos, sem vos facultar o desafôgo de todo o intenso pezar, que vos atormenta ; como quereis confiar da debil eloquencia d'uma parcial das vossas penas, e unida por innumeraveis titulos ao objecto das vossas lagrimas, a triste, a fatal narração das brilhantes, mas caducas qualidades de quem faz o assumpto d'este funebre apparato, e tortuosa scena ? Ah ! as minhas lagrimas, e os vossos suspiros seriam mais fieis interpretes, do que sentem os vossos, e o meu coração. Que sinta o Mosteiro, a provincia, o reino e o mundo todo na irreparavel falta do ill.mo e exc.mo snr. D. Bule de Barros, tenente-general do chá da India, presidente dos taboleiros, e principe das chavenas de toda a casta. Este nome, só pronunciado, excita á nossa lembrança a idéa das mais gloriosas façanhas : mas a funesta queda, que o roubou ás nossas vistas, deve com mais forte desengano acabar de persuadir-nos do quanto são frageis, e caducas as coisas d'este mundo, que formadas, do pó, vem ultimamente a reduzir-se n'elle — *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

Escutae-me pois, snr.as, que se eu fôr tão feliz, que possa ter pendente de minhas palavras a vossa attenção, eu farei (sem perder de vista o nosso heroe) que seja util esta oração, com que celebramos suas ultimas e funeraes honras.

PRINCIPIO

Não foi, senhoras, no distante clima da China, ordinaria patria dos Bules, que nasceu o meu heroe ; Coimbra, esta Athenas de Portugal lhe serviu de berço, e para que nascesse logo com avultados brios, contam os historiadores, que foi brioso seu augusto proge-

nitor. Brioso este homem, que desprezou a alliança com a ill.ma Fabrica de Vandili, que o pretendeu para consorte, só achou na exc.ma snr.a D. Oleria digna esposa a seus altos merecimentos, sendo innumeravel a descendencia, que deu a todo o reino, e fóra d'elle.

Foi sempre o ill.mo snr. D. Bule de Barros (de quem choramos hoje a perda) o filho mais dilecto do seu coração, vendo-se desde sua infancia tão melindroso, como vidrento, e fazendo biquinho a tudo quanto via. Elle receou embarcal-o com os mais irmãos para a America ou expôl-o nas lojas á censura do publico ; quando porém meditava dar-lhe uma accommodação digna da sua esclarecida prosapia, achando-o um dia enfermo do estomago, e applicando-lhe o melhor chá ao mesmo tempo, que o escaldou pelo interior, esteve a pontos de o vêr acabar com uma suspensão de aguas, se lhe não valesse o especifico remedio de rêde : obra que bastou, e recommenda o sabio, e paternal Artifice.

Restabelecido o nosso heroe, eram muitas as snr.as que, captivas do seu esplendor, o desejavam possuir, e como elle era ousado agradar-lhes, não padeceu pouco seu pai para o conter nos justos limites da moderação. Pensando pois, que o socegaria, tratando de o casar nas mais ricas e distantes casas do mundo, já offerecendo-o á princeza D. Salva de prata, já á esclarecida Bendeja de cobre, já a outras muitas fidalgas. Elle, como mancebo de pouca consideração, se tinha namorado de sua prima D. Cafeteira, a que havia herdado o dote, e importante herança de seu tio Assucareiro de Barros.

Nos vos occulto, senhoras, esta ainda divertida acção do snr. D. Bule para que os pais de familia conheçam o mal que fazem em tratar com tanto melindre

aos filhos de menos annos : porém, que scena se abre a meus olhos ! Conhecida pelo grande brioso a desvantajosa alliança, abrasado em ira, manda escaldar o invencivel Bule, persuadido, que com tão atroz castigo o moveria a acceitar a serenissima esposa, que com tantas vantagens lhe propuzera ; porém foi inutil o castigo, porque a paixão por D. Cafeteira tinha chegado a ponto de fazer antes tudo em cacos, de que mudar de projecto, não deixando de formar algum objecto das suas adorações : Oh ! paixão dos mortaes ! Paixão mais forte ! a que precipicio não conduzes um coração tão amante, como o do ill.mo snr. D. Bule de Barros !

Sim, snr.as, elle soffre o desprezo da sua familia, que chora occultamente o desacerto do fogoso e apaixonado Bule. Sua avó D. Terrina se ensopou em lagrimas, sua mãe D. Oleria perde o exercicio de obrar, sua prima D. Chicara Pires ficou de aza cahida, e os mais parentes lhe deram com os pratos na cara ; porém tudo soffreu intrepido, e casando clandestinamente foi obrigado a fugir para longe da patria, onde com socego pudesse disfructar a dôce herança, que do Brasil tinha vindo a seu tio Assucareiro de Barros, e fazia principal dote de sua amada prima D. Cafeteira.

Postos de noite ao caminho, levando comsigo toda a herança, um infausto successo (não sei, amadas irmãs, como tenho animo para referil-o), uma infelicidade (estala-me o coração de pena), um acaso (perde-se-me a voz na garganta), sim, é forçoso dizêl-o, D. Cafeteira cahiu no chão com a pressa, com que fugia, e por mais que o amante esposo corre a soccorrel-a, já a dura, e inexoravel parca tinha feito em pedaços aquelle idolatrado emprego do nosso heroe. O dôce, mas pesado ímpeto foi a causa de sua ruina. É esta a condição

das riquezas, que apegado o interior a ellas, vem a motivar perda a quem as adora.

Aqui, senhoras, devo eu passar em silencio o sentimento do ell.mo e exc.mo snr. D. Bule de Barros, nome que será sempre respeitado entre nós ; faltam-me as expressões ; á nossa imaginação, ainda mais á nossa dôr cumpre supprir a falta da mesma eloquencia. Eu nem ao menos posso representar-vos bem as idéas, que rolam em sua cabeça, e a saudade, que lhe fere o intimo do coração. Ah ! foi precisa toda a sua constancia para não estalar de pena. Já lhe lembra tornar, como filho prodigo, para casa de seu pai ; já projectava desterrar-se voluntariamente para vêr se com a veriedade de objectos suavisava a tyranna dôr, que na ausencia da amada esposa lhe convertia em desgosto a propria existencia ; um dia porém, que entregue á sua magoa, reflectia na mísera sorte dos mortaes, desenganado das falsas apparencias do mundo, elle fórma o heroico designio de recolher-se a uma clausura, onde, depois de dar o ultimo adeus ao mundo, e ás brilhantes honras do seculo, se exercitasse nas obras de caridade, para com ellas expiar as desordens, que tinha commettido. Elle executa este grande e louvavel projecto, que sendo a segunda época da sua vida, formará igualmente a segunda parte do meu discurso.

Não fluctuou muito tempo o nosso heroe sobre a escolha do sitio, e muito menos sobre a eleição da pessoa, a quem devia sujeitar-se : tudo tinham prevenido os fados. A amargura do seu interior, e a perda da dôce herança que tivera, lhe destinou para castigo uma irmã não só barbara, mas declarada inimiga do assucar no chá ; n'estas circumstancias tão repugnantes ao seu genio, entra o paciente Bule no exercicio do seu

ministerio ; mas que violencia não faz a seus briosos e elevados espiritos ! O vêr-se reduzido aos mais humildes, e crueis desprezos ! Ah ! religiosas senhoras, se eu passar pela imaginação a abolida conducta de tão illustre personagem, eu sinto, não é enternecer-me, mas edificar-me : vós o sabeis, senhoras, mas eu não posso dispensar-me de o referir. Que insoffriveis fumos envoltos em agua lhe introduziu a Escolastica ! Que nauseas não tolerou entre os descarnados dedos de Maria da Conceição ! Que pragas não ouviu ! Que tombos não levou ! E tudo isto sem queixar-se ! Nós mesmas não faziamos caso d'elle, e agora somos obrigadas a confessar seu merecimento e a chorar a sua perda.

Devoto sem hypocrisia, elle apparecia muitas vezes á porta do côro : vigilante sem affectação, elle ia a todos os leitos, onde a caridade o chamava. Depois de tolerar sem queixar-se do duro tratamento que soffria, já posto sobre o tijolo, já deixado na cozinha, já descoberto á janella, já perdido na capoeira das gallinhas, e mais que tudo vendo outros bules, que não podiam competir com elle em nobreza, postos em pintados armarios, sobre brunidas commodas, no meio de finas chavenas, com logar destinado, em acroados taboleiros ; ao collo de delicadas e formosas damas, providos de precioso chá perola, e elle desprezado, abatido, e quasi destinado a servir unicamente a tintura de papoilas.

Que heroismo não é preciso para tolerar em silencio tantas e tão repetidas affrontas ? Barbara irmã, se as lagrimas, que correm de teus olhos não fôssem mudas do teu sentimento, eu deveria arguir-te da crueldade que executaste com tão edificante Bule. Chora,

pois, chora a perda, que experimentaste e expõe a toda esta religiosa assembleia o muito que lhe deveste. Ah ! quantas vezes, antes de tocar o segundo sino, o achaste á cabeceira para te compor o estomago ? Quantas te não foi acompanhar á cêrca ? Quantas te não foi visitar no zimborio ? Quantas . . . Faltam-me, senhoras, faltam-me os termos, para descrever o prestimo, a caridade. e o soffrimento do nosso heroe, que cheio de tão avultados merecimentos, viu aproximar-se sem susto o termo da sua duração. Ó dia deploravel, de cuja lembrança grita o sangue em nossas veias ! Ó momento terrivel da fatal queda, que arruinou, e fez em pedaços o precioso composto, que servirá de modelo a todas as idades ! Tristes despojos, que fostes victimas do culpável descuido ! Depois de receberdes as copiosas lagrimas da affectiva, e saudosa Thomazia, depois de serdes chorados por todo o mosteiro, por toda a provincia, e por todo o reino, vós mereceis em todo o tempo a saudosa lembrança das apaixonadas do chá ; e as vossas edificantes acções servirão para persuadir-n'os do quanto é fragil tudo o que o mundo encerra ; que tudo é pó, e em pó se ha-de tornar — *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

Descançae, descançae agora em paz ; e se no sitio em que jazeis podem servir-vos de allivio as nossas saudosas memorias, tende a certeza, de que jámais se fará merenda de caldo de unto á noite, que não lembreis a todas ; jámais se fará meia noite, que não tributemos enternecidas, a manter suspiros, como suffragios á vossa lembrança ; jámais passará bule algum para qualquer parte do mosteiro, sem que deixe de renovar-se a terna saudade, que hoje nos opprime, que sempre nos magôa, e que tem de acompanhar-nos além da morte.

E vós, illustres senhoras, a quem tão lastimoso objecto junta hoje n'este logar, se até agora commigo formaveis dôces e alegres consonancias, trocae as vozes em lagrimas, a melodia em suspiros, pois acabou o ill.mo e exc.mo snr. D. Bule de Barros, unico attractivo dos nossos respeitos, e dos nossos affectos : convertei agora esta capella em musica lugubre : ouça este mosteiro real os tristes ecos da nossa dôr : tributemos os ultimos obsequios á sua memória, dizendo em vozes enternecidas a seguinte quadra, que ha-de servir de epitaphio á sua sepultura, e de desafogo á nossa justa e eterna saudade :

Cahiu o galante Bule
Quebrou-se no duro chão,
Deixou-nos em seus pedaços
Restos da nossa paixão. » (1)

FIM

(1) Entendemos dever terminar o volume com estas graciosas paginas, que podem bem competir com o chiste e salnete de D. Francisco Manoel de Mello.

Nota do editor.

INDICE

	PAG.
DO EDITOR	5
A inocencia das aldeias	7
O castello de S. João da Foz	14
Acêrca dos jesuítas	23
Præceptor infelix	34
Fr. Diogo da Assumpção	37
Um bom ministro da fazenda para Portugal . .	40
Historia da egreja de Nossa Senhora da Lapa, do Porto	46
Noticias do Porto antigo	51
Mafra	65
A mesa mysteriosa	76
Izabel Clesse	82
Noticia dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal	100
Bordoada sacrilega	114
Manoel de Faria e Sousa	121
O annel da benção	143
Manoel de Sousa Coutinho e Miguel Cervantes	146
Passagens de uma carta autographa de um grande sabio	159

PAG.
Antiguidades de Braga.. 162
Carta de D. Antonio, Prior do Crato, aos lentes da Universidade de Coimbra 168
Nota ao *Leproso*, de Xavier de Maistre 172
As *Regras Gerais* do snr. J. M. P. S., da cidade do Porto 175
José Balsamo em Lisboa 188
Carta inédita ao cardial de Alpedrinha. 194
Justificação de um frade. 202
Um viajante no Minho em 1785 209
Divertimento das freiras de Lorvão 230

porta principal da egreja de S. João Baptista Thomar

PQ 9261 C3A16 18--
Castello Branco, Camillo
Mosaico e silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 05 12 001 6